



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

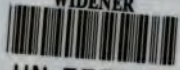
We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

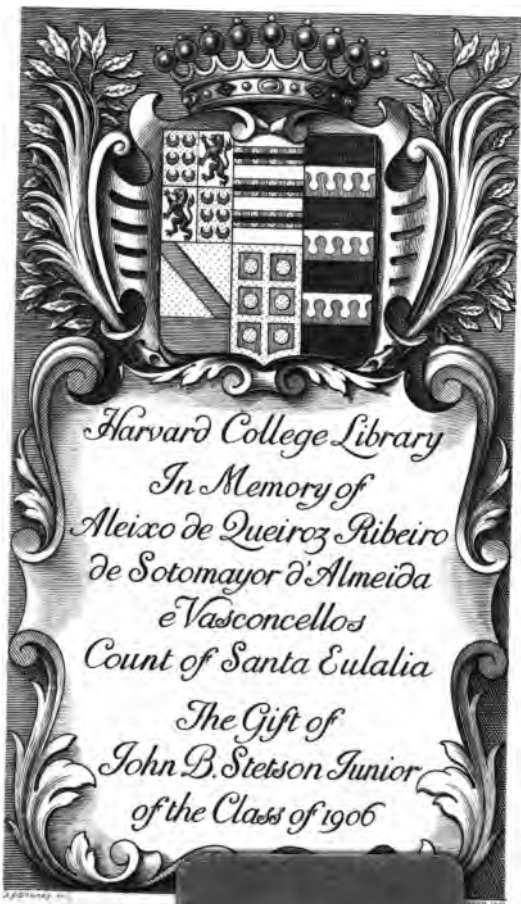
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

WIDENER



HN Z7ZF 3



Harvard College Library

In Memory of

Aleixo de Queiroz Ribeiro

de Sotomayor d'Almeida

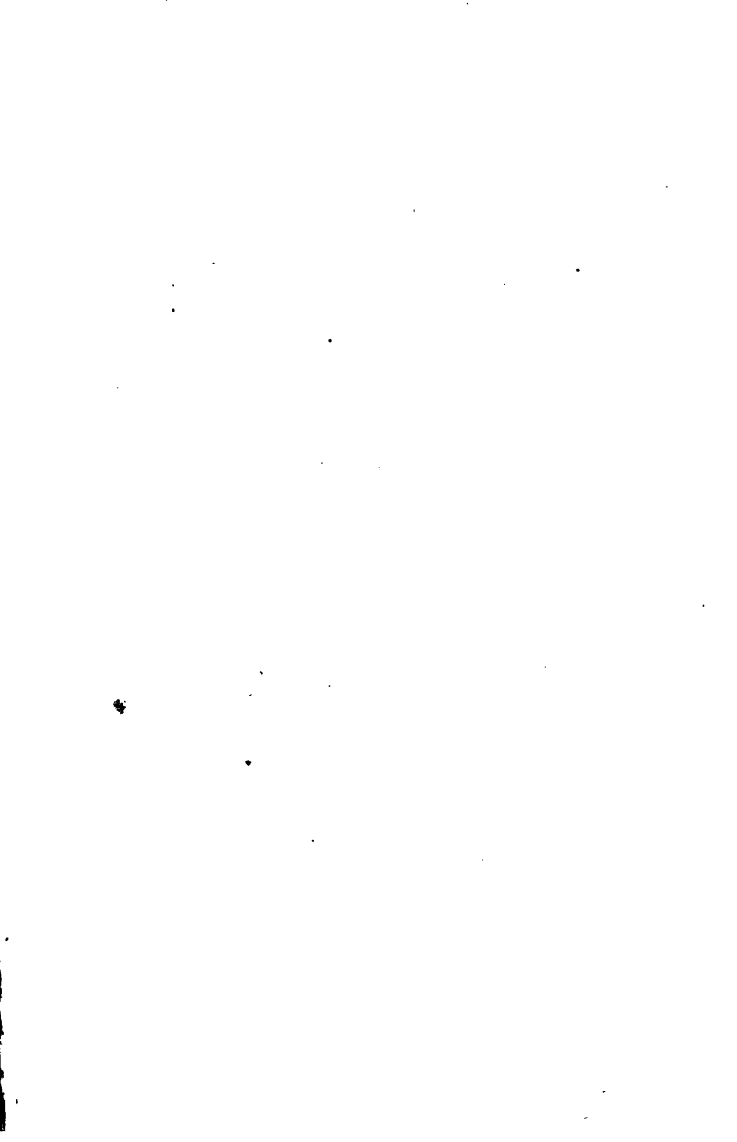
e Vasconcellos

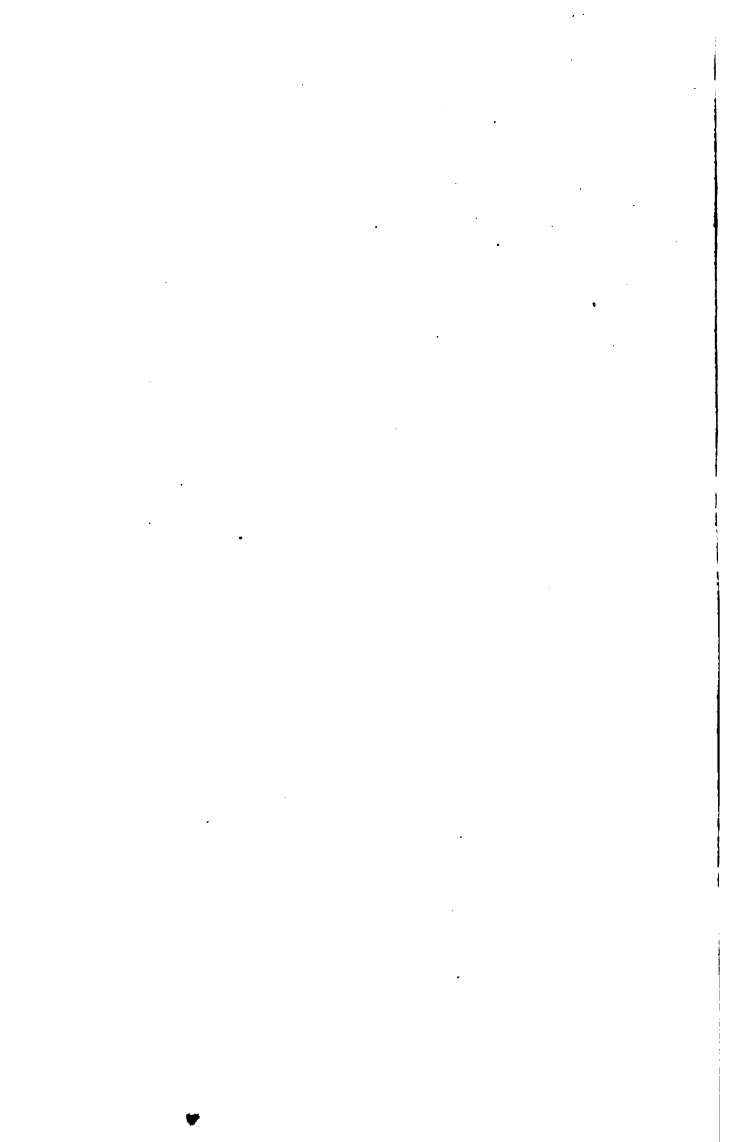
Count of Santa Eulalia

The Gift of

John B. Stetson Junior

of the Class of 1906





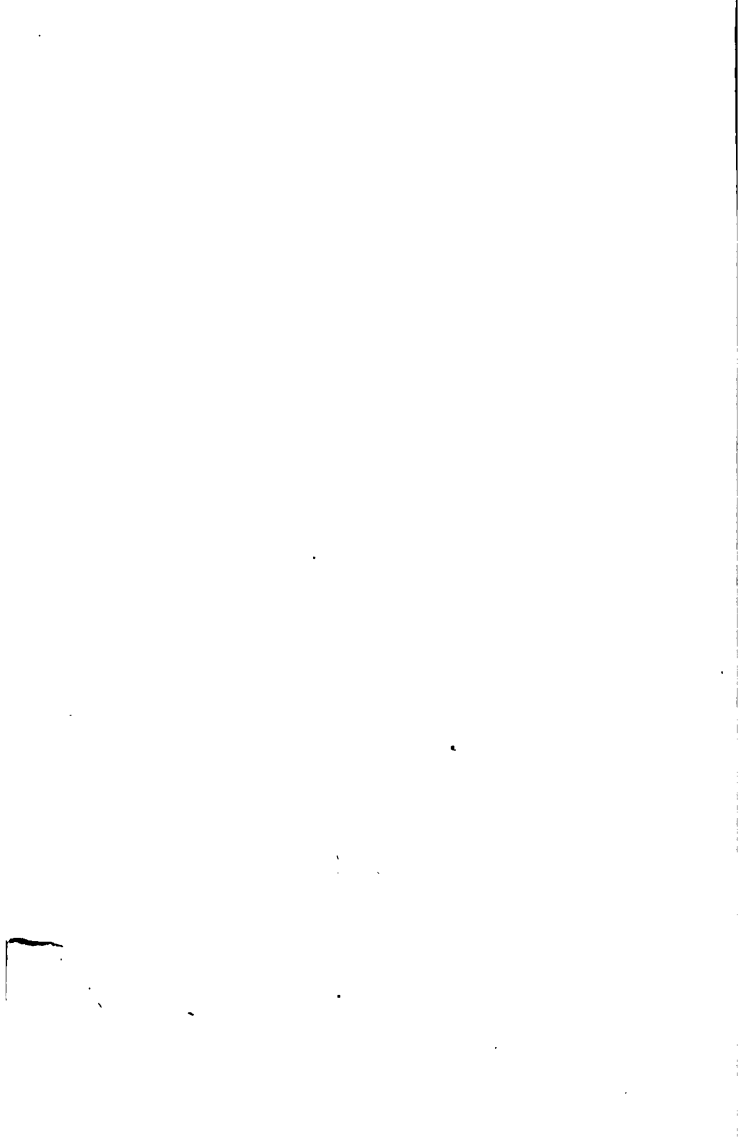
OBRAS

DO

V. DE ALMEIDA GARRETT

IV

(PRIMEIRO DO ROMANCEIRO)



ROMANCEIRO

PELO

V. DE ALMEIDA GARRETT

I

ROMANCES DA RENASCENÇA

QUINTA EDIÇÃO



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1875

Port 5912.2.5

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF,
JOHN B. STETSON, Jr.

OCT 26 1921

NA TERCEIRA EDIÇÃO

Publicamos emfim ésta nova edição da primeira parte do ROMANCEIRO que vai muito superior ás antecedentes, tanto pela correcção como pelos addicionamentos importantes que leva.

A de Londres de 1828 continha apenas a Adozinda e o Bernal-francez; a de Lisboa de 1843 ja lhe accrescentou mais quatro romances; na presente ha oito, além das novas traducções em várias linguas que n'este intervallo se teem publicado pela Europa. Não são todas porém, e ja muitas das mais notaveis versões appareceram colligidas no appendice do terceiro volume da presente obra publicado em 1851; outras o tinham sido no segundo junctamente com os originaes portu-

guezes primitivos que o nosso auctor reconstruía.

A sua predilecção por éstas reliquias da antiga poesia peninsular tem feito com que, desde a infancia até hoje, tenham ellas sempre sido a occupação das suas 'Horas de lazer' — '*Hours of idleness*' segundo a frisante expressão de Lord Byron; um quasi mialheiro poetico em que por intervallos, mas sempre, se vão deitando pequenas quantias até que chegam a formar um thesouro. Este é ja um verdadeiro thesouro para os que sabem avaliar a riqueza de uma lingua e de uma litteratura.

No meio dos trabalhos mais graves, das contrariedades mais apertadas da vida pública, o auctor não se tem esquecido do seu mialheiro, que, tornámos a dizê-lo, para nós é thesouro riquissimo. Se ainda assim o não julga Portugal, saiba ao menos que essa é a opinião da Europa.

Julho 8, 1853.

OS EDITORES.

NA SEGUNDA EDIÇÃO

Depois que publiquei em Londres, em 1828, o meu romancinho a *Adozinda* que aqui vai na frente d'este volume, cheguei a ter uma bastante collecção d'essas trovas e romances populares, xácaras e soláos — designações que, sinceramente confesso, não sei ainda quadrar bem nas diversas especies e variedades em que se divide o genero.

Eram uns vinte e tantos havidos pela tradição oral do povo, quasi todos colligidos nas circumvizinhanças de Lisboa pela indústria de amigos zelosos, e principalmente pelo obsequioso cuidado de uma joven senhora minha amiga muito do coração.

Por voltas do anno seguinte, 1829, os tinha eu pela maior parte correctos, annotados, —

e collacionadas as principaes das infinitas variantes que todos trazem, porque cada rhapsodista d'estes que sabe a sua xácara, a repette a seu modo, e sempre differente em alguma coisa do que outro a diz.

Cresceram logo mais os meus haveres pela contribuição de outro amigo tambem muito particular e muito prezado, o Sr. Duarte Lessa, homem de raras e prestantes qualidades que amenizava a constante applicação a mais graves estudos, cultivando a litteratura e as artes, cujas obras apreciava com tacto finissimo e zelava com fervor patriotico, porque intendia — e bem o intendia! — que ellas são o espirito, a alma, o *in ipso vivimus et sumus* de uma nação. Tinha elle adquirido em Londres varios livros e manuscriptos que haviam sido do célebre portuguez o cavalheiro de Oliveira, aquelle que renunciou ao importante cargo de nosso ministro na Haya para abraçar a communhão protestante, na qual viveu em Inglaterra os ultimos annos da sua vida, quasi unicamente da charidade de seus novos correligionarios.

Havia entre esses livros um exemplar da Bibliotheca de Barboza, inquadrernados os tomos com folhas brancas de permeio, e escriptas éstas, assim como as amplas margens do folio impresso, de lettra muito miuda, mas muito clara e legivel, com annotações, commentarios, emendas e addições aos escriptos do nosso douto e laborioso mas incorrecto abbadè.

Via-se por muitas partes que o longo trabalho do Oliveira fôra feito depois da publicação das suas *Memorias*, porque a miudo se referia a ellas, confirmando e ampliando, corrigindo ou retractando o que lá dissera.

Nos artigos *D. Diniz, Gil-Vicente, Bernardim-Ribeiro, Fr. Bernardo de Brito, Rodrigues-Lobo, D. Francisco-Manuel*, e em varios outros que vinha a proposito, as notas manuscriptas citavam, e transcreviam como illustração, muitas coplas, romances e trovas antigas — e até prophecias, como as do Bandarra — fielmente copiadas, asseverava elle, de Mss. antigos que tivera em seu poder na Hollanda e em Portugal, franqueados uns por judeus

portuguezes das familias emigradas, outros havidos das preciosas collecções que d'antes se conservavam com tão louvavel cuidado nas livrarias e cartorios dos nossos fidalgos.

Foi-me logo confiada a inextimavel descuberta; percorri com avidez aquellas notas, examinei-as com escrupulosa attenção, e, extractando uma por uma quantas coplas, cantigas e xácaras achei, completas e incompletas, accrescentei assim os meus haveres com umas cinquenta e tantas peças, d'ellas anonymas e verdadeiramente tradicionaes, d'ellas de auctor conhecido e que nas edições de suas obras se encontram, — taes como Bernardim-Ribeiro, Gil-Vicente e Rodrigues-Lobo — mas que differiam das impressas, consideravelmente ás vezes, muitas até na linguagem da composição, poisque algumas alli achei em portuguez, e manifestamente antigo e da respectiva epocha, as quaes só andam impressas em castelhano.

Com este auxilio corriji denovo muitos dos exemplares que ja tinha, e completei alguns fragmentos que ja desesperára de poder vir

nunca a restaurar. E tomando para modêlo as estimadas collecções de Elis e do bispo Percy, e a das fronteiras de Scocia por Sir Walter Scott, comecei a dar novo methodo e mais amplos limites á minha compilação que ao principio intitulára *Romanceiro-Portuguez*.

O longo e mais serio trabalho que por esse tempo emprehendi no meu tractado geral *Da Educação*, cujo primeiro volume se publicou em Londres em 1829, me fez relaxar n'aquell'outro: depois os cuidados politicos e alguns officiaes, o complemento e impressão de outra obra de mais grave assumpto, o *Portugal na Balança da Europa*, que foi impresso no anno seguinte, 1830, — talvez alguma inconstancia de auctor, bem desculpavel n'aquella tarefa, tam tediosa ás vezes, de collacionar, estudar e explicar textos ja viciados da ignorancia do vulgo por cujas bôccas e memorias andaram, ja de outra ignorancia mais confiada e mais corruptora ainda, a de copistas presumpçosos de letrados e de castigadores do que elles suppoem vicio.

Comtudo, e apezar d'aquellas e de outras

occupações e distracções, eu sempre voltava de vez em quando ao meu *Romanceiro*, e o tinha bastante adeantado, quando nos fins de 1831 abandonei tudo o que eram cuidados de sciencia ou recreações litterarias para me alistar no exercito da Rainha, e imbarcar para os Açores. Em Janeiro de 1832 sahi de Paris com praça de simples soldado, consegui por este modo tomar minha humilde parte n'aquella expedição, cujos avisados e cautelosos directores com tanto impenho afastavam toda a gente conhecida de verdadeira liberal, por todos os modos, por modos que hão de parecer incriveis, e que elles hoje negariam a pés junctos, se fosse possivel negar o de que ha tantas testemunhas e tantas victimas ainda vivas, tantos documentos que hão de durar mais que ellas.

A minha curta estada nas ilhas foi impregada quasi toda nos trabalhos de legislação e organização administrativa a que alli se procedeu, e de que me encarregou a amizade e confiança de um amigo particular, então em grande valimento, ao qual e á dura necessi-

dade de me achar eu unico alli que tivesse estudado aquellas materias, teve de ceder forçosamente a ciosa malevolencia dos accapara-dores que ja na esperança estavam devorando as ruinas de Portugal a que almejavam chegar — pelos esforços e risco alheio — não por-certo para meditar sôbre ellas como outros Marios — oh que Marios! — mas para as re-volver e basculhar como Alaricos . . .

Faziam-me a honra de me querer mal esses senhores: lisongeio-me de lh'o merecer: da-vam-se ao incómodo de me intrigar; e era desperdicio de tempo e de arte, porque não ha mister intrigas para tirar favor de principes a quem, como eu, os apprecia muito e se hon-ra muito d'elles, mas não é capaz de fazer o mais leve sacrificio para os conservar; jamais soube, em tantas oportunidades, convertê-los em nenhuma *consequencia legitima*; nunca, nem o mais indirectamente que é possivel, tractou de os consolidar em nenhuma reali-dade utilitaria e de proveito pessoal.

Peço perdão da digressão: não a fiz eu mas as coisas, — que pelos tempos em que vive-

mos tam baralhado anda tudo, que até a historia litteraria e poetica se confunde com a dos successos e relações politicas.

D'esse tam pouco e tam occupado tempo permittiu comtudo o accaso que alguns instantes se podessem aproveitar em beneficio do pobre *Romanceiro*, que alli ia tambem, o coitado, na expedição, incolhido e amarrotado na mochilla de um triste soldado raso, sem se lembrar de aspirar á inaudita honra de seu illustre predecessor, o Cancioneiro de Rezende, que serviu de Evangelho para jurar aquelle rei gentio. — Havia pouco por alli quem lhe importasse com Evangelhos e juramentos.

Foi o caso que umas criadas velhas de minha mãe e uma mulata brasileira de minha irman appareceram sabendo varios romances que eu não tinha, e muitas variadas licções de outros que eu sim tinha, porém mais incompletos. Assim se additou copiosamente o meu *Romanceiro*.

Mas este achado fez mais do que inriquecer, salvou-o: porque, ao partir para San'Mi-

guel, o deixei em Angra com minha mãe que Deus tem em glória, que desejava distrahir, com essas curiosidades que ella intendia e avaliava com o tacto perfeito e a sensibilidade elegantissima de que era dotada, alguma hora das tantas em que ja lhe pesavam duramente as molestias do último quartel da vida . . . Molestias aggravadas de muita afflicção e cuidado — nenhum que seus filhos voluntariamente lhe dessem — todos a adorámos e honrámos sempre — mas que lhe davamos, comtudo, pelas circumstâncias fataes da epocha e das confusões politicas em que andavamos mettidos.

Os meus outros papeis, trabalhos de historia consideraveis, fructo de longas visitas ao Museu-Real de Londres e á riquissima livraria portugueza do meu amigo o Sr. Goodeen; uma tragedia que tinha sido julgada valer alguma coisa pelos que a viram — era o assumpto o Infante-Sancto em Fez; — um largo poema com pretenções, antes desejos, de ser Orlando, ja em trinta e tantos cantos — e promettia crescer! — cujo assumpto era o *Ma-*

grição e os seus *Doze*; — o segundo volume do tractado *Da Educação* prompto a entrar no prélo: — quatro livros ou cantos de um romance ou poema — cabia-lhe uma e outra designação — a que dava thema a interessante e romanesca legenda da fundação da casa de Menezes — pedido de minha boa irman que decerto não tinha vaidade, porque sempre lhe sobrou o juizo, mas gôsto sim, de que seus filhos se honrassem com o nome illustre de seu pae: — uma quantidade immensa de estudos e trabalhos sôbre administração pública; — tudo isso veio commigo para S. Miguel e ahi o deixei ao imbarcar, porque era defeso ao pobre soldado levar as suas mallas, e o logar era pouco para as bagagens dos que só eram bagagem. D'ahi me vinha, com outros valores mais substanciaes, e se perdeu tudo em um navio que affundaram as ballas inimigas á entrada do Porto nos derradeiros dias d'esse mesmo anno de 1832.

Descancem em paz no amigo lodo do meu patrio-rio! N'outros lodações peiores teriam de cahir talvez se escapassem: o da indiffe-

rença pública que porventura mereciam, o de muitos odiosinhos e invejasinhas tolas que não mereciam decerto, porque eram filhos de bom e innocente ânimo, como sempre têm sido os meus.

Assim fossem todos !

Desde 1834, que me voltou a Lisboa o milagrosamente escapado *Romanceiro*, ainda não passei verão que lhe não dêsse algumas das horas descuidadas que n'aquella quadra ou se hão de dar a éstas occupaões mais leves ou a nenhuma. E n'estes oito annos tem-se locupletado consideravelmente com as contribuições de muitos amigos e benevolentes a alguns dos quaes nem posso ter o gôsto de agradecer aqui o favor recebido, porque incitados pela leitura da *Adozinda*, me remetteram anonymamente pelo correio o fructo de suas colheitas. A principal parte de um bello romance, um dos mais bellos que jamais vi em collecção alguma nacional ou estrangeira e que hoje inriquece o meu *Romanceiro*, assim me foi mandada, creio que do Minho. Outro fragmento que vinha nos respi-

gos ajunctados n'esta ceara pelo nosso insigne poeta o Sr. A. F. de Castilho, e que elle teve a bondade de me confiar, veiu dar-lhe o complemento que faltava e restituir á perfeição em que hoje está. É um romance de origem visivelmente franceza, se provençal ou normanda não me atrevo a decidir, em que se conta — um tanto diversa das chronicas antigas e do elegante poema de *Millevoix*, a historia do secretario Eginard e da muito bondosa filha de seu senhor e amo o poderoso imperador Carlos-Magno. Os nossos Scaldos vulgares lem hoje... não lem tal, mas repettem *Gerinaldo*, corrupção do que ao principio foi Eginaldo, adoçados em *ll os rr* francezes, como se fez em Giraldo, Reginaldo, antigamente em Bernal e Bernaldo, e em outros muitos nomes que de la vieram tam duros ou mais.

Mencionei este exemplo entre muitos por cahir em coisa notavel, e para se ajuizar dos outros.

Mr. Pichon, bem conhecido em Lisboa, que foi ultimamente consul francez no Porto

e agora creio que em Barcelona, tinha começado a formar em 1832-33 uma pequena collecção de xácaras portuguezas de que tambem me aproveitei. Mas o incançavel collector a quem mais obrigações devi em Portugal foi o meu condiscipulo o Sr. Dr. Emygdio Costa, advogado n'esta côrte e ha pouco fallecido, que generosamente me confiou a sua larga collecção principalmente feita nas duas Beiras, n'aquelle verdadeiro coração e amago do Portugal primitivo que occupa a região d'entre Lamego e Serra d'Estrella.

O Sr. Rivara, bibliothecario em Evora, o meu velho amigo o Sr. M. Rodrigues d'Abreu, bibliothecario em Braga, o meu antigo e fiel companheiro o Dr. J. Eloy Nunes-Cardoso, de Montemor-o-Novo, com assentamento dobrado, como diria um *bel esprit*, um *dos cultos* de Seiscentos, na Casa Real d'Apollo, por doutor e trovador tambem, — todos estes cavalheiros me têm ajudado com indicações, livros, folhetos antigos e cópias laboriosamente escriptas sob o dictar dos rusticos depositarios das nossas tradições populares.

Os trabalhos e recopilações de D. Agustín Duran sôbre os cancioneros e romanceiros castelhanos, obra publicada em Madrid em 1832, mas que só por aqui chegou cinco ou seis annos depois, veio illustrar-me em muita dúbida e ajudar-me a classificar muita coisa difficil. A nova e augmentada edição do Sr. Ochoa, impressa em Paris em 1838, e que mais depressa nos trouxe a mais habitual conversação e commercio litterario que temos com a França, algum tanto me auxiliou tambem. A traducção elegante de Mr. Lockart que n'aquella tam linda e fastosa edição de Londres de 1841 deu á lingua e á nação ingleza a mais poetica e romantica idea que jamais será possivel dar a um povo extranho e em idioma extranho das immensas riquezas do Nibelungen peninsular, mais que nenhuma coisa me inspirou e animou no meu trabalho, porque é um documento, um monumento grandioso da extraordinaria importancia e valia que este genero de coisas está merecendo á Europa culta.

O Sr. Herculano, bibliothecario da Real

bibliotheca da Ajuda, com cuja provada amisa-
 sade me honro tanto quanto a nação deve
 gloriar-se de seus escriptos, tambem me tem
 ajudado não pouco com os preciosos achados
 que, no seu incessante lavrar das minas ar-
 cheologicas, tem encontrado e repartido com-
 migo. Por seu favor tornei a examinar, no
 Ms. original, o famoso cancionero ditto do
 Collegio dos Nobres, hoje na bibliotheca Real;
 e com éstas e com as colleções allemans e
 francezas, e creio que com quasi todas as dos
 povos do Norte, tenho collacionado as nossas
 rhapsodias populares, muitas das quaes, por
 este modo vim a conhecer visivelmente, que
 tinham a mesma commun origem. Os erudi-
 tos trabalhos de Mr. Raynouard sôbre a lin-
 gua romance ou provençal me allumiaram
 muita vez n'esta obscura e inredada tarefa.

A interessante e conscienciosa memoria do
 Dr. Bellermin impressa em Berlim em 1840,
 e o conhecimento de que a sociedade allemã
 para a reimpressão dos livros raros estava
 publicando em portuguez o nosso Cancio-
 nero de Rezende; o interêsse geral que hoje

se tem desenvolvido no mundo pela litteratura popular das nações modernas e especialmente das nossas peninsulares — interêsse que, porfim e emfim, hade vir a reflectir em nós tambem, e despertar-nos para abrir os olhos ás riquezas proprias, ainda que não seja senão pelas ver tam prezadas de extranhos — os conselhos e rogos do meu particular amigo e quasi compatriota nosso, o sr. João Adámsen, tudo isto me fez alargar mais o plano da minha obra e collecção.

Resolvi, sob nova denominação de *Romanceiro e Cancioneiro-Geral*¹, reunir todos os documentos que eu podesse para a historia da nossa poesia popular, desde onde memorias ou conjecturas ha, até á epocha actual, acompanhando-os de explicações e glossas, que vão servindo de nexos, que sejam como a liazça, o nastro que áte estes pergaminhos.

Quem não tem olhado senão á superficie da nossa litteratura, quem cego do brilho classico das nossas tantas epopeas, seduzido pela

¹ Alterou-se este plano; só se tracta por agora do *Romanceiro*.

flauta magica dos nossos bucolicos, entusiasmado pelo estro tam ricco e variado dos innumeraveis poetas que, nos quartetos e tercetos sicilianos da elegia, da epistola e do soneto, rivalizam, e tantas vezes luctam de vantagem, com o proprio Petrarcha: quem, sôbre tudo — porque n'esse genero é a musa portugueza superior á de todas as linguas vivas — adora em Sá-de-Miranda, Ferreira, Diniz, Garção e Filinto o genio redivivo de Horacio e de Pindaro — não crê, não suspeita, hade ficar maravilhado de ouvir dizer, como eu quero dizer e provar no presente trabalho, que ao pé, por baixo d'essa aristocracia de poetas, que nem a viam talvez, andava, cantava, e nem com o desprêzo morria, outra litteratura que era a verdadeira nacional, a popular, a vencida, a tyrannizada por esses invasores gregos e romanos, e que a todos os esforços d'elles para lhe obliterarem e confundirem o character primitivo, resistia na servidão com aquella fôrça de inercia com que uma raça vencida, com que a população aborigine de um paiz resiste a igual impenho de seus conquistado-

res que lhe usurparam a dominação, e que, seculos e seculos depois, quando esses já não são, ou não cuidam ser, senão uma casta privilegiada e patriciana, reagem fortes aquell'outros com o que seus proprios senhores lhes insinaram, regenerados por seu longo martyrio, e extirpam muitas vezes, mas geralmente se contentam de avassallar, os seus antigos oppressores.

É a historia de todos os povos, e por consequencia de todas as litteraturas.

É a historia litteraria de Portugal no segundo quartel d'este seculo: é o que foi ésta reacção vulgarmente chamada romantica, mas que não fez mais do que trazer a *renascença* da poesia nacional e popular. Nenhuma coisa póde ser nacional se não é popular.

Aqui está o porquê, o como e o paraquê fiz a collecção de que este volume é a primeira parte, ou mais exactamente a introducção, e que apenas contém o que eu, á miagua de melhor nome, designarei com o titulo de *Romances da renascença*: são os que resuscitei e como qua traduzi das quasi apagadas e mu-

tiladas inscripções que desinterrei da memoria dos povos.

Os textos originaes d'estes, restituídos quanto é possível, os de muitos outros que appareceram menos imperfeitos na mesma excavação, muitissimos que se têm achado em livros e papeis desprezados hoje, e em collecções Mss., estão promptos, classificados, annotados, e sahirão em seguimento d'este volume, apenas o permittam as difficuldades, sempre recrescentes em Portugal, de se publicar qualquer coisa.

Eu tenho posto termo, ou pelo menos suspensão indefinida a toda a occupação litteraria propriamente ditta, para absolutamente me dedicar, em quanto posso e valho, á conclusão de um trabalho antigo, mas interrompido muitas vezes, que agora jurei acabar; são *Vinte annos da historia de Portugal*, periodo que começa em 1820 e chega aos dias de hoje, mas que não sei se ja anda mais inredado e confuso do que o dos mais antigos e obscuros seculos da monarchia.

Espero começar a publicá-lo no fim d'este

ânno ¹; e nenhum tempo ou lugar me sobrarã portanto para mais nada. O *Romanceiro* porém e *Fr. Luiz de Sousa* estão promptos a entrar no prelo e, quanto é por minha parte, não farão esperar o público.

Lisboa, 12 de Agosto de 1843.

¹ Dez annos são passados e a promessa nem commeçou a cumprir-se (1853). Supponmos o A receioso de arrostar com a audaciosa responsabilidade de historiador contemporaneo.

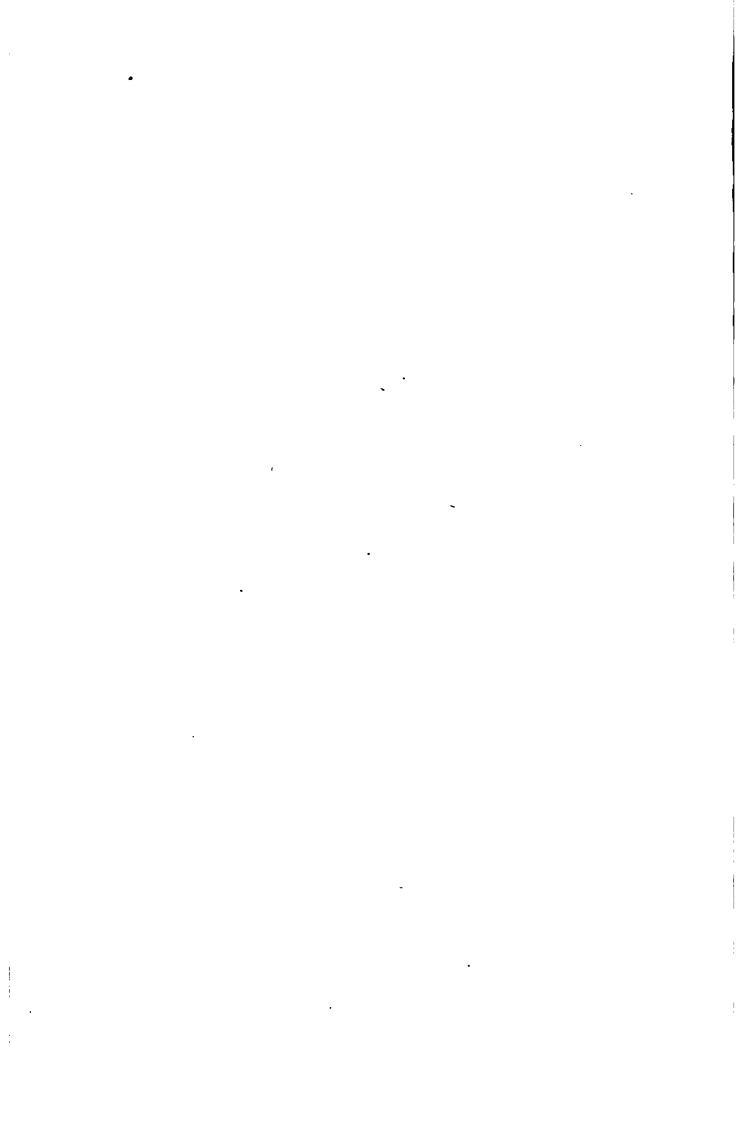
ROMANCEIRO

LIVRO PRIMEIRO

—

I

ADOZINDA



AO SR. DUARTE LESSA ¹

Eis-ahi vai, meu amigo, o romance em que lhe fallei n'uma das minhas últimas cartas de Portugal. Estava quasi todo copiado; e aqui nem paciencia nem tempo me chegavam para as muitas correcções e alterações que elle precisava; por limar lhe vai, e por limar irá para a imprensa: tanto melhor para quem gostar de dizer mal, que não lhe faltará de quê.

Creio que é ésta a primeira tentativa que ha dous seculos se faz em Portuguez de es-

¹ Serviu de prefacio á primeira ed. de Londres no anno de 1628.

crever poema ou romance, ou coisa assim de maior extensão, n'este genero de versos pequenos, *octosyllabos*, ou de redondilha como lhe chamavam d'antes os nossos. No meu resummo da historia da lingua e da poesia portugueza, que vem no primeiro volume do *Parnaso-Lusitano* impresso ultimamente em Paris, — a so coisa minha que ha n'aquella collecção, porque assim na escolha das peças, como na ordem e systema da obra me trans-tornaram e me inxovalharam tudo com notas pueris, ridiculas, e até malcreadas algumas, — n'esse resummo toquei de leve, e em tudo o mais, sôbre a belleza d'estes nossos versos *octosyllabos*, que nos são proprios a nós hespanhoes, tanto portuguezes como castelhanos, e, para certos assumptos e certos generos de poesia, mais adequados do que nenhuma outra especie de rhythmo. Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos: hoje está averiguado com certeza que não foi comeffeito elle o primeiro que nas duas linguas cultas das Hespanhas compoz dos taes versos hendecasyllabos; mas é certo e além

de toda a dúvida que do tempo de Boscan e de Garcilasso em Castella, e logo de Sá-de-Miranda e Ferreira em Portugal, começaram aquelles nossos metros primitivos a cahir em mais desuso, a não se impregarem senão em certo genero de poesia ligeira ou, segundo lhe os Francezes chamam, *fugitiva*. Francisco Rodrigues-Lobo e muito depois D. Francisco Manuel-de-Mello ainda n'elles fizeram romances historicos; Violante do Ceo muitas das suas lindas e agora tam mal apreciadas poesias; ainda se fizeram posteriormente eglogas, e o que os poetas da Phenix-renascida e os campanudos vates das mil e uma academias do seculó xvii e xviii chamavam *romances* — que certamente não eram o que hoje strictamente se intende por este nome. Em tempos mui posteriores felicissimamente os reviveu o nosso grande e incomparavel Tolentino na satyra, e no tam faceto e delicadissimo seu proprio e privativo genero da poesia *de sociedade*.

A nossa poesia primitiva e eminentemente nacional, a que do principio e, para assim

dizer, do primeiro balbuciar da nossa lingua, nos foi commum com todos os outros povos que mais ou menos tiveram communhão com a lingua provençal, primeira culta da Europa depois da invasão septentrional, foi seguramente o romance historico e cavalheresco, ingenua e ruda expressão do enthusiasmo de um povo guerreiro. Logo vieram esses trovadores de Provença e nos insinaram modos mais cultos porêm menos originaes e menos cunhados do sêllo popular: era coisa mais de côrte. E como tal não pôde absorver, senão modificar, o que brotára spontaneamente do natural da terra. Mas as duas feições ficaram ambas, e deram assim á poesia portugueza um character talvez unico no mundo, — nas Hespanhas decerto.

Em geral a poesia da meia-edade, singela, romanesca, apaixonada, de uma especie lyrica-romantica que não tem typo nos poetas antigos, comquanto deixou seu cunho impresso no character das linguas e poesias modernas de todo o sul e occidente da Europa, não teve contudo imitadores nem se cultivou e apper-

feiçãoou nunca mais, quasi desde o completo triumpho dos classicos, senão agora recentemente depois que as balladas de Bürger, os romances poeticos de Sir W. Scott e alguns outros ensaios inglezes e allemães, mas principalmente os do famoso escocez, introduziram este gôsto e o fizeram *da moda*. Fatigados do grego e romano em architecturas e pinturas, começámos a olhar para as bellezas de Westminster e da Batalha; e o appetite imbotado da regular formosura dos Pantheons e Acropolis. começaram, por variar, a inclinar-se para as menos classicas porém não menos lindas nem menos elegantes fórmãs da architectura e da sculptura gothica.

Sucedeu exactamente o mesmo com a poesia: infastidados dos Olympos e Gnidos, saciados das Venus e Apollos de nossos paes e avós, lembrámo'-nos de ver com que maravilhoso infeitavam suas ficções e seus quadros poeticos nossos bis e tres-avós; achámos fadas e genios, incantos e duendes, — um stylo differente, outra face de coisas, outro modo de ver, de sentir, de pintar, mais livre, mais

excentrico, mais de phantasia, mais irregular, porém em muitas coisas mais natural. O antiquado agradou por novo, o obsoleto entrou em moda: arte mais fina, gôsto mais delicado e de ingenhos mais cultos o soube impregar habilmente, 'decalcar n'outra civilização.' A poesia romantica, a poesia primitiva, a nossa propria, que não herdámos de Gregos nem Romanos nem imitámos de ninguem, mas que nós modernos creámos, a abandonada poesia nacional das nações vivas resuscitou bella e remeçada, com suas antigas galas porém melhor talhadas, com suas feições primeiras porém mais compostas. É a mesma selvatica, ingenua, caprichosa e aerea virgem das montanhas que se appraz nas solidões incultas, que vai pelos campos allumiados do pallido reflexo da lua, involta em veos de transparente alvura, folga no vago e na incerteza das côres indistinctas que nem occulta nem patenteia o astro da noite;—a mesma beidade myste-riosa que frequenta as ruinas do castello abandonado, da tórre deserta, do claustro coberto de hera e musgo, e folga de cantar suas en-

deixas desgarradas á bôcca de cavernas fadadas—por noite morta e horas aziagas. É a mesma sem dúvida: porém o gôsto mais puro e fino de seus adoradores, sem alterar a liturgia, modificou os ritos e os acomodou para espiritos e ouvidos costumados aos hymnos, menos variados porém mais cadentes, da antiguidade classica. Não ficou menos natural nem menos nacional, porém muito mais amavel e incantadora a nossa poesia primitiva assim resuscitada agora.

Muito antes do nomeado escoccez ja tinha havido tentativas para nacionalizar a poesia moderna e a libertar do jugo da theogonia d' Hesiodo:—mas a propria e verdadeira restauração da poesia dos trovadores e menestreis, sem questão nem disputa, só W. Scott a fez popular e geral na Europa.—Com ella se restauraram tambem os metros simples e curtos que mais naturaes são ao stylo cantavel, essencial ás composições d'aquelle genero.

Depois de muitas tentativas, de exame longo e reflectido, eu por mim convenci-me de que o metro proprio e natural de nossa

lingua para este genero de poesia, e para todos os generos populares, não era o hendecasyllabo, o que dizemos vulgarmente heroico. Os portuguezes são uma nação poetica, a sua lingua naturalmente se presta e spontanea se offerece ás fórmãs e cadencias metricas; os nossos mais rudos camponezes improvisam em seus serões e festas com uma facilidade que deve de espantar os estrangeiros: mas observe-se que o metro d'estes improvisos é sempre sem excepção alguma o de redondilha de oito syllabas, rara vez o da endexa; acaso farão os versos compostos visivelmente de dois metros, isto é, os alexandrinos ou dittos de arte-maior. A causa é óbvia; aquella é a medição mais natural que lhes offerece a musica da lingua.

Entre as canções antiquissimas conservadas nos dois cancioneiros, o do Collegio dos Nobres (impresso por Sir Charles Stuart em Paris) e o de Rezende, ha muita variedade de metros; mas outras poesias mais antigas, os romances populares ou *xácaras*, que por tradição immemorial se conservam entre o povo,

principalmente nas aldeias, todos são no metro octosyllabo ou em endexas. Logo direi aqui alguma coisa mais de vagar sôbre éstas curiosissimas, e tam desprezadas mas tam interessantes, reliquias da nossa archeologia.

O genero romantico não é coisa nova para nós. Não fallo em relação aos primeiros seculos da monarchia: restam-nos ainda *specimens* das canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues, de Egas Moniz, d'elrei D. Pedro Cru, mas são antiquissimos documentos de certo. As trovas dos Figueiredos, apezar do tam suspeito testemunho de Fr. Bernardo de Brito, creio, por convicção intima, que são das mais antigas composições poeticas da lingua que chegaram até nós. Não alludo porém a epochas tam remotas e incultas. Depois de introduzido o gôsto classico por Sa-Miranda, e Ferreira principalmente, depois de esquecidas as graças singellas de Bernardim Ribeiro pelos mais ataviados primores de Camões e Bernardes, ainda então houve quem de vez em quando deixasse a lyra de Horacio e a frauta de Theocrito para tocar o alabude ro-

mantico dos menestreis. O proprio auctor dos *Lusiadas* nas canções, que, depois d'aquelle, são sua melhor composição, para meu gosto, n'essas canções tam bellas e tam profundamente sentidas, tam repassadas de melancholia suavissima, em alguns episodios dos mesmos *Lusiadas*, foi todo romantico, e felicissimamente o foi. Francisco Rodrigues-Lobo, segundo ja observei, em muitas das pequenas peças que se encontram dispersas pelo *Pastor-peregrino*, pela *Primavera*, e nos seus romances moiriscos e historicos, é eminentemente romantico. Tal é Jeronymo Cortereal no *Naufragio-de-Sepulveda*, quando o deixam com a natureza e lhe permittem ter *sensu communi* as loucuras mythologicas com que perdeu tam bem escolhido assumpto, tam bellas scenas.

Deixando outros muitos, dos quaes o menor exame facilmente mostrará o mesmo, citarei aquelle romancesinho de Gaia e do rei Ramiro, que V. descobriu em Londres com o precioso achado dos papeis e livros do nosso infeliz Oliveira.

Depois que, na extincção dos Jesuitas, e pelos esforços da benemerita Arcadia se restauraram as bellas-lettras e a lingua, e o verdadeiro gôsto poetico affugentou os *acrostichos* e os *labyrintos* seiscentistas, o genero classico resuscitou mais puro e tam bello nas lyras do elegante e puro Garção; do altissonante Diniz, do sublime Filinto, do numeroso Bocage, do classico Ribeiro-dos-Sanctos, do ingenuo Maximiano Tôrres, do galantissimo Tolentino, do philosopho Caldas; mas o genero romantico injustamente involvido na proscripção do seiscentismo, esse desprezado e perseguido, ninguem curou d'elle, julgaram-n'o sem o entender, condemnaram-n'o sem o ouvir.

No meu poemasiinho do Camões aventurei alguns toques, alguns longes de stylo e pensamentos, annunciei, para assim dizer, a possibilidade da restauração d'este genero, que tanto tem disputado na Europa litteraria com aquelloutro, e que hoje coroado dos louros de Scott, de Byron e de Lamartine vai de-par com elle, e, não direi vencedor, mas tambem não vencido.

D. Branca, essa mais decididamente entrou na lice, e com o alahude do trovador desafinou a lyra dos vates; outros dirão, não eu, se com feliz ou infeliz successo.

Não é portanto, em nenhum sentido, novo hoje para a litteratura portugueza o genero romantico, nem me appresento agora com este meu romancesinho ao público portuguez a pedir privilegio de invenção ou patente de introducção. Se reclamo aqui prioridade é somente em ter instaurado as antigas e primitivas fórmulas metricas da lingua em uma especie de põesia que tambem foi a primitiva sua, e ao menos a mais antiga de que tradição nos chegou.

De pequeno me lembra que tinha um prazer extremo de ouvir uma criada nossa, em tórno da qual nos reuniamos nós os pequenos todos da casa, nas longas noites de inverno, recitar-nos meio cantadas, meio rezadas, 'éstas xácaras e romances populares de maravilhas e incantamentos, de lindas princezas, de galantes e esforçados cavalleiros. A monotonia do canto, a singelleza da phrase, um não-sei-

quê de sentimental e terno e mavioso, tudo me fazia tam profunda impressão e me inlevava os sentidos em tal estado de suavidade melancolica, que ainda hoje me lembram como presentes aquellas horas de gôso innocente, com uma saudade que me dá pena e prazer ao mesmo tempo ¹.

Veio outra idade, outros pensamentos, occupações, estudos, livros, prazeres, desgostos, afflicções — tudo o que compõe a variada tea da vida, — e da minha tam trabalhosa e trabalhada vida! — tudo isso passou; e no meio de tudo isso, lá vinha de vez em quando uma hora de solidão e de repouso, — e as noites da minha infancia e os romances incultos e populares da minha terra a lembrarem-me, a lembrarem-me sempre.

Lendo depois os poemas de Walter Scott, ou, mais exactamente, suas novellas poeticas,

¹ O Sr. Duque de Ribas, bem conhecido na Europa hoje, tomou para epigraphe do seu *Mero-esposito* este paragrapho da presente carta: não me desvanço por mim, mas dá-me gôsto que precedesemos os nossos vizinhos na restauração da poesia popular das Hespanhas. *Ed. de 1843.*

as *ballads* allemans de Bürger, as inglezas de Burns, comecei a pensar que aquellas rudes e antiquissimas rhapsodias nossas continham um fundo de excellente e lindissima poesia nacional, e que podiam e deviam ser aproveitadas.

Em Paris fui ver o *cancioneiro* do Collegio dos Nobres na defeituosa edição de Sir Charles Stuart; depois voltando a Portugal tornei a percorrer o de Rezende: no primeiro nada, no segundo pouco achei do romance historico ou narrativo. D'esta última especie não ha impresso mais que esses duvidosos fragmentos conservados por Fr. Bernardo de Brito e por Miguel Leitão.

Recorri á tradição: estava então eu fóra de Portugal; estimulava-me a leitura dos muitos ensaios extrangeiros que n'esse genero iam apparecendo todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente em Allemanha. Uma estimavel e joven senhora de minha particular amizade — a quem por agradecida retribuição é dirigida a introdução do presente romance — foi quem se incumbiu de me pro-

curar em Portugal algumas cópias das xácaras e lendas populares.

Depois de muitos trabalhos e indagações, de conferir e estudar muita cópia barbara; que a grande custo se arrancou á ignorancia e acanhamento de *amas-óccas* e lavadeiras e saloias velhas, hoje principaes depositarias d'esta archeologia nacional, — galantes cofres, em que para descobrir pouco que seja é necessario esgravatar como o *pallus gallinaceus* de Phedro, — alguma coisa se pôde obter, informe e mutilada pela rudeza das mãos e memorias por onde passou; mas emfim era alguma coisa, e forçoso foi contentar-me com o pouco que me davam e que tanto custou.

Assim consegui umas quinze rhapsodias ou, mais propriamente, fragmentos de romances e xácaras que em geral são visivelmente do mesmo *style*, mas de conhecida differença em antiguidade, todavia remotissima em todos. Comecei a arranjar e a vestir alguns com que ingracei mais; e para lhe dar amostra do modo por que o fiz, adiante copio um dos

mais curiosos ¹, ainda que não dos menos estropiados, e com elle o restaurado ou recomposto por mim, o melhor que pude e soube sem alterar o fundo da historia e conservando, quanto era possivel, o tom e stylo de melancolia e sensibilidade que faz o principal e peculiar character d'estas peças.

A minha primeira idea foi fazer uma collecção dos romances assim reconstruidos e ornados com os defeitos singelos porém mais symetricos da moderna poesia romantica, e publicá-la com o titulo de *Romanceiro-portuguez*, ou outro que tal, para conservar um monumento de antiguidade litteraria tam interessante, e de que talvez só a lingua portugueza, entre as cultas da Europa, careça ainda; porque de quasi todas sei, e de todas creio, que se não pode dizer tal ².

Mas sobreveio tanta interrupção, tanta distracção de tam variado genero, mortificações,

¹ É o do Bernal Francez, n'este vol. — Vid. tambem o vol. II, pag. 121.

² É o pensamento que agora se realiza.

cuidados, trabalhos mais serios; emfim desisti da impreza.

Ja tinha decorrido muito tempo, e voltado eu a Portugal, lembrando-me sempre de vez em quando este impenho tam antigo e tam fixo; e a occasião a fugir-me. Uma circumstância fatal e terrivel me fez voltar ás minhas queridas antigualhas. Lançado n'uma prisão pela maior e mais patente injustiça que jamais se ouviu ¹, voltei-me, para occupar minha solidão e distrahir as amarguras do espirito, aos meus romances populares, que sempre commigo têm andado, como uma preciosidade, que bem sei não avalia ninguem mais, de que muita gente rirá, mas que eu apprecio, e me ponho ás vezes a contemplar, e a estudar como um antiquario fanatico a quem se vão as horas e os dias deante d'um tronco de estatua, d'um

¹ O auctor esteve por espaço de tres mezes preso sem mais pretexto que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessarias. Não foi preso o censor, nem prohibida a publicação, nem no fim de tres mezes se achou materia de culpa! *Ed. de 1828.*— O jornal era o Portuguez, cuja moderação em doutrina, e urbanidade em estylo ainda não foram imitadas. *Ed. de 1843.*

capitel de columna, d'um pedaço de vaso etrusco, d'um bronze ja carcomido e informe, desinterrado das ruinas de Pompeia ou de Herculano. Mas quantos Davids e Canovas não faz, quantos Raphaéis e Miguel-Angelos não fez o estudo d'esses fragmentos que despreza porque mais não intende o vulgo ignorante!

Assim passei muitas horas de minha longa e amofinada prisão, suavizando mágoas e distrahindo pensamentos.—Tinha eu começado a ageitar outro romance que originalmente se intitula *A Sibvana*, cujo assumpto notavel e horroroso exigia summa delicadeza para se tornar capaz de ser lido sem repugnancia ou indecencia. Era nada menos que uma nova Myrrha, ou antes o inverso da tragica, interessante, mas abominosa historia da mythologia grega; é um pae namorado de sua propria filha! — A filha joven, bella, virtuosa, sancta emfim. — A difficuldade do assumpto irritou o desejo de luctar com ella e vencê-la se possivel fosse. Dava larga o tempo, pedia extenção a natureza dos obstaculos; o que fôra começado para uma xácara, para uma cantiga,

ou, como lhe chamam Allemães e Inglezes, para uma *ballada*, sahiu um poemeto de quatro cantos, pequenos sim, porém muito maiores do que eu pensei que fossem, e do que geralmente são taes coisas. Mudei-lhe o titulo e chamei-lhe *Adozinda*, que soa melhor e é portuguez mais antigo. O fundo da historia, as circunstâncias do desfecho d'ella são conservadas do original; o ornato, o mechanismo do maravilhoso é outro mas accommodado, creio eu, ao genero e á indole do assumpto.

Mando-lhe aqui tambem uma cópia do romance original para ver e combinar. É dos mais mutilados e desfigurados, mas certamente dos que têm mais visiveis signaes de vetustade quasi immemorial¹.

Ora eis-aqui, meu amigo, a historia e origem da minha *Adozinda*, gerada no exilio, nascida entre sustos, criada na miseria e padecimentos de uma prisão. Entre tudo o que tenho rabiscado de prosas e versos este ro-

¹ Está a pag. 404 do II vol. do ROMANCEIRO, liv. II, part. I, rom. 8.

mancesinho é a composição minha a que tenho mais amor pelas memorias que me lembra, pelas affecções que me desperta. — Que de coisas passaram por mim durante o tempo que o compuz, os intervallos tam longos em que o deixei! — até o nascimento e a morte de uma filha unica, tam querida e para sempre chorada! . . .

Adeus, meu amigo : não sei o que ahí vai escripto, nem como. São ideas sem nexo, pensamentos desatados, coisas á toa como o espirito de quem as escreve. Lea-as assim, e assim se imprimam se porventura estão em termos d'isso, — do que muito duvido, porque eu por mim, nem que me dessem os louros de Camões, ou me fizessem apotheeses como a Homero, me punha a corrigir, nem sequer a rever o que ahí vai escripto, quer prosa quer versos ¹.

Londres, 14 d'Agosto de 1828.

¹ Corrigiu-se comtudo agora ésta carta para a presente reimpressão, porque escripta muito á pressa em Londres logo ao chegar de Portugal, não tinha agora essa desculpa, que então podia valer. *Ed. de 1843.*

A ELYSA

Campolide, 11 d' Agosto 1827.

Thus, while I ape the measure wild,
Of tales that charmed me yet a child,
Rude though they be, still with the chime
Return the thoughts of early time;
And feelings, roused in life's first day
Glow in the line, and prompt the lay.

WALTER SCOTT.

**Campo da lide é este; aqui lidaram,
Elysa, os nossos quando os nossos eram
Lidadores por glória,—aqui prostraram
Suberbas castelhanas, e —venceram;
Que pelo rei e patria combatendo
Nunca foram vencidos Portuguezes.
—Este terreno é sancto: inda estás vendo**

Alli aquelles restos mal poupados¹
 Do tempo esquecedor,
 Dos homens deslembrados;
 Nobres reliquias são d'altas muralhas
 Forradas ja de lucidos arnezes,
 De tresdobradas malhas.
 Talvez fluctuava alli n'aquelle canto,
 Suberbo e vencedor
 Das Quinas o pendão victorioso;
 E junctos ao redor
 D'esse paladio augusto e sacrosancto,
 Invencivel trincheira lhe faziam
 Toda a flor dos mais nobres e esforçados;
 Que á voz da patria (voz que nunca ouviam
 Sem sentir redobrados
 Do nobre coração os movimentos)
 Heroes são todos, facil a victoria,
 Faceis as palmas que lh'infeixa a glória.

Ah! — paremos aqui: — ve quaes na frente
 As arterias violentas me rebatem:
 Febril, descompassado corre e ardente
 E me angustia o sangue. . . — Ah! sim paremos
 Aqui. . . Não, aqui não; esse outeirinho
 Depressa o desceremos.
 Faz-me bem ésta vista: — essas arcadas²
 Suberbas, elevadas,

¹ Ruínas de fortificações antigas em Campolide. Vid. notas no fim.

² Aqueducto das águas livres. — Vid. notas no fim.

Que uniram monte a monte e serra a serra,
Acaso não serão
Tam illustres talvez,— não lembram guerra,
Glória não lembram; nem com sangue livido
A morte da victoria companheira
Para o erguido padrão
O cimento amassou.
Um rei que amou as artes, rei pacifico,
A quem amor fadou
Que seu fôsse e das musas,— que fugidas
Da pátria ha tanto, á patria as volveria;
Do povo á utilidade
Este sublime monumento erguia.
Para a posteridade
Isto só lhe appurou e nome e a glória,
E lhe ganhou as paginas da historia.

Inda é muita oppressão; inda me acanha
Tanta arte humaaa o coração no peito.
Tam grandes massas, fábrica tammanha
Absorto deixarão—mas satisfeito
O ânimo, os sentidos?... Não, Elysa,
Não satisfaz ao homem a arte humana:
Por mais que ella se uffana,
Que aos abysmos o centro opprime e pisa
C'os fundamentos de eternaes pyramides,
Ou c'os erguidos vertices
Ás nuvens rasga o seio tempestuoso.
Nem assim:— á tristeza ou á alegria,

E áquelle estado de ineffável gôso
 Que entre a dor e o prazer a alma suspende
 Brandamente e se diz *melancholia*;

Oh! nada d'isso o excita.

Oh! nada d'isso o coração entende!

Oh! nada d'isso o espirito nos move!

Se a natureza, a pura natureza

Por sua ingenua atração nos não commove.

Posso admirar o homem e a grandeza

De suas nobres feitura;

Mas somente admirar;

Mais não pôde excitar

Mesquinha criação de creaturas.

Vamos por essa incosta

Subindo.—Eu gôsto do alto das montanhas,

Dos picos das erguidas serranias,

O avaro á terra mãe abra as intranhas,

Cave oiro e crimes, com que incurte os dias

Seus e dos seus, e a sombra da virtude

Acabe de varrer da face d'ella.

Mas o que, em pat commigo e co'a existencia,

Ainda ama a innocencia,

Inda se apraz co'a natureza bella,

A seus quadros surri, com seus dons gosa,

Oh! esse venha ao cume do alto monte,

Venha estender a vista saudosa

Pelo valle que á faldá lhe verdeja,

A messe que leureja,

E a despenhada fonte
 Que vai garrula e trepida saltando
 Té que se junta em cava, pedreira;
 D'onde sai, o arco dilris imitando
 Na espadana da fervida cachoeira.
 Venha na solidão, — e o só dos montes,
 É mais só que nenhum, — o silencioso
 Mais augusto, solenne e magestoso!

Venha na solidão.

Comsigo conversar, fallar, um' hora.

Com o seu coração.

— Quantos ha que annos longos não vivido

C'os outros sempre, sempre c'os de fóra

Sem viverem comsigo nem um dia,

Nem um momento só!

Tenhamos d'elles dó;

Viver não... têm apenas existido.

Tua meiga companhia

É doce, Elysa; e sempre na minha alma

Foi teu brando fallar — e quantas vezes!

Celeste orvalho que abandonou a calma

De paixões, que adoçou o agro a reveses:

Porém a minha solidão querida

De vez em quando, lá quando alma o pede;

Oh! não m'a tirem que é tirar-me a vida.

Agora conversemos; eu ignoro

A arte das vans palavras que bem soam;

Oiço-as, e não demoro.

No ouvido os sons que da per. si se ocoam.

O sol declina; — temos largamente
Hoje philosophado.
Na viva flor da idade e da saude
Nem de todos seria accreditado
Que tam suavemente
Em austeras conversas de virtude
Nos fôsse o tempo.—Cré-me, Elysa amavel,
Tem muito mais prazeres a amizade
E mais doces que amor :
Para todos os sexos, toda a idade,
Em todo o tempo a mesma, sempre affavel,
Sem o cancro roedor
Do ciume voraz que no mais puro
D'amor, no mais seguro
Suas raizes venenosas lança,
E co'a mais branda flor
Seus mordentes espinhos lhes intrança.

Detestemos, Elysa, essa funesta
Paixão brutal que a tudo e em tudo damna,
Da virtude a tyranna :
Não nos illuda a tam commum cegueira ;
Detesta o crime quem amor detesta.
Crimes! — vé a amizade prazenteira,
Que nenhuns tem ; — e amor, ai! quantos, quantos!
Honras perdidas, thalamos violados,
Os vinculos mais sanctos
Dos homens e de Deus, da natureza,
Da propria natureza — espedaçados

Por esse amor, que sua tocha accessa
Do vivo fogo traz do averno immundo
Para de crimes abraçar o mundo.

Honesto, justo, sancto, consagrado,
Nada respeita: — o sangue, o altar em meio
De seus desejos não é termo ou freio;

Não ha pomo vedado

No Eden da virtude

Que a mão perversa e rude

Tocar não ouse, — árvore da vida

Que dos gryphos mordida,

Em peçonha de morte não converta,

E a seiva salutar já corrompida

Em lethal beneficio não perverta.

Lembra-te aquella historia

Que ingenuo o povo em seus trabalhos canta,

E de longa memoria

Entre elles perpetuada,

É singella legenda de uma sancta,

Que por brutal amor sacrificada,

Desvalida virtude,

Só do crime escapou no seio á morte?

Eu a canção magoada

Em verso menos rude,

Mais moldado verti, dei novo córte

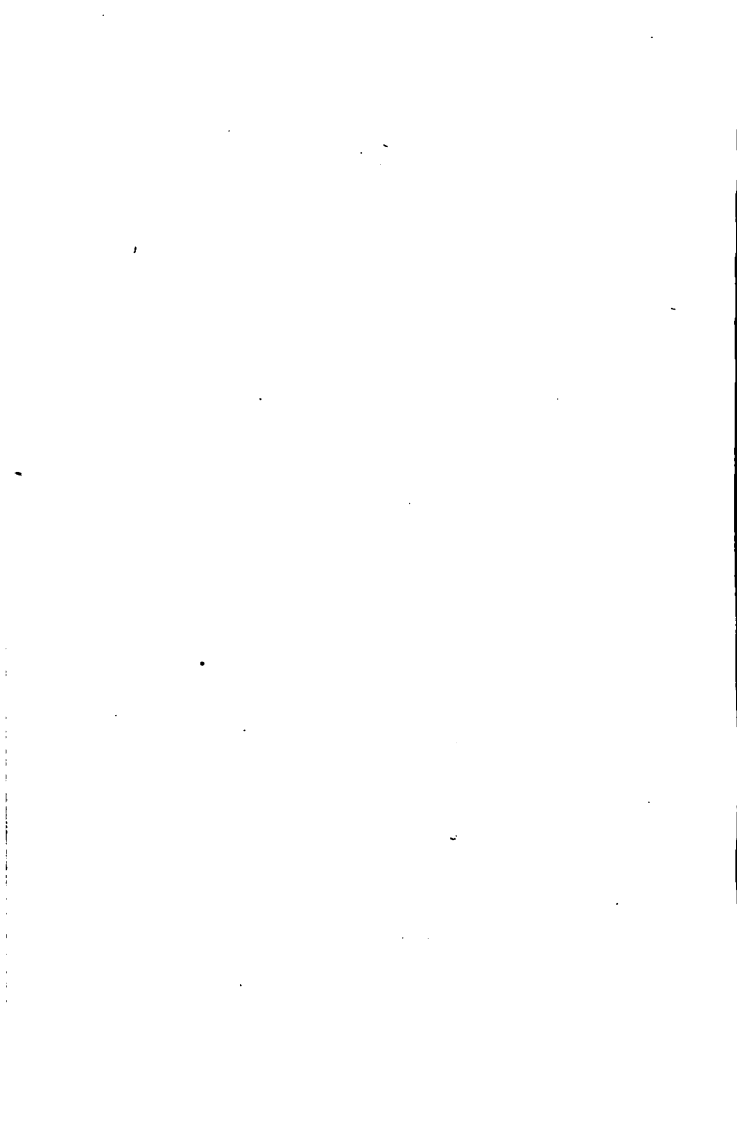
Ao vestido antiquissimo, á simpleza

Que ha seculos lhe deu

De nossos bons maiores a rudeza.

—Serenos está o ceo,
 Tranquillo o vento, a calma descahida;
 E, pois que não te infada.
 A singella toada
 Do bardo alahude que sem arte soa.
 E a rhyma desgarrada
 Da popular canção rustico intoa,
 Aqui t'a cantarei, ouve; e se ao pranto
 Te commover a saudosa endoixa,
 Na selvagem bonina,
 Na campainha agreste d'esse mato
 Arrociá-lo deixa;
 São lagrymas sinceras, propria fonte
 Para regar as innocentes flores
 Que arte não sabem, nem conhecem arte;
 Flores como os meus versos não variados
 De refinadas côres,
 Em que alma só e coração tem parte,
 Não por classica musica modulados,
 Ao grãduado som de grega lyra,
 De cithara romana...
 A minha é melodia que só mana
 Dos intimos accordes só do peito;
 Nem ha corda que fra
 Em meu alahude rustico
 Tom menos natural, mais contrafeito.
 Em suberbos canaes, alto impetrados,
 Por ingenhosa hydraulico,

Vão d'arte subjugados
Os caudaes da torrente conduzindo
Riquezas de preciosa mercancia :
E o arroio, que serpeia entre pedrinhas
Pela relva macia,
Bordado em-tórno sinuosamente,
Que póde elle levar
Em sua doce e trépida corrente?
—Alguna folha de silvestre rosa
Que, ingenua divagando,
Pastorinha formosa
Lhe foi acaso á margem desfolhando.



ADOZINDA

ANTIGA PRIMEIRA

No, I'll not weep :
I have full cause of weeping ; but this heart
Shall break into an hundred thousand flaws
Or ere I'll weep.

SHAKESPEARE.

I

Onde vas tam alva e linda,
Mas tam triste e pensativa
Pura, celeste Adozinda,
Da côr da singella rosa
Que nasceu ao-pé do rio?

Tam ingenua, tam formosa
 Como a flor, das flores brio
 Que em serena madrugada
 Abre o seio descuidada
 A doce manhan d'Abril!
 —Roupas de seda que leva
 Alvas de neve que cega
 Como os picos do Gerez
 Quando em Janeiro lhe neva.
 Cinto côr de violeta
 Que á sombra desabrochou;
 Cintura mais delicada
 Nunca outre cinto apertou.
 Anneis louros do cabelo
 Como o sol resplandecentes
 Folgam soltas; dá-lh'o vento,
 Dá no veo ligeiro e bello,
 Veo por suas mãos bordado,
 De um sancto ermitão fadado
 Que vinha da Paléstina;
 Passou pelo povoado,
 Foi-se direito ao castello
 Pediu pousada, e lh'a deram
 Porque intercede a menina:
 Que o paç suberbo e descido,
 — 'Nessa gente peregrina,
 Disse, quem sabe o que vem?
 — Mas pede Adozinda bella,
 Tal virtude e formosura,

Quem lh'ò hade negar a ella?
 Não póde o qae nem ninguem.

II

Mas o outro dia á luz nada
 Houve quem visse Adozinda
 Debruçada em seu balcão
 Haver prática alongada
 Co' aquelle velho ermitão.
 Quem sabe o que lhe elle disse?
 — Ninguem no castello ouvia:
 Mas d'aquella occasião
 A alegria lhe fugiu
 Dos olhos e do semblante:
 Ficou triste, sempre triste;
 Mas em seu rosto divino
 Fez-se formosa a tristeza.
 Como olhos d'amor quebrados
 Disseras os olhos d'ella;
 Mas não tem d'amor cuidados,
 Que a ninguem conhece a bella.

III

Qual semente arrebatada
 Da flor de vergel mimoso
 Pelos furacões do Outunno,
 Vai no incerto padregoso

Cahir de serra escalvada ;
Vem Abril, e a seu bafejo
Brotta e nasce a linda flor,
De ninguem vista ou sabida,
Nem de damas cubiçada
Nem de pastores colhida,
E o vento da solidão
Lhe bebe o perfume em vão.

IV

Quinze annos tem Adozinda ;
E desd'a vez que o romeiro
Do saio pardo e grosseiro
Lhe fallou ao seu balcão,
Faz tres para o San-João.

V

E Adozinda sempre triste
Vai sosinha pelo eirado
Pelo jardim, pelo prado ;
Nem ja a divertem flores
Em que punha o seu cuidado.
Pelos sombrios verdores
De sua espessa coutada
Vaga á toa e derramada,
Como a novilha perdida,
Como a ovelha desgarrada

A quem o tenro filhinho
Lobo do mato levou :
— Desfaz-se a mãe em balidos,
Que de ninguem são ouvidos,
E o filhinho não tornou!

VI

Que tem Ađozinda bella
Que em tal desconsólo a traz?
Serão saudades do pae
Que anda co'os Mouros á guerra
Por defender sua terra
Mais a sancta lei de Deus?
Tres annos ha que se foi;
E dous filhos que levou,
A cadaqual sua espada
Com juramento intregou
De lh'a tornarem lavada
No sangue mouro descrido :
E assim cada um jurou.
Fizeram gente em suas villas,
(Que preito muitas lhe dão)
E guiaram seu pendão
Para terras de Moirama.
Ja vejo chorar donzellas,
Vejo carpir muita dama,
Que onde chega Dom Sisnando,
Com sua espada portugueza

Não ha lanças nem rodellas
Que sirvam para defesa.

VII

Mas não são do pae saudades;
Que sempre a lidar com armas
Como ellas duro se fez;
Mais lhe importam do que a filha
Seus ginetes, seu arnez.
E até — quem diria tal! —
Quando a mãe, por diverti-la,
Lhe falla do pae ausente
E lhe diz que hade voltar,
Parece que se lhe sente
O coração apertar.

— Suspira em silencio Auzenda,
Auzenda tam bella ainda
Que ao pé da bella Adezinda
Mais irman que mãe parece
De filha tam moça e linda.
Suspira em silencio a triste,
Porque suspira não diz:

— ‘Filha amante de seu pae
Conceder-me o ceo não quiz!’

— Ai! que sem razão se chora!

— Ai! Auzenda maldadada,

Tem de vir minguada hora

Que á filhinha desgraçada

Darás mais razão que agora.

VIII

Que tropel que vai nos paços
De Landim ao-pé dos rios!
Sons de festa e sons de guerra
Em seus muros e alta tórre?
Geme a ponte, treme a terra
C'o peso d'homens armados.
Cavallos acobertados
Trotam ligeiros;—e corre
O alferes que tremolando
Vai guião de roxa cruz...
Ja chegado é Dom Sisnando.
Entre os cavalleiros todos
Sua armadura reluz :
E o pennacho fluctuante
Das plumas alvas de neve
Sôbre o elmo rutilante
De longe a vista percebe.

IX

—'Portas do castello, abri-vos,
Correi, pagens e donzellas,
Que é chegado meu senhor,
Meu espôso e meu amor!'
Auzenda bradava e corre.
Portas se abrem, soam vivas,
E o echo da antiga tórre

Com o som festivo acordou.
 --'Viva, viva Dom Sisnando!'
 E o tropel que dobra e cresce,
 E ás portas que chega o bando
 Dos guerreiros triumphantes.
 Do corcel soberbo desce
 E aos braços anhelantes
 Da cara esposa vocu.
 Doce amor que os apertou
 Não lhes deixou mais sentidos
 Que para se ver unidos,
 Ajuntar-se peito a peito,
 E em laço tam brando e estreito
 Longa saudade afogar.
 A Auzenda gotteja o pranto,
 Pranto que é todo alegria;
 E o rosto que nunca infla
 Do esforçado lidador
 Tambem sentiu — mais que a dor
 Póde o gôso! — descuidada
 Uma lagryma sensível
 De seus olhos escapada.

X

Mas as lagrymas de gôso,
 Como as de mágoa, tem fim;
 Dom Sisnando inchou o rosto,
 E tomando a mão á esposa:

— 'D'onde vem, lhe diz, senhora,
 Que a joia mais preciosa
 Não vejo d'estes meus paços,
 D'onde vem que aos meus abraços
 Minha filha?... 'A filha bella,
 Pasmada, trémula, a um dado,
 O rosto ao chão inclinado,
 Parecia humilde estrella
 Que ao primeiro raio vivo
 Do sol que no alvor reluz
 Não fica, não, menos bella,
 Porém pállida e sem luz.

KI

Tres annos ja são passados
 Que Dom Sisnando a não via,
 N'essa joven, linda dama
 Sua filha não conhecia.
 — 'Ei-la aqui, senhor,' dizia
 A mãe, que d'um braço a trava,
 'Ei-la aqui.' — Os olhos crava
 O pae na formosa filha,
 E de assombro e maravilha
 Mudo, estatico ficou.
 Cora Adozinda, suspira,
 E — 'Pae!' disse em voz tremente
 Submissa... — ; languidamente
 Ajoelha, osculo frio

Na paterna mão imprime :
Pranto que atelli reprime,
Corre agora em sôlto rio.
— ‘Que tens tu, filha querida,
Que assim choras tam carpida ?
É teu pae, que hade querer-te,
Que hade amar-te como eu te amo.’
E tomou-a nos seus braços,
E a levanta Auzenda bella.
Pasma o pae, suspira ella ;
E a custo os doces abraços
De pae, de filha se deram.

XII

Pouco alegre a companhia
Entrou nos paços brilhantes ;
E os atabales soantes
Pregoaram festa e alegria
No castello de Landim.

CANTIGA SEGUNDA

But yet thou art my flesh, my blood, my daughter !

SHAKESPEARE.

I

Oh! que alegrias que vão
Pelos paços de Landim!
Que magnificos banquetes,
Que sumptuoso festim!
Juncto ao valente campeão,
À cabeceira da mesa
Ficou a bella Adozinda.
A tã celeste belleza
Estão todos admirando;
E o imbevecido Sisnando
Não se farta de abraçá-la,
De beijar filha tam linda.

Auzenda de gôsto chora,
 E abençoa a feliz hora
 Em que tanto amor nasceu.
 — 'Inda bem' diz 'que a rudeza
 De tanto lidar com armas
 Á innocencia, á belleza
 Da amada filha cedeu!'
 Ella as caricias paternas
 Ja não ousa de esquivar-se;
 Cora, mas deixa abraçar-se;
 Ve-se que tantos affagos
 A repugnancia venceram
 Da timidez natural,
 — Ou, se outra causa fatal,
 Mais incuberta ella tinha...
 Ao menos lh'a adormeceram.

II

Ja de exquisitos manjares
 Os convivas saciados,
 De folias e cantares
 Pagens, donzellas cançados,
 E dos brindes amudados.
 Finda a primeira alegria,
 Doce repouso pedia.
 Quanto ésta noite em Landim.
 Velou em baile e festim.
 A seus nobres aposentos.

Adozinda retirada,
 Com permissão outorgada
 — A custo — do pae, se foi.
 Auzenda, em grave cortêjo
 De suas damas rodeada
 Deixou ha muito o festêjo,
 E em seu camarim deitada
 Espera o momento anciosa
 Em que a sós a amante e a espôsa
 Nos braços de Dom Sisnando
 Se hão de em breve confundir.

III

Como um tapete mimoso,
 Juncto ao paço de Landim
 Se estende jardim formoso,
 De boninas arrelvado.
 Da verde gramma e de flores:
 Remata em bosque frondoso
 Cujos opacos verdores
 Eternas sombras acoitam:
 — De pesados sentimentos
 Oppresso o peito fremente,
 A respirar livremente
 O ar puro da noite fria
 Entrou insensivelmente
 Dom Sisnando em seu vergel.
 Jamais tam rico do cel

De azul bordado d'estrellas
Se estendeu por sóbre a terra
Do estio nas noites bellas.

IV

Alta a lua vai no ceo,
E as sombras leves e raras
Não impedem ás florinhas,
Não tolhem ás aguas claras
De brilhar co'a luz nocturna,
Menos resplendente e fúlgida,
Porém mais suave e placida,
Mais amavel que a diurna.
Manso o vento, que murmura
Entre as folhas brandamente,
Convida suavemente
A respirar, a bebé-la,
Essa fresca viração,
Das flores exhalação,
Tam doce como o bafejo
De dous amantes queridos
Quando por amor unidos
Se dão mútuo e doce bejo.

V

Na feiticeira belleza
Da noite, do ceo, das flores

Várias d'aroma e de côres,
Sisnando todo imbebido,
No seio da natureza
Do resto do orbe esquecido,
Pouco a pouco a agitação
D'alma lhe foi abrandando,
E o pesado coração
Do affôgo desappertando :
Ja póde gemer, — suspira,
E como que se lhe tira
Um péso de sôbre o peito,
Que a suspirar foi desfeito.

VI

Porque geme, porque aneia
Dom Sisnando, o lidador?
Sisnando, o triumphador,
Cujo alto pendão campeia
Victorioso e senhor
Por tanta suberba ameia
De nunca entrado castello,
De jamais vencida tôrre!
— Dor que lhe nasce no peito
É dor que no peito morre;
Ancia que lhe ralla a vida
Não é para ser sabida.
— E desde quando? ha tam pouco
Feliz e ditoso ainda,

Com tanta alegria e júbilo
 Festejada sua vinda!..
 Vassallos, espôsa, filha...
 Filha!.. A filha é tam formosa!
 Oh! essa Adozinda bella
 Nos olhos incantadores
 Tem com que matar d'amores
 A metade dos humanos!
 Não, não é peito sensivel
 Peito que lhe resistir:
 Mas o pae!.. não é possivel.

VII

Não é, não é. — Mas Sisnando,
 Sem saber onde caminha,
 Melancholico e pesado,
 Insensivel foi entrando
 Pelo bosque immaranhado
 Que ao jardim avizinha:
 E o silencio, que o seguiu,
 Que no espesso coito habita,
 Nem um verde ramo agita,
 Nem uma folha buliu.
 — Á toa por entre as árvores
 Sem seguir carreira ou trilho,
 Nem guiado d'um só brilho
 De freixa estrella que entrasse
 Por tam medonha espessura,

Ora lento e vagaroso,
Ora os passes apressura,
Ja por caminho fragoso,
Ja por vereda macia,
Té que n'um claro onde os troncos
Escasseiam de repente,
E onde pallido e tremente
Seu reflexo a lua infia,
Sem o saber, foi parar.

VIII

Agreste, não feio é o sitio,
Medonho, horrivel de ver;
Porém tem a natureza
Horrores que são belleza,
Tristezas que dão prazer;
Mão d'arte alli não chegou;
A virginal aspereza
Ficou em toda a rudeza;
Que a criação lhe deixou.
De um lado, choupos anciãos
Seus ramos lobregos pendem,
E o vivo seixo fendem
Crespas raizes nodosas
Das soveiras annosas
Que as cortiças remendadas
Téem dos estios lascadas.
A pedaços a cair:

—Do outro, altivos rochedos,
Como do ceo pendurados,
Diffundem pallidos medos
Que em funda gruta acoitados
De espectros a povoaram.

—Di-lo toda a vizinhança,
Que ou são sombras de finados,
Ou de negras bruxas más
Alli ha nocturna dança.

—Redobra ao sítio o pavor
Um jôrro alto que despênh
Saltando de penha em penha,
E os echos em deredor
Vai temeroso acordando.

Este unico som d'horror
Á callada solidão
Da mudez quebra o condão.

—Sisnando, o ardido Sisnando,
O do forte coração,
Sentiu soçobrar-lhe o ânimo :
Uma voz dentro do peito
Lhe diz que não passe ávante ;
Mas outra voz mais possante,
Outra voz que é voz do fado,
Voz que ao mortal desgraçado
Não deixa fôrça ou razão,
Lhe brada : *Persiste, segue...*

—Ai do que a ella se intregue,
Que se intrega á perdição !

IX

No seixo cavada grutta
Tem escassa entrada aberta,
Quasi de todo cuberta
De festões d'hera lustrosa
Que cingindo a rocha bruta
Pende em grinalda ramosa.
Entre as folhas, que meneia
Ligeiro sópro de vento,
Viu Sisnando—e alma lhe anceia—
Um lampejar vago, incerto
De luz fraca,—ouve um accento
De voz doce mas gemente,
Voz que se ouve que está perto,
Que intoa suavemente
Uma angelica harmonia,
Tam triste que faz chorar!
E ésta voz assim dizia
Em seu languido cantar :

—'Anjos do ceo; acudi-me,
Valei-me, sanetos do ceo,
Que me rouba mais que a vida
Quem só a vida me deu.

'Sancto ermitão, que me deste
Aquella esperança ainda
Que a desgraçada Adozinda

Viria a ser venturosa
 Apóz de longo penar...
 Sorte que vieste
 Sôbre mim deitar,
 Sorte desastrosa
 Vem ver começar.

‘Anjos do ceo, acudi-me,
 Valei-me, sanctos do ceo,
 Que me rouba mais que a vida
 Quem só a vida me deu.

Mas ah! tam negro crime,
 Tam horrida paixão
 D’um pae no coração...
 D’um pae... Como é possível
 Não, não, não hade entrar.’

X

— ‘Pois treme, infeliz, e sabe
 Que essa horrerosa paixão
 Aqui n’este coração...’
 Sisnando, a quem ja não cabe
 No peito a angústia, o tormento
 De tam criminoso amor,
 N’estas vozes de terror
 Rompendo, a caverna entrou.

XI

Oh que pavoroso instante!
 Os anjos todos cubriram
 Seus rostos co'a aza' brilhante;
 Sem vento os troncos d'emtórno
 A ramagem sacudiram;
 A lua no ceo mais pallida
 Como de susto infiou
 E para traz da montanha
 Foi correndo, e se eclipsou.

XII

Quem hade a filha chorar,
 Que está nos braços paternos!
 Oh! quem se hade horrarizar,
 Dos beijos doces e ternos
 Que o amor; — Que amor é esse
 De ouvir tam medonho horror
 O proprio inferno estremecer,
 E só lá... ha tal amor!

XIII

Oh! como heide eu cantar
 Se no peito a voz me treme!
 Historia que é de chorar,
 Quem a dis não canta, gemo.
 — Só não gemia Adotinha,
 Que toda morta, gelada,

Sancto Deus! — mais bella ainda,
 Na viva rocha, estirada
 Como um cadaver ficou.

XIV

E o pae ousou levantá-la,
 E apertar juncto a seu peito
 Aquella morta belleza!
 — Repugnou a natureza;
 E, da paixão a despeito,
 De si a affasta, vacilla...
 O anjo da sua guarda
 Inda um momento o resguarda...
 Mas ha na terra ou no ceo
 Fôrça maior que a paixão,
 Que subjugue um coração
 Que d'amor indoudeceu?
 Se a ha, não lhe acudiu Deus,
 Venceram peccados seus.
 Lembrou-lhe fugir... ficou:
 Sim, lembrou-lhe a salvação...
 E á sua condemnação
 O infeliz se votou.

XV

Geme, chora; altos soluços
 Do peito lhe véem bradando;
 Porém fugir de Adozinda
 Não póde o triste Sisnando.

Ella acorda, e em voz sumida:
 —'Piedade, senhor, piedade!...'
 Só pôde dizer: perdida
 Nos echos da solidão
 Vai soando e murmurando
 A voz triste e condoída.
 Ouve-a elle; e o coração
 No peito lhe estremece;
 Na execranda pretensão
 Recua, — mas não cedeu.

XVI

Palavras que lh'elle disse,
 Respostas que lh'ella deu,
 Oh! não as contarei eu,
 Não as contará ninguém....
 Quiz que lh'ella promettesse
 (E a terra alli não se abriu
 Quando tal a um pae ouviu!)
 Que para a noite seguinte,
 Quando tudo em paz jazesse
 Em seu leito o recebesse....

XVII

Chora a infeliz, chora, geme,
 De horror e de pasmo treme:
 Insta o perigo imminente,

A esperança na demora....
Com voz cortada e gemente :
—‘Senhor, não insteis agora,
Deixae-me cobrar alento,
E ámanhan responderei.’
—‘Pois solemne juramento
Farás de que...’—‘Sim, farei...’
—‘Que ámanhan, antes que o dia
Do horisonte desapareça,
Darás resposta final.
E ai de ti, ai do mortal
A quem ousasses!...—Pereça
O infeliz n’esse momento :
Só a morte, só o inferno
De meu cru resentimento
O poderiam salvar.’

CANTIGA TERCEIRA

*I must a tale unfold whose lightest word
Will harrow up thy soul; freeze thy blood;
Make thy two eyes, like stars, start from their spheres.*

SHAKESPEARE.

I

Que mau fado, que hora má,
Oh! qual agoirada estrella
Levou Adozinda bella
Á fadada grutta escura?
Que foi ella fazer lá?
No mais denso da espessura,
A tão aziagas horas,
Só, alta noite, a deshoras,
Sem donzella ou escudeiro,
Como o pedia a decencia,
Sem levar mais companheiro

Que sua debil innocencia,
Que seu joven coração !

II

Quem o sabe?—No castello
Nem a propria mãe, que a adora,
Que pela filha querida
Dera tudo, dera a vida...
Nem a propria mãe sabe-lo!
E como é que Auzenda ignora,
Por que incanto ou maravilha,
Que ao pino da meia noite
Todos os dias a filha
O escuro parque atravessa,
E tenteando a treva espessa
Vai sosinha áquella grutta
Que no mais claro do dia
Ninguem a entrar ousaria?
—Mas vai; não o sabe Auzenda:
N'este segredo fatal
Coisa sobrenatural,
Coisa medonha, tremenda
Ha por certo... oh! que linda mal!

III

Desde aquella madrugada
Que Adozinda em seu balcão

Fallou c'o velho ermitão,
De noite á grutta fadada
Sempre vai. Sibille o vento
No bosque medonho e feio,
Ás nuvens o pardo seio
Rasgue horrisono trovão,
Nada teme; a passo lento,
Só, para alli se incaminha
E em rezas, em penitencia
Horas longas jaz sosinha.
Talvez d'aquelle romeiro,
Por salutar providencia,
Seu fado lhe foi preditto;
Talvez lhe fôsse prescrito
Por tam sancto conselheiro
Que passasse em oração
N'aquellas medonhas fragas
Certas horas aziagas
Em que a fatal conjunção
D'um astro seu inimigo
Maior fizesse o perigo
Da terrivel maldicção
Que a persegue, — ella, innocente! —
Que tam injusta cabiu
N'aquella votada frente . . .
Mas diz que não ha condão
Peior que o da maldicção!
E quantas não attrahia
Sôbre a familia inculpada

A soberba despiedada
D'esse orgulhoso Sisnando ?
Quantas vezes o infeliz,
C'os filhinhos expirando,
À porta do seu castello
Se viu gemendo e chorando,
E o desalmado senhor
Essa gentalha atrevida
Escorrassar a mandou!
Taes peccados não guardou
Para os punir na outra vida
O supremo Arbitrador.

IV

Mas ja despontava o dia,
Que tam alegre hoje vem,
Tam risonho parecia,
Que não dissera ninguem
Senão que traz alegria :
— E tantas, tam negras mágoas,
Nunca as trouxe o sol nascente
Desde que assoma no oriente
E se sepulta nas aguas.
Toda a noite longa, immensa,
Auzenda velou chorando,
De suas lagrymas regando
O leito viuvo e só;
A ninguem sua dor intensa

A desgraçada confia :
Ninguém da triste houve dó,
Que do espôso em companhia
Todo o castello a julgou.
Porém a noite passou,
E porfim, do novo dia
Ja o alvor vinha raiando,
Sem apparecer Sisnando.

V

É manhan;—tenue inda a luz,
Mas ve-se que é madrugada.
Auzenda ainda acordada
Sente abrirem-lhe com tento
A porta do aposento,
E entrar...—‘Será elle?...Oh vem!
És tu, suspirado espôso?!
Disse ella em timida voz :
Não lhe responde ningtiem.
Um suspiro doloroso
Lhe dissipou a illusão.
Oh! quem se hade inganar
Com aquelle suspirar!
É Adozinda, — voaram
Do maternal coração
Toda a mágoa e dissabores ;
E os sentidos que ficaram
Foi para amargar as dores
Que n’aquelle *ai* a assaltaram.

VI

—'Filha, filha... a ésta hora!
 Que succedeu?... que tens tu?
 Callada Adozinha chora.
 —'Ai, não, não me chameis filha!
 Rompe em fim, a soluçar,
 Nadando n'um mar de pranto.
 Pasma, terror, maravilha,
 Susto, medo, horror, espanto
 No peito da triste Auzenda.
 Em confusão estupenda
 De tropel foram quebrar:
 —Que será?—E esse tyranno.
 De todo o socêgo humano,
Dúvida, o monstro fatal,
 Que até nos deixa a esperança.
 Paraque do incerto mal.
 Seja maior a *paixão*,
 Venha mais fino o *punhal*
 Quando n'alma se nos crava,
 Esse do peito *lhe trava*,
 E ao cruel padecimento
 Dobra angústias e tormento.

VII

Adozinda, ajoelhada
 Juncto ao leito onde convulsa;

Jaz a mãe attribulada,
Do coração, que lhe pulsa
Como se fôra quebrar,
Traz d'amargo pranto um rio,
Que dos olhos vem a fio
As maternas mãos banhar;
As mãos que ella aperta e beja,
E que o pranto que gotteja
Ja não sentem derramar.

VIII.

Volve a ti, mãe desgraçada,
Volve, que o morrer agora
Tammanha ventura fôra
Que da sorte despiedada
Concedido não será.
Vem ouvir tua sentença
De morte... peor que morte,
Vergonha horrorosa, offensa...
E de quem!... de teu consorte,
Do pae monstro, monstro espôso...
Aff' para o tormento odioso,
Para tammanha afflicção
Não tem força o coração.

IX.

Tudo lhe conta Adozinda,
Tudo... tudo,— interrompendo:

A horrorosa narração
 Ora as lagrymas fervendo,
 Ora os soluços rompendo
 Do rasgado coração,
 Ora os labios descorados
 De pejo e terror gelados,
 Sem podêr nem balbuciar
 O que é fôrça revelar.

X

—‘Irás’ disse Auzenda emfim,
 E a voz, que treme, assegura:
 ‘Irás a teu...’—*pae* não disse,
 E um som rouco lhe murmura
 Nos labios onde a meiguice,
 Onde a maternal ternura
 Procuram em vão sorrir:
 ‘Irás, filha, a Dom Sisnando
 E lhe dirás que...’

—‘Senhora!’

Interrompe ella chorando
 —‘Que’ torna a mãe ‘quando a hora
 Da meia-noite soar,
 Em teu quarto o hasde esperar.
 Não temas, filha, não tremas,
 Não chores, minha Adozinda,
 Querida filha, não gemas,
 Que hasde ser feliz ainda.
 No angustiado seio

Guardemos inda a esperança :
Do ceo mandada me veio
Uma ditosa lembrança
Que nos poderá salvar.
No teu leito d'ouro fino
Sou eu que me heide ir deitar ;
Tua camiza de hollanda
A meu corpo heide lançar :
E quando elle nos seus braços
Ter Adozinda julgar . . .
Ah! que o ceo hade abençoar
Este ingano virtuoso,
E a ser pae, a ser espóso
Dom Sisnando hade voltar.'

XI

O dia em rezas passaram
Em devotas orações ;
Mas quando as trevas poisaram
Sôbre as muralhas da tórre,
Voltaram as afflicções :
E o tempo—que leve corre
Para todos os viventes—
Só áquellas innocentes
Accintoso parecia
Que da ampulheta fadada
Bago por bago espremia
Cada hora minguada.

XII

Emfim meia-noite soa :
 Dom Sisnando, aguilhoado
 Do torpe amor—do peccado,
 Impaciente ao prazo voa
 Que elle d'amor julga dado:
 Como louco, arrebatado
 Corre ao loito de Adozinda,
 Cego bêja a face linda,
 Que decerto não é d'ella,
 Mas que não é menos bella;
 Ao convulso peito aperta
 Aquelle peito formoso. . .
 —Desgraçado, é tempo ainda,
 Do cruel sonho desperta,
 Que ao precipicio horroroso
 Ja te vai a despenhar! . . .

XIII

Dom Sisnando é criminoso.
 Quanto o podia ficar ;
 Do intento abeminoso,
 Nada resta a consummar.
 Ja tristemente acordou:
 De seu delirio fatal,
 E surrindo amargamente,
 Á infeliz assim fallou :

— 'E era por isto. ... innocente!
 Que tanto se recatava
 Tua virtude fingida?
 Ah! essa alma corrompida.
 Mais do que teu corpo estava.
 E tu...'

— Não pôde ouvir mais
 A triste mãe; não lhe soffrem
 As intransitas maternais
 Ouvir a filha adorada
 De tal modo calumniada,
 E por que, e em que momento!
 C'um suffocado lamento,
 Que do peito rebentando
 Trouxe aos labios alma e vida,
 Quebra o silencio: — 'Ah, Sisonde!
 Ah, senhor, matae-me embara;
 A desgraçada sou eu?
 E a terra n'aquella hora
 Rasgada não soverteu
 O infeliz, que meio morto,
 No abysmo do crime absorto,
 D'este golpe inesperado
 A violencia cedeu!

XIV

Silencio largo, mortal
 Foi a unica expressão

Que por longa duração
 N'aquelle estado fatal
 Entre esses dous foi ouvida.
 Porém no perdido peito
 De Sisnando atribulado
 Foi a vergonha vencida
 Pelo irritado despeito :
 Dos remorsos avexado,
 Porém mais pungido ainda
 De seu crime mallogrado,
 Brada em cholera abrasado :
 —'Pereça a filha descrida
 Que deshonorou seu...'

— *Pae não,*

Pae não ousa proferir.
 A palavra, suspendida
 Por fria, pesada mão
 De remorso insubjugado,
 Lhe voltou ao coração
 A lacerar-lh'o, a vingar-se
 Da mal-soffrida oppressão.

XV

—'Ouvi-me, senhor : culpada
 Sou eu só...' a triste espôsa
 Lhe diz; mas não ouve nada
 Aquella alma fariosa,
 Ja n'este mundo rallada

De quanta pena horrorosa
No inferno está guardada
Para crimes como o seu.

XVI

Parte, corre;—o brado horrivel
Por todo o castello soa
Tam medonho como troa
Medonho trovão d'outomno.
Despertos do brando somno
Todos são:—ordens que deu
São taes, que de horror tremem
A gente absorta e pasmada.
Tristemente obedecendo,
Co'a face ao chão inclinada
Se vão a medo, e mal crendo
Que não seja sonho vão
O que ouvindo e vendo estão.

XVII

Do castello para um lado
Uma antiga tórre havia
Cercada de largos fossos,
Que é memoria haver fundado
Um rei mouro que vivia
Ha muito, de quando os nossos
Mourisca gente regia.
Alli uma espôsa sua,
Que elle achou ser-lhe infiel,

Sette annos e mais um dia.
 Fechada a teve o cruel,
 Sozinha, a grilhões e nua;
 E só pão sécco lhe dava,
 Mas agua não consentia
 Que nunca ninguém lh'a desse
 Para que á sede morresse.
 Valeu-lhe quem tudo pôde,
 Que ao infeliz sempre accode;
 Vinha-lhe orvalho do céu,
 De que es sette annos bebeu.
 E enfim o septimo anno
 De tal milagre venceu
 Foi o proprio rei tyranno,
 Que a liberdade lhe deu,
 E do crime commettido,
 Se o havia, se esqueceu.

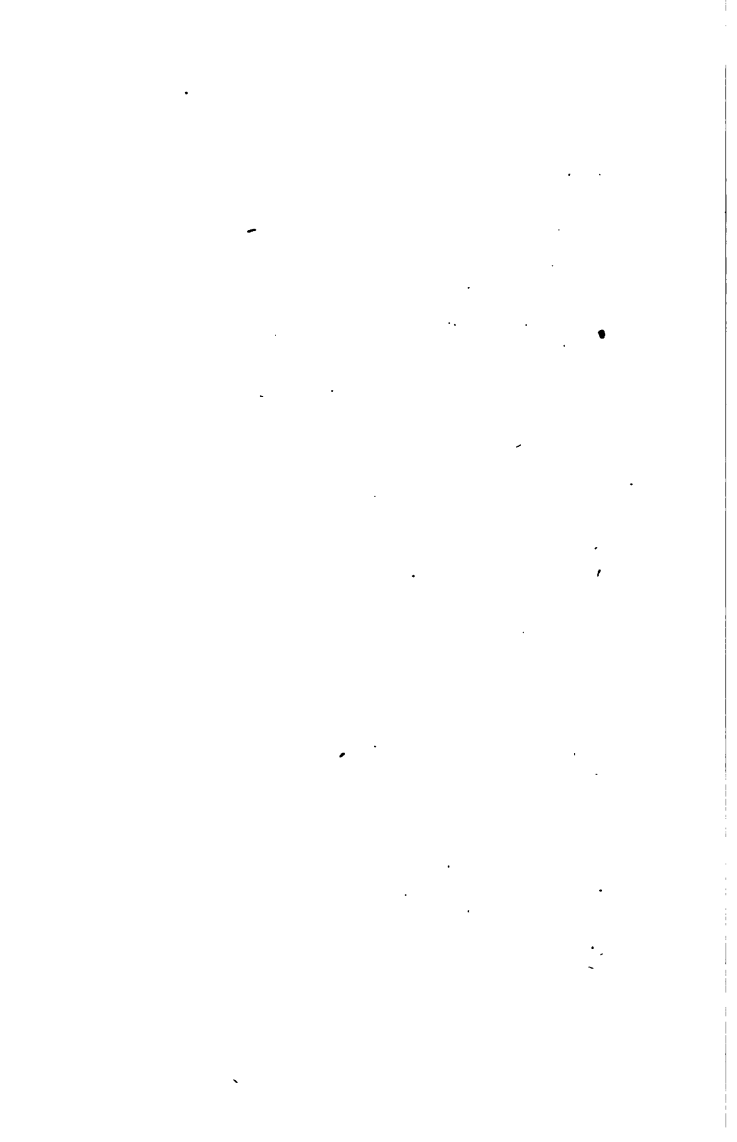
XVIII

Para ésta torre deserta,
 No verão ao sol exposta,
 Que abrasado a queima e costea,
 No rigor do inverno aberta
 A chuvas, á ventania,
 Sisnando — quem tal diria!
 Mandou a filha linda,
 Que alli fechada gemesse,
 A virtuosa Adrinda!...

E ai de quem agua lhe desse,
Lhe desse vestido ou cama,
Que da séde á morte crua
— Qual o mouro a sua dama —
Alli quer que morra nua,
De todos deseparada,
De seu pae amaldiçoada,
Só da triste mãe chorada!

XIX

Sem dar somente um gemido,
Sem se carpir nem queixar,
Como a ovelhinha tremente
Que sem dar nem um balido
Se deixa á morte levar,
Vai Adozinda innocente
Para aquella feia tôrre.
Pranto que furtivo corre
De quantos olhos a viam
A acompanha tristemente.
E o pae! ... Ancias que o remordem
Ninguem as sabe nem vê.
N'um aposento incerrado,
Onde nem ao mais privado
Concedido é metter pé,
Só ficou, só permanece:
Só! — antes acompanhado
De quem os seus não esquece,
Do remorso, — do peccado.



CANTIGA QUARTA

You do me wrong, to take me out o'the grave:—
Thou art a soul of bliss: but I am bound
Upon a wheel of fire, that mine own tears
Do scald like molten lead.

SHAKESPEARE.

I

Sette annos e ~~um~~ dia
Foi a sentença cruel
Que Adozinda cumpriria
N'aquella tórre fechada.
E o tyranno ~~hem~~ sabia
Que nem tres dias somente
Viver podia a innocente
Com a ~~so~~te, a denudez.
Uma semana é passada
Passado é ~~um~~ mez e ~~outro~~ mez;

Anno e annos decorreram ;
E os sette annos feneceram
Sem que Adozinda formosa
Em tal mingua percesse,
Sem que ao menos desmer'cesse
Em seu rosto uma só rosa.

II

Veio um dia—n'esse dia
O captiveiro acabava—
No mais alto o sol ardia
E a terra toda abrasava,
Na tórre uma voz se ouvia,
(E é ésta a primeira vez)
Era uma voz que pedia,
Que supplicava piedade :
—'Uma séde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraso n'esta fragua,
Que me estalla o coração.'

III

A voz de Adozinda bella
Todos clara conheceram ;
C'os olhos na alta janella
De toda a parte correram :
—'Vive, inda vive!' bradavam,
'A innocente! vinde ve-la.'
E uns aos outros recontavam

Das virtudes, da paciencia
D'aquelle anjo d'innocencia
Que, ha muito, morta julgavam.
—Outra vez se torna a ouvir
O mesmo clamor sahir
Da torreada prisão :
—'Uma séde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abrasó n'esta fragua,
Que me estalla o coração!'

IV

A todos se commoveu
O mais intimo do peito,
Mas não ousam a affrontar
Do pae o sevo despeito.
—'Tem paciencia, anjo do ceo!'
Com lagrymas responderam,
'Que ja não póde tardar
O pae que te vem soltar.
Os sette annos decorreram,
O dia está a acabar ;
Soffre mais este momento,
Que hoje acaba o teu tormento.'

V

—'Oh ! como heide eu supportar,
Amigos meus da minha alma,
Se a vida sinto acabar,

Sinto abraçar-me da calma?
 Sette annos me acudiu Deus,
 Que por milagre vivi,
 Dava-me orvalho dos ecos,
 De que sette annos bebi.
 Do estio ardentes queimores
 No meu corpo os não senti,
 Do inverno os frios rigores
 Tambem esses não tremi.
 Mas ha tres dias que a mão
 Do Senhor me abandonou.
 Tudo, tudo me faltou...
 Oh! tende de mim piedade!
 Uma séde, uma só d'agua,
 Uma só por compaixão,
 Que me abraço n'esta fragua,
 Que me estalla o coração!
 — De nove alto choro ergueram,
 Lastimado pranto gemem;
 Mas de seu tyranno tremem,
 Só a chorar se atreveram.

VI

Soa a nova no castello,
 Vai correndo em derredor,
 De que porfim fôra ouvido
 Aquelle cujo soffredor
 Soltar queixas e gemido,
 Piedade emfim supplicar.

Só a Auzenda, que expirando
No leito da morte jaz,
Para que morresse em paz
Vão a noticia occultando.
Mas soube tudo Sisnando,
E no duro coração
Ja vacilla a crueldade,
Ja vislumbra a compaixão:
Dos seccos olhos covados,
Que inspiravam medo e espanto,
Como que da mão tocados
D'algum anjo punidor,
Salta repentino o pranto,
Qual onda que estalla em flor
Sôbre o penedo ourissado.
Todo em lagrymas sanguineas
O infeliz debulhado,
Para aquella infausta tôrre
Com incerto passo corre
Em altos gritos bradando:
— 'Agua! trazei agua, vinde,
Accudi á desgraçada,
A uma filha malfadada
Que por mãos de seu pae morre!'

VII

Assim correndo e gritando
Chegava á horrivel prisão
Em que gemia Adozinda:

—'Filha, filha, é tempo ainda;
Perdão, ó filha, perdão
Para este algoz...— Cortou-lhe
O excesso da paixão
Lingua e fôrça; a voz quebrou-lhe,
E por morto cai no chão.

VIII

Oh! que povo se ajuntava
No castello de Landim!
E com que horror que elle olhava
Para aquelle triste fim
De tammanho cavalleiro,
Tam ricco e grande senhor,
Tam esforçado guerreiro!
A Auzenda chega o rumor
Do successo inesperado,
Dá-lhe fôrça e vida amor;
O fio meio cortado
Da existencia lhe atou.
Ei-la se ergue, e em mal-firmado
Passo corre — e lá chegou.

IX

E ja por ordem de Auzenda
Co'a porta negra e tremenda
Investem da tórre erguida:
Range o ferro, os gonzos gemem,
Parece que ja rendida

Vai de todo; — á roda tremem,
Do fundamento aluida
A tórre, os solidos muros.
Mas em vão de centenares
Dos mais rijos braços duros
Se movem os instrumentos
Que em muralhas mais valentes
De castellos regulares,
De mais solidos cimentos
Téem a miudo triumphado.

X

Parece incanto : — será ?
O povo maravilhado
Ja por tal, tremendo, o dá.
Cessam todos . incantado
É o negro portão ferrado...
E o povo desanimado
Da impreza desiste ja.

XI

Arreda, arreda, infanções,
Cavalleiros, dae logar,
Com licença, nobre dama,
Que ahi vem um saneto ermitão:
Com as suas orações
Este incanto hade quebrar,

Ou, se do demonio é trama,
 Com o seu bento condão
 Elle o hade desmanchar.
 —Ei-lo chega:—este semblante
 Não é aqui desconhecido...
 Ésta barba, este vestido...
 É elle, o mesmo ermitão
 Que a noite de San'João
 (Não ha dez annos ainda)
 No castello pernoitou,
 —Que Sisnando o maltrattou.
 Mas, por a bella Adozinda
 Pedir muito, lá ficou.

XII

Com a cabeça cuberta
 Do seu agudo capuz,
 Os olhos de cor incerta,
 Pasmados, fixos... e a luz
 Que d'elles sai é tam viva
 Que a espaços da vista priva
 Quem de perto os quer fitar!
 As mãos cruzadas no peito,
 Vagaroso seu andar,
 Tam pesado e de tal gaito
 Que faz um echo tremendo.
 Quando os passos vai movendo,
 E como que a terra e o ar,
 Com o pése vão gementio...

— Foi seu caminho direito
 Da torre á porta ferrada;
 Sem attender a mais nada,
 Sem olhar nem para Auzenda,
 Que em lagrymas debulhada
 Supplices mãos li'estendia.
 Chega á porta, e em vez horrenda
 — 'Abre-te!' — disse. Estallou
 O ferro medonhamente,
 E a porta se escancarou,
 — Mas elle subitamente,
 Voltando-se para a turba,
 Que alto alarido levanta
 E em derredor se perturba,
 Com gesto que aos mais ousados
 Todo o ânimo quebranta,
 — 'Immudecei!' lhes bradou.
 Ficaram todos callados;
 E — *immudecei* — revibrou
 De echos em echos dobrados
 Pelo castello e jardim,
 Pelos soutos ao redor,
 Pelos campos dilatados
 Que a Dom Sisnando obedecem
 E por senhor reconhecem
 Ao ricco-homem de Londim.
 — Depois estendendo a mão
 Ao logar onde jazia
 Por morto no frio chão

O desgraçado Sisnando,
Éstas palavras dizia
Que em ouco som vão soando :

— ‘Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

‘Que o teu peccado,
Abominado
Do proprio inferno,
Só tem perdão
Com longa vida
De penitencia,
De contrição,
Que a alma perdida
Salve do inferno,
Da maldicção.

‘Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

‘O anjo celeste
Na hora última
Te perdoou,
E ao Pae Eterno
A tua victima
Por ti rogou

'Lazaro immundo,
N'esta grande hora
Volve-te á vida,
Vem, surge fóra!'

XIII

Em pé está Dom Sisnando :
Vivo está, morto parece,
Tam negro veo lh'innoitece
O verde-pallido rosto,
Onde o seu séllo ja pôsto
Tinha o archanjo da morte.

XIV

De joelhos o ermitão,
Com a cabeça cuberta,
Á porta da tórre aberta
Faz breve e baixa oração.
Eis violento repellão
A terra, tremendo, deu,
E d'alto abaixo a muralha
Largamente se fendeu.
Viram todos claramente
O interior patente
Em que jazia Adozinda,
D'onde ha poucas horas inda
Sua voz se ouviu clamar,

E por uma sêde d'agua
Ao seu algóz supplicar.

XV

N'um leito de frescas rosas,
Que aromas do ceo recendem,
Morta Adozinda jazia:
Suas feições ~~mais formosas~~,
Mais angelicas ~~resplendem~~:
Uma suave ~~harmonia~~
Tam brandamente ~~soava~~,
Que ao coração ~~parecia~~.
Que por piedade o ~~affagava~~
A quem saudoso gemia.
—A alva frente, não tocada
Pela mão da morte livida,
De lirios do ceo ~~corada~~
Brilhava com luz ~~tam vívida~~
Que parecia ~~tocada~~
De puros raios do sol.
As mãos postas sôbre o peito
Para o ceo se ~~alevantavam~~,
E como que d'alma ~~justa~~:
Para a morada ~~apontavam~~.

XVI

Oh! que vista, oh! que momento:
Para a triste mãe! —Faltava.
Só este último tormento.

A malfadada cuidava.
 Que nenhum padecimento
 Para gemer lhe sobrava!
 Era este.— E a dor ignora,
 Não sabe o que é padecer
 Quem o filhinho que adora
 Não viu ainda morrer. —

XVII

Levantou-se o ermitão
 E bradou: — ‘Ajoelhemos,
 E a mão de Deus adoremos.’
 — Submissa resignação
 Póde a voz tolher á don,
 Não tira do coração
 Seu espinho pungidor,
 Que em silencio é mais cruel,
 Rasga mais, e na ferida.
 Mais acre derrama o fel.
 A paciencia soffrida
 Da triste Azenda cedeu;
 Não exclamou, não gemeu,
 E em tributo de respeito
 Sua mágoa fêz no peito.

XVIII

E Sisnando? — O desgraçado
 No pó da terra humilhado,
 Só se lhe conhece a vida

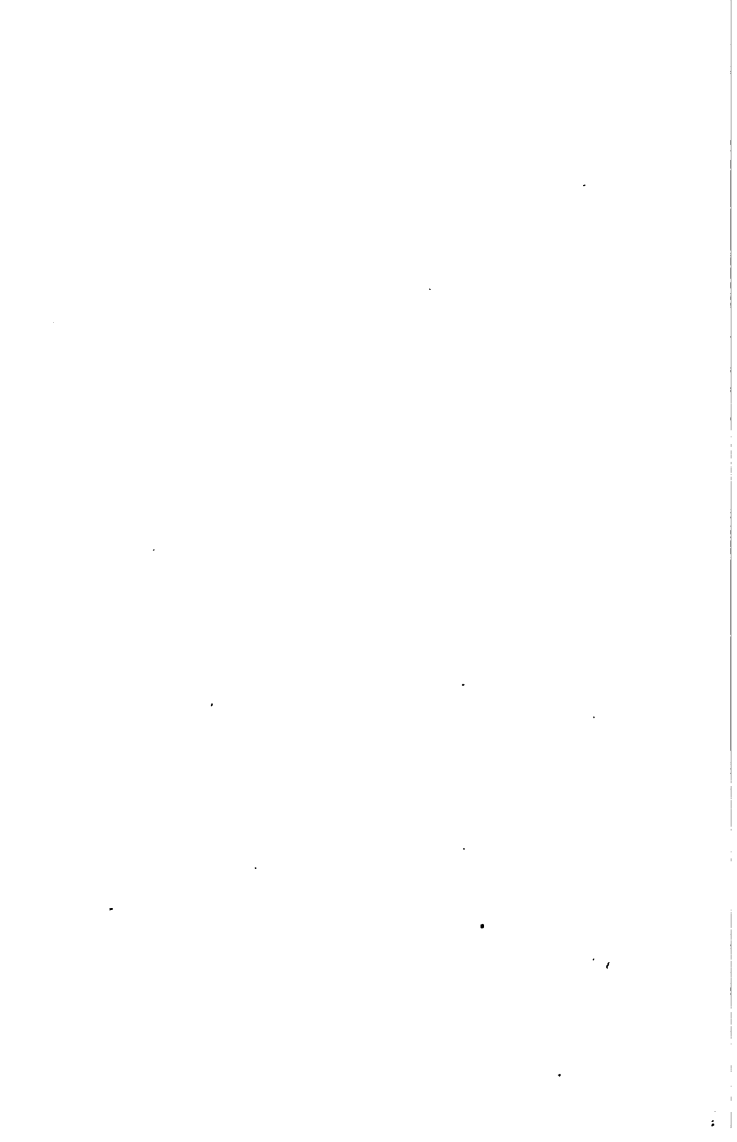
Na agitação comprimida
Do convulso soluçar.

XIX

Para a ermida do castello
Emfim o corpo levaram
E n'um cofre d'ouro fino
Como reliquia o guardaram.
—Muito a não carpiu Auzenda,
Que a morte compadecida
Cedo a libertou da vida.
Porém a longa existencia
De remorso e penitencia
Sisnando foi condemnado :
Cuberto de horror e opprobrio
Cumpriu seu mesquinho fado ;
Onde?—Ninguem mais o soube.
Do castello aquella noite
Com o ermitão se sumiu ;
Nunca mais d'elle se ouviu.
Mas á meia-noite em ponto
Na capella de Landim
Se ficou sempre escutando
Gemer uma voz medonha,
Que pede perdão bradando :
E essa voz diziam todos
Que era a voz de Dom Sisnando.

I

BERNAL-FRANCEZ



Este romance é tirado de uma das mais conhecidas e provavelmente mais antigas xácaras que o povo canta. Sua contextura simples mas forte, a scena tão dramatica com que abre, o fecho sublime com que termina dão-lhe todos os characteres de poesia primitiva e grande de um povo heroico, de uma gente que tomava as coisas da vida ao serio, como a nossa era. Estou que é originariamente portuguez : não apparece em nenhum dos romances castelhanos, nem na vasta collecção de Ochoa. — O texto, como o conservou a tradição oral dos povos, da-lo-hei no lugar competente, segundo lh'o talhei no prefacio d'este volume¹, e demandava o systema da minha

¹ Vid. ROMA CEIRO, liv. II, part. I, no tom. II, pag. 435.

compilação: e ahi se vejam as conjecturas que tenho feito sôbre ésta preciosa reliquia da nossa poesia popular.

Mr. Southey, o famoso poeta e historiador inglez, tendo lido a Adozinda e o Bernal, quando os publiquei a primeira vez em Londres em 1828, escrevia ao meu amigo Mr. Adamson, o biographo de Camões: 'que estas eram dois monumentos de mais remota antiguidade talvez do que nenhuma das aquellas canções irlandezas que elle até alli tivera na conta de serem os vestigios mais antigos de toda a poesia popular das nações do oeste da Europa.'

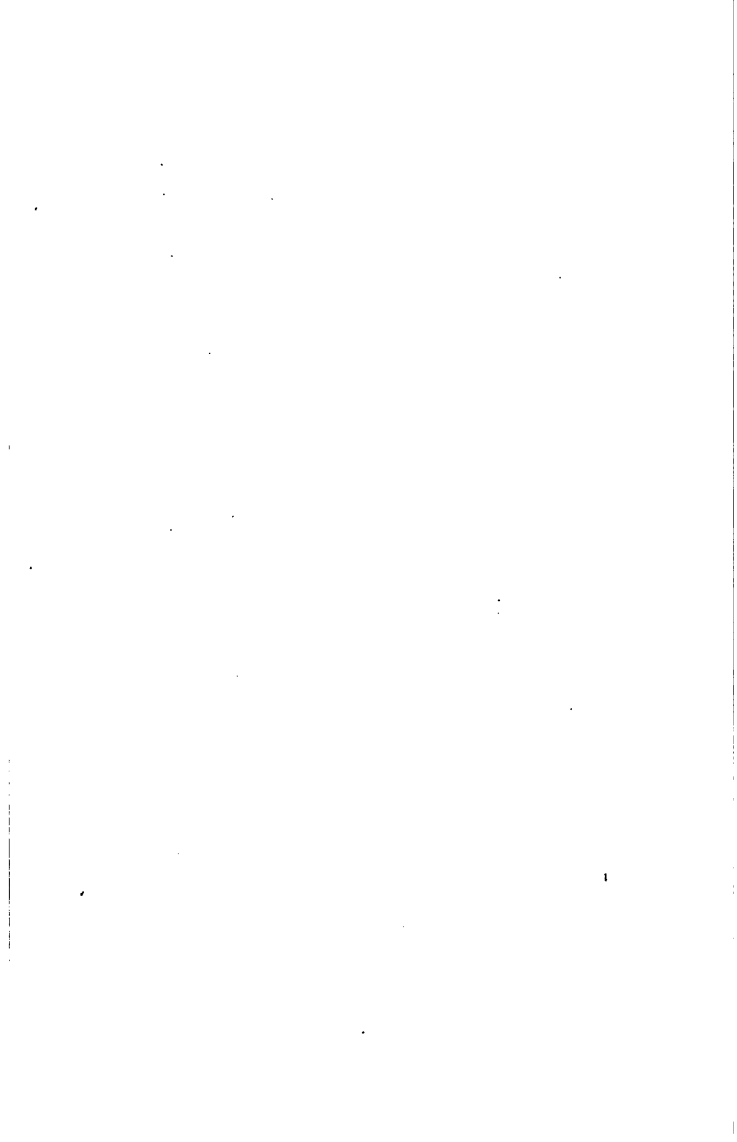
Communicando-me ésta reflexão, tam li-songeira para um collecter entusiasta de antigualhas, mandou-me o Sr. Adamson a traducção ingleza que pela primeira vez agora sai impressa, e o leitor achará logo a deante do texto portuguez ¹.

¹Vid. loc. cit. a nova traducção por M. Adamson, LUSITANIA ILLUSTRAT., part. II. Newcastle 1846. Esta segunda versão inglesa vem p. pag. 142 do referido m. vol. no ROMANCEIRO. E a pag. 151 ibid. a traducção castelhana do Sr. Isidoro Gil, já tam conhecida e apreciada entre nós.

No verão de 1840, quando apromptei para a presente edição esta parte do volume, dediquei o Bernal-Francez a uma joven senhora que juntava a outras admiraveis qualidades a de possuir, no mais eminente grau que ainda incontrei, o sentimento do bello, do grande, do verdadeiro nas artes. Este romancinho era o seu valido d'entre todas as minhas escreveduras poeticas: consagrei-lh'o . . . Hoje é um monumento! bem pobre e mesquinho para memoria de tanta saudade!

Todavia o seu desejo e impenho era que eu fizesse uma verdadeira epopea, e me deixasse d'estas coisas que nunca podiam passar de *bonitinhas*. A perda de D. Sebastião em Africa era o assumpto que me dava: dizia — e dizia bem — que devia ser o reverso da medalha dos *Lusiadas*, e que podia ser o mais popular e nacional de todos os poemas portuguezes depois d'aquelle. Ponho isto aqui para commentario dos versos que se seguem, e que alias não seriam entendidos.

15 de Outubro de 1842.



A ADELIA

**Tu queres, amiga, que eu deixe
Minha harpa no chope do monte,
Que nem sempre me chore e queixe,
Que seja poeta... a cantar!
Que da brava inculta deveza
Me não fique pasmado á fonte
A admirar só a natureza,
Sem um brado de glória alçar!
Na escarpada selvatica brenha
Não se colhem senão rudes flores,
Bem o sei — crescem-lhe hirtas na grenha,**

São singellas
 De fólha e de côres,
 Não se toucam as bellas
 Com ellas :
 Não se infeitem jardins de formosas
 Com musquetas bravias e rosas !

— 'Vé o nobre, magnífico traço ¹
 Do regrado edificio de Homero,
 Do mavioso Virgilio, do Tasso !
 (Dizes tu, maga musa d'amor)
 'E ora terno e mavioso, ora fero,
 Já sublime, já doce—o cantor
 De Ignez bella, feio Adamastor.
 Como erguendo, ~~campes,~~ a alta frente
 Sôbre todos os vates do Pindo !'
 — Vejo, oh ! vejo, que ésta alma ardente
 Já nos voos andou seguindo
 Essas aguias ~~mais remontadas...~~
 Hoje é abelha, ~~ahi anda zumbindo~~
 Por entre agras, singellas flores,
 Desalinhadas :
 Mas são flores ~~que nascem na serra~~
 Onde todo o seu mundo se ~~incerna,~~
 Porque ahi tem—o seu bem—seus amores.

Bemfica, 12 de maio de 1840.

¹ Vide a introdução, vol. pag. 94.

BERNAL FRANCEZ

I

Ao mar se foi D. Ramiro,
Galé formosa levava;
Seu pendão terror dos Mouros
N'alta poppa tremolava.

Oh que adeus na despedida!
De saudades vai rallado;
Com tantos annos de amores,
Não tem um de desposado.

Nem ha dama em toda a Hespanha
Tam bella como é Violante;
Não a houvera igual no mundo
Se ella fôra mais constante.

Bate o mar na barbacan
Do castello alevantado,
Só a vela ¹ na alta tórre
Não cede ao somno pesado.

Tudo o mais repousa e dorme,
Tudo é silencio ao redor ;
Dobra o recato nas portas
Com a ausencia do senhor.

Mas a certa hora da noite
Se vê luz n'uma setteira,
E logo cruzar por perto
Leve barca aventureira.

Muitas noites que passaram,
Manso esteja ou bravo o mar,
A mesma luz, á mesma hora,
A mesma barca a passar.

E isto ignora o bom Rodrigo,
Que tam fiel prometteu
De guardar a seu senhor
Juramento que lhe deu ?

Sabera, não sabera :
Mas a c'ravella ligeira,
Que aopé da torre varada
Jazia allí na ribeira.

¹ Vigia.

Uma noite escura e feia
Na praia menos se achou...
Quem n'ella foi não se sabe,
Mas onde foi não tornou.

E o farol que no alto luz
Á mesma hora a brilhar...
Só a barca aventureira
Não foi vista hoje passar.

E d'um lado aopé da rocha
Havia um falso postigo :
Só o sabem D. Ramiro,
Violante e o fiel Rodrigo.

Mas alta noite, horas mortas,
Gente que o postigo entrava,
E á porta de Violante
Manso bater se escutava.

— 'Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh ! quem 'stá ahí ?
— 'Sou Bernal-francez, senhora,
Vossa porta a amor abri.'

Ao descer do leito d'oiro
A fina hollanda rasgou,
Ao abrir mansinho a porta
A luz que se lhe apagou :

Pela mão tremente o toma,
 Ao seu apposento o guia :
 — 'Como treme, amor querido,
 Esta mão, como está fria!'

E com osculos ardentes
 E no seio palpitante,
 Que lhe aquece as frias mãos
 A namorada Violante.

— 'De longe vens? — 'De mui longe.'
 — 'Bravo estava o mar!' — 'Tremendo.'
 — 'Armado vens!' — Não responde.
 Vai-lhe as armas desprendendo.

Em pura essencia de rosas
 O amado corpo banhou,
 E em seu leito regalado
 A par de si o deitou.

— 'Meia noite ja é dada
 Sem para mim te voltares,
 Que tens tu, querido amante,
 Que me incobres teus pozares!

'Se temes de meus irmãos,
 Elles não visão aqui ;
 Se de meu cunhado temes;
 Não é homem para ti.

Meus criados e vassallos
 Por essa tórre a dormir,
 Nem de nosse amor suspeitam,
 Nem o podem descobrir.

'Se de meu marido temes,
 A longes terras andou: .
 Por lá o detenham Mouros,
 Saudades ca não deixou.'

—'Eu não temo os teus criados,
 Meus criados tambem são: .
 Irmãos nem cunhado temo,
 São meus cunhados e irmão.

'De teu marido não temo . . .
 Nem tenho de que temer . . .
 Aqui está aopé de ti,
 Tu é que debes tremer.'

II

E o sol ja no oriente erguido
 Da tórre ancias dourava;
 Violante mais bella que elle
 Para a morte caminhava:

Alva tella aspera e dura
 Veste o corpo delicado,
 Por cintura riço esparto
 Em grosseiro laço atado.

Choram pagens e donzellas,
 Que a piedade o crime esquece;
 O proprio offendido espóso
 Com tal vista se internece.

Dá signal a campa triste,
 O algoz o cutello affia...
 —‘Meu senhor mereço a morte’
 A malfadada dizia,

‘De joelhos, D. Ramiro,
 Humilde perdão vos peço,
 Perdoae-me por piedade...
 A morte não, que a mereço:

‘Da affronta que vos hei feito
 Por minha triste cegueira,
 Dae-me quitação co’a morte
 N’esta hora derradeira:

‘Mas só eu sou criminosa
 Do aggravado que vos fiz,
 Não tireis, senhor, vingança
 D’esse misero, infeliz...’

Talvez ia perdour-lhe
O espôso compadecido...
Renovou-se-lhe o odio todo,
D'aquelle régo offendido:

O semblante roxo d'ira
Para não vé-la torceu,
E co' a esquerda mão alçada
O fatal accêno deu.

Sôbre o collo crystallino,
Desmaiado, e inda tam bello,
De golpe tremendo e subito
Cai o terrivel cutello.

III

Oh! que procissão que sai
Da antiga porta da tórre!
Que gente que acode a vé-la,
Que povo que triste corre!

Tochas de pallida cera
Nas trevas da noite eacura
Vão dando luz baça e triste,
Luz que guia á sepultura:

Cubertos com seus tapetes
 Rezam frades ao redor,
 A dobrar desastrosos
 Os sinos causam terror...

Duas noites são passadas,
 Já não ha luz na setteira,
 Mas passando e repassando
 Anda a barca aventureira.

Linda barca tam ligeira
 Que nenhum mar soçobreu,
 O farol que te guiava,
 Já não luz, já se apagou.

A tua linda Violante,
 O teu incanto tam bello,
 Teve por ti feia morte,
 Crua morte de cutello.

Na igreja de San'Gil.
 Ouves a campá a dobrar?
 Ves essas techas ao longe?
 Ella que vai a interrar.

Já se fez o interramento,
 Já cahiu a louza fria,
 Só na igreja solitaria
 Um cavalleiro se via ;

Vestido de dó tam negro,
E mais negro o coração,
Sôbre a fresca sepultura
De rôjo se atira ao chão :

—‘Abre-te, ó campa sagrada,
Abre-te a um infeliz! . . .
Seremos na morte unidos,
Ja que em vida o ceu não quiz.

‘Abre-te, ó campa sagrada
Que escondes tal formosura,
Esconde tambem meu crime
Com a sua desventura.

‘Vida que eu viver não quero,
Vida que eu só tinha n’ella,
Recebe-a, ó campa sagrada,
Que não posso já soffré-la.’

E o pranto de correr,
E os soluços de estallar,
E a mão que leva á espada
Para alli se traspassar.

Mas a mão gelou no punho
Voz que da campa se erguia,
Voz que ainda é suave e doce,
Mas tam medonha e tam fria,

Do sepulchro tão cortada,
Que as carnes lhe arripia
E a vida deixou parada:

— ‘Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu ja vivi;
Morte que me deu meu crime,
Fui eu só que a mereci.

‘Ai n’este gêlo da campá,
Onde tudo é frio horror,
Só da existencia conservo
Meu remorso e meu amor!

‘Braços com que te abraçava
Ja não tem vigor em si;
Cobre a terra humida e dura
Os olhos com que te vi;

‘Bôcca com que te beijava
Ja não tem sabor em si;
Coração com que te amava...
Ai! só n’esse não morri!

‘Vive, vive, cavalleiro,
Vive, vive e sé ditoso;
E aprende em meu triste fado
A ser pae e a ser espôso.

‘Donzella com quem casares
Chama-lhe também Violante;
Não amará mais do que eu...
Mas — que seja mais constante!

‘Filhas que d’ella tiveres
Ensina-as melhor que a mim,
Que se não percam por homens
Como eu me perdi por ti.’

VERSÃO INGLESA

I

See, Don Ramiro's galley speeds
Across the heavy seas,
His pennant which the moor so dreads
Now flutters in the breeze.

Oh! when he went, his heart was moved
With grief that would not hide. . .
To part with her he long had loved
Though lately called his bride!

Spain's loveliest maids or royal queen
In charms could not compare
With Violante, had she been
True as her form was fair.

Against the castle's flanking tower
Wild beats the surging deep,
And there a watch at midnight hour
Would not submit to sleep:

All else lulled by the breaker's jar
In slumber calm reposed,
And as it's lord was distant far
His castle gates were closed.

But lo! a bark at dead of night
Alone doth swiftly glide
Beneath the tower from whence a light
Shines glimmering on the tide.

And many a darksome night the bark,
As falls that hour, returns ;
Through wind and wave it's path to mark
The signal torch-light burns.

Roderigo, rouse thee up from sleep ;
The oath which thou didst swear
To thy good lord, how canst thou keep
When strangers come so near !

For knowest thou not, where softest swell¹
The waves around thy strand,
Whith sail unstretched, a caravel
Remains upon the sand ?

Ah ! in a stormy night and dark
It reckless left the shore ;
Who was it's pilot none could mark
But it came back no more.

Yet at the hour, the guiding light
On high began to burn,
'Twas vain -- no eye observed, this night,
The little bark return.

Far down the rugged rock that spread
Its masses round the tower,
Was placed a secret gate which led
To Violante's bower.

Within this postern, steps were heard
At night approaching near,
And on her door so firmly barred
A knock aroused her ear ;

¹ Vid. nota no fm.

— 'Oh ! who can thus, unknown advances
 And knock so boldly there ?—
 — 'Tis Bernal, lady, thine of France :
 He seeks thy smile to share.'

From couch of gold she reached the floor
 And rent her vestment gay,
 And as she gently opened the door
 It quenched her taper's ray.

His clay cold hand she seized him by
 And led him to her bower !
 — 'Love, tremble not : within our sky
 No clouds of sorrow lower.'

Then on her fair and glowings breast
 That, heaving, throbb'd the mora,
 She pressed his hands : and fondly kissed
 His cold lips o'er and o'er.

— 'Far have you come !' — 'Yes very far.
 — 'Rough was the raging sea ?
 — 'It was.' — 'Why comme you armed for war ?
 Nay tell thy thoughts to me.'

She doff'd his armour, and the dew
 Of roses, scenting wide,
 In liquid drops she o'er him threw
 And laid him by her side.

— 'Twelve hours hath rung the castle bell ;
 To her, who loves thee, turn
 Thy face, as thou wert wont, and tell
 What gives thee cause to mourn.

'Oh! if my brothers thou dost fear,
They will not come to me;
My husband's brother, were he here,
Can never cope with thee.

'My serfs and vassals, through the halls,
Will sleep till morning light;
Nor can they deem that, in my walls,
I welcome such a knight.

'My husband, fond of martial fray,
To distant lands is gone,
And may the Moors prolong his stay,
Regret here left he none.'

— 'They are my own, I need not fear
Those kneeling slaves of thine,
Nor brothers, for the badge they wear
Above their helms is mine.

'Nor do I dread thy husband's wrath;
Know . . . he reposes here,
Even by his lady, void of faith,
'Tis she who well may fear.'

II

The sun dispelled morn's shadows dim,
And on the castle shone,
When Violante, more fair than him,
To meet her doom hath gone:

ROMANCEIRO

Her lovely form, a garment long
 And coarse was wraped around,
 A knotted rope, like cable strong,
 Her graceful person bound.

And gushing tear drops blind the eye
 Of page and maiden fair;
 Nor are Ramiro's lashes dry,
 Fresh moisture glistens there

Pealed from the tower the signal bell,
 The axe was lifted high
 O'er Violante . . . Ere it fell
 She saw her husband nigh.

— 'My lord' she cried 'I merit death,
 Yet on my bended knee,
 Ere from my bosom parts my breath,
 I pardon crave from thee.

'Tis not through blighted years to live
 Lamenting o'er the past,
 But my offense to thee, forgive,
 This hour is now my last.

'On me, for I have wronged thy bed,
 Alone let vengeance light,
 Nor wreck thy rage upon the head
 Of Bernal, hapless knight.'

To grant her wish, Ramiro's breast
 With rising pity burned,
 But when she urged her last request,
 His former hate returned.

Dark lowered his brow, fierce flashed his eye,
As when his faulchion brave
Repelled the foe, — his left hand high
The fatal signal gave.

Then on that neck of grace and love,
Whose blue veins shining tell
The pureness of the skin above,
The headsman's weapon fell.

III

Forth from the castle's ancient gate,
A dread procession slow
Advanced, who mourned the hapless fate
That laid such beauty low.

Above them many a waxen torch,
In darkness of the night,
Shed to the chapel's gothic porch
A dim and mournful light.

And hooded closely many a friar
Sung prayers the bier around,
The massy bells within the spire
Rung forth an awful sound.

Two nights had passed, no torch's ray
Illumed the testless tide,
But fleetly o'er the castle bay
Again the skiff did glide.

Swift bark, thy pilot braved the wrath
Of ocean's wildest war,
But knows not how the damp of death
Has quenched his leading star.

Alas the fair whose beauty lured
His path across the wave,
The headsman's stroke for him endured
To fill a bloody grave.

Within the chapel of Saint Gil
Intombed she slumbers low;
See, distant torches burning still . . .
Hark, bells are pealing slow!

All now is past—lies o'er the dead
The cold sepulchral stone;
And, see: a knight death ceaseless tread
The echoing aisles alone.

His robes are black, but woe doth shroud
His heart in darker gloom;
And lo, he stretches, sobbing loud,
His form upon her tomb.

— 'Oh! open, grave, my heart is riven,
I taste delight no more,
Let death unite us now, whose heaven
In life asunder tore.

'And her who calmly sleeps beneath,
Again to me reveal,
That by her side, I may, in death,
My crime with her conceal.

'It is not, torn with inward strife,
My wish to linger on,
And live, when shot, the very life
Of all my hopes, is gone.'

Then fell his tears; his hands were clasped,
And moanings of despair
Burst from his heart; his blade he grasped
To still the conflict there.

But why inactive did he stand?
A voice unearthly rose
Out of the tomb, and stayed his hand.
Till on the hill it froze.

Like hollow gusts in winter drear,
That soundly appalling, came
So deep and sudden o'er his ear,
It deathlike thrilled his frame.

— 'Live, cavalier, though I no more
Survive, let life be thine,
Since for my crime the stroke I bore
The fault alone was mine.

'Cold horror dwells beneath this stone,
And all I knew above
Of glowing life from me is gone,
Except remorse and love.

'The arms shall clasp thy neck no more
Whose shape thou oft hast praised,
The eyes with earth are covered o'er —
That kindly on thee gazed.

'The mouth whose lips did revel free
On thine, is senseless now;
But that fond heart which beat for thee
Death cannot chill its glow.

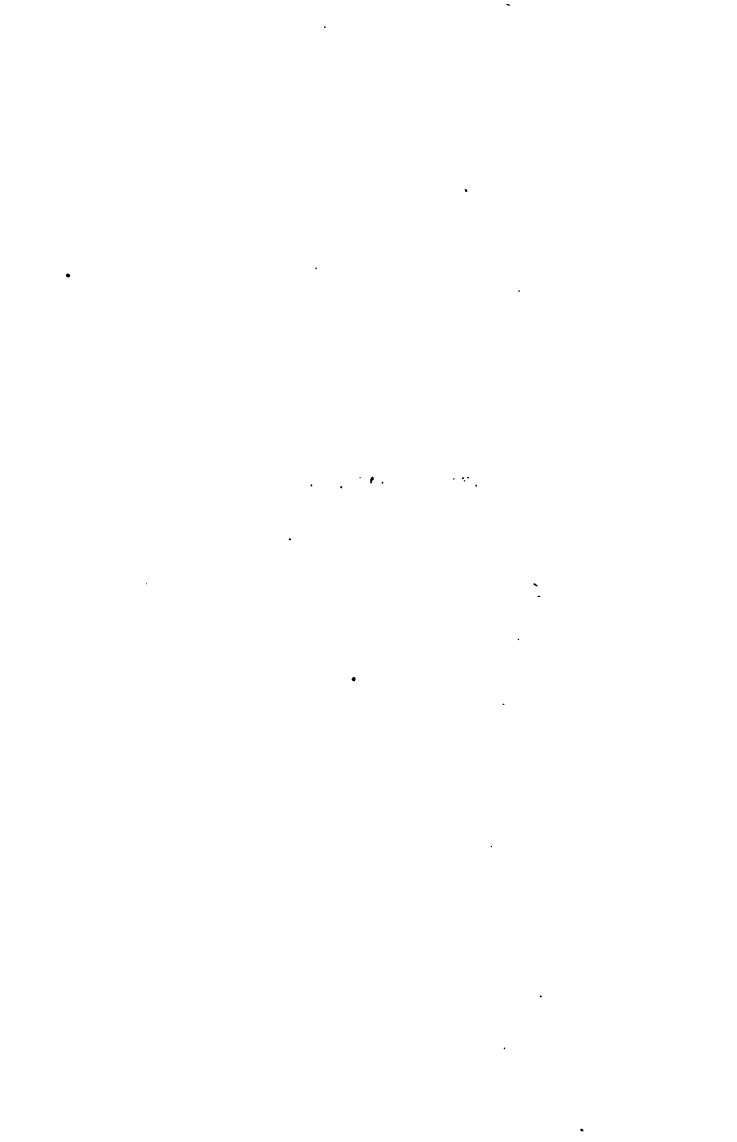
'Live, live, Sir Knight; a soul like thine
To honour should aspire;
Oh! learn to be, from fate like mine,
A husband and a sire.

'And name the maiden after me
Whose heart shall thee adore:
Than I, more faultless she may be,
But cannot love thee more.

'And oh! instruct her daughters young
That love may never sway
Their hearts to ill — think how I flung
For thee my life away.'

III

NOITE DE SANJOÃO



Este romance é e não é da minha simples composição. Estavam-me na saudosa memoria as vagas reminiscencias d'aquelles cantares tam graciosos com que, na minha infancia, ouvia o povo do Minho festejar a abençoada noite de San'João; ~~estavam-me~~ as fogueiras e as alcachofas de Lisboa a arder tambem na imaginação; e eu era muito longe de Portugal, e muito esperançado de me ver n'elle cedo: aqui está como e quando fiz ésta cantiga.

Foi em San'Miguel, as antenas dos nossos navios ja levantadas para sahir a expedição; — soltámo-las ao vento d'ahi a horas . . . Isto escrevia-se na quinta do meu velho amigo, o Sr. José Leite, cavalheiro dos mais distinctos, e velho o mais amavel que produziu o archipelago dos Açores.

Tambem alli estavam, para inspirar o poeta,

uns olhos pretos de quinze annos, que promettiam arder ainda tanta noite de San'João, fazer queimar tanta alcachofa por sua conta!...
Ja os cubriu a terra.

Faz hoje dez annos que aquillo foi; e ainda não invelheci bastante para o esquecer.

O romance é tam feito dos ditos e cantares do povo, que nem uma idea nem talvez um verso inteiro tenha que seja bem e todo meu. Por este motivo, principalmente, lhe dei logar aqui.

Lisboa, 23 de Junho 1842.

Na collecção ja citada, a LUSITANIA ILLUSTRATA, part. II, pelo Sr. J. Adamson appareceu a traducção ingleza d'este romance, que vai transcripta no appendice ao LIVRO II do presente ROMANCEIRO.

Sabe-se tambem de uma versão em Italiano. e de outra em Allemão, que não chegámos a ver ainda.

Abril, 16 — 1853.

OS EDITORES.

NOITE DE SAN'JOÃO

Té os moiros da Móirama
Festejam a San'João :
San'João, San'João, San'João !
Dae-ma peras do vosso balcão.

CANTIG. POPUL.

I

— 'Meia noite já é dada,
San'João, meu San'João,
N'esta noite abençoada
Ouvi a minha oração !

'Ouvi-me, sancto bemdito,
Ouvi a minha oração,
Com ser eu moira nascida
E vós um sancto christão :

‘Que eu ja deixei a Mafoma
E a sua lei do alkorão,
E só quero a vós, meu sancto,
Sancto do meu Dom João.

II

‘Como eu queimo ésta alcachofa
Em vossa fogueira benta,
Amor queime a saudade
Que no peito me rebenta.

‘Como arde esta alcachofa
Na vossa fogueira benta,
Assim arda a negra barba
Do moiro que me atormenta.

‘Como ésta fogueira abrasa
A minha alcachofa benta,
Ao meu cavalleiro abrase
A chamma de amor violenta.

III

‘Sacudi do alto do ceo
Vossa capella de flores,
Que n’este ramo queimado
Renasçam por meus amores.

Orvalhadas milagrosas
Que saram de tantas dores,
N'este coração, meu sancto,
Acalmem os meus ardores.

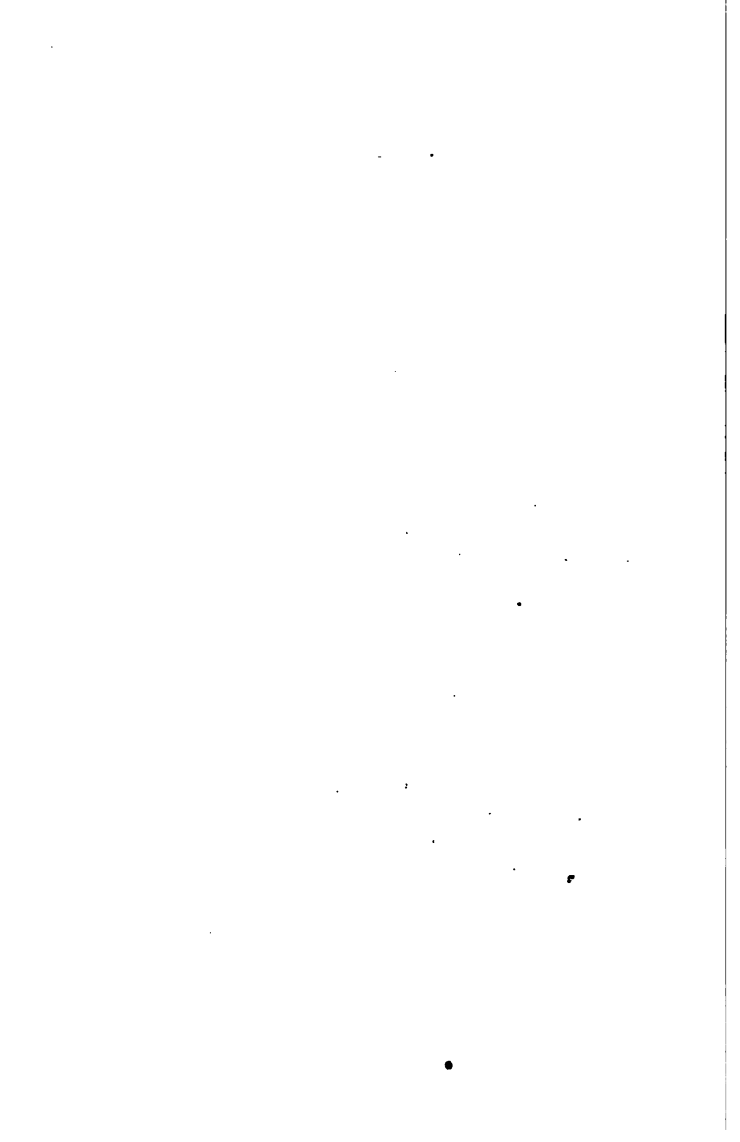
San' João, meu San' João,
Sancto de tantos primores,
N'esta noite abençoada,
Oh! trazei-me os meus amores!

IV

Ja se apagava a fogueira,
Ja se acabava a oração,
Ainda está de joelhos
A moira no seu balcão.

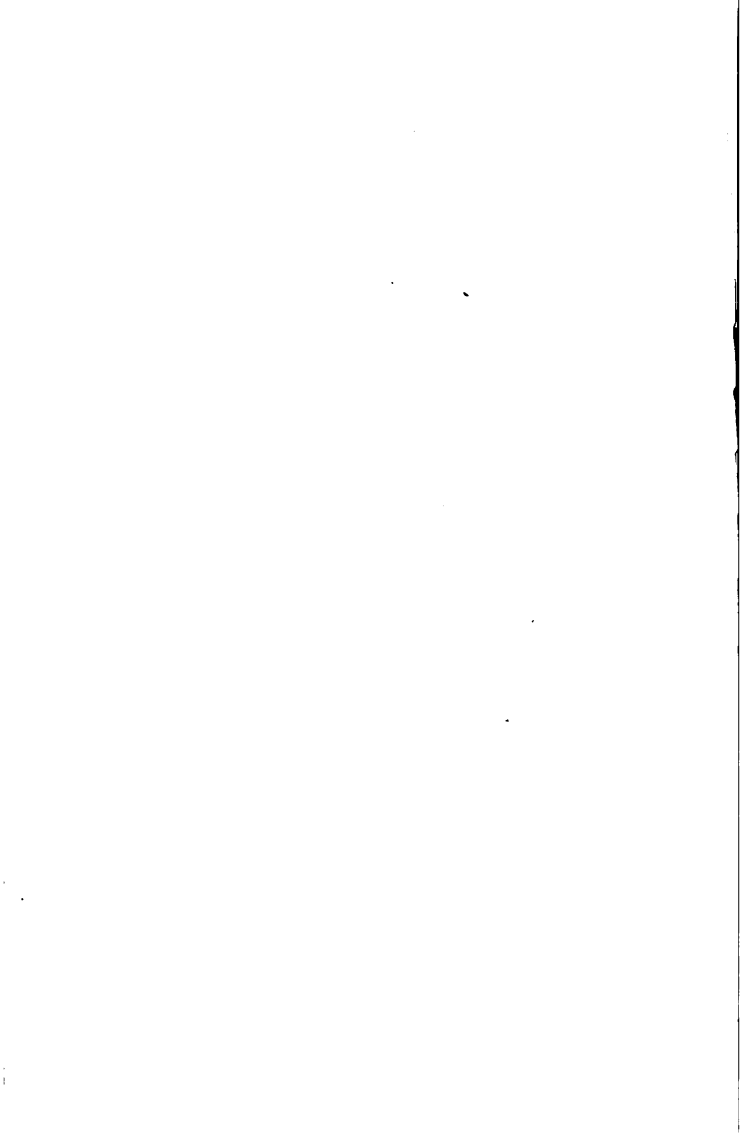
Os olhos tinha alongados,
Batia-lhe o coração :
Muita fe tem aquella alma,
Grande é sua devoção !

Ouviu-a o sancto bemditto :
Que, por sua intercessão,
D'aquelle extasi acordava
Nos braços de Dom João.



IV

O ANJO E A PRINCEZA



O célebre erro commettido pelos Settenta na traducção do v. 2 do cap. vi do GENESIS deu um poema inteiro a Thomaz Moore, '*Os Amores dos Anjos*—*The Loves of the Angels*' E d'este partiu o pallido reflexo da '*Chute d'un Ange*' que apenas animam as bellas pinturas de paizagem feitas do vivo e natural, e como de mão que as copiou nos proprios sitios: em tudo o mais o poema de Lamartine é inferior ao do Anacreonte d'Irlanda.

Hoje lêmos na Vulgata:—'*Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchrae, acceperunt sibi uxores ex omnibus quas elegerant.*

O Padre Antonio Pereira verteu:—'*Vendo os filhos de Deus, que as filhas dos homens*

eram formosas, tomárão por suas mulheres as que d'entrellas lhes agradárão mais.'

O Padre João Ferreira d'Almeida assim: — 'Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.'

Mas os Settenta não tinham intendido assim o texto hebraico, e em vez de — *filhos de Deus*, traduziram — *anjos de Deus* (οἱ Ἄγγελοι τοῦ Θεοῦ); erro, que ajudado pelos commentos poeticos de Philon, e pelas ficções do apocrypho livro de Enoch, accendeu as imaginações meio pagans de Tertuliano, de Lactancio, e até de San' Clemente Alexandrino. Seja ditto com o devido respeito a estes Padres da Igreja: nem Hesiodo nem Ovidio estenderam fábula alguma do polytheismo por maiores desvanios do que elles posturaram acerca d'esta ficção. Rejeitou-a todavia a maior parte dos Sanctos Padres. Deplorou-a como absurdo San' João Chrysostomo, stigmatizou-a de loucura San' Cyrillo. Segundo ellas as palavras — *filhos de Deus* — querem dizer: os descendentes de Seth por Evas, porque

foram os primeiros que invocaram o nome do Senhor. Assim por estoutras palavras — *as filhas dos homens* — devemos intender : — *as filhas da corrupta raça de Cain*. É opinião seguida sem disputa, na igreja catholica e em quasi todas as outras, desde Sancto Thomaz até hoje.

O TARGUM DE ONKELOS, que é a mais antiga das paraphrases chaldaicas, e a versão de Symacho traduziram — *os filhos dos nobres, ou grandes*; a versão samaritana diz — *os filhos dos juizes*.

E parece que a palavra hebraica, *Elohim*, admite todas estas tam desuairadas interpretações.

Seja como for, idaquelle desvio de texto e de imaginação nasceu muita poesia para os escriptores mysticos dos judeus e dos christãos primitivos e dos gnosticos e de todas essas seitas do Oriente, e porfim, em nossos dias, para os poemas de dois vates, ambos christianissimos hoje, ambos eminentemente catholicos — o francez talvez agona um tanto menos, — o inglez muito mais; principalmente

depois d'essa ultima sua obra philologo-orthodoxa.

Eu porém não quiz fazer mais do que uma 'lenda-romance' como a comporia um menestrel da idade-media em cujas coplas os donairosos sonhos da mythologia, assim como os severos mysterios da crença, tomavam sempre os habitos sociaes do seu tempo. Jupiter era Dom Jupiter, rei de coroa na cabeça e barbas até á cinta, rodeado de condes e de pagens, servido por nobres donzellas de espartilho e toucas altas; San'Miguel e o proprio Lucifer dois cavalleiros de lança em punho e escudo imbraçado, justando em mui leal batalha n'essas nuvens, com Legiões e Potestades por mantenedores do campo; — o Olympo era um castello feudal, e o ceo uma roca-forte. Em summa, sem princezas e cavalleiros não havia poesia para elles, nem a podia haver, porque essa era a vida que elles conheciam, o bello e sublime da vida que concebiam.

Por isto o tom biblico d'esta lenda ou legenda necessariamente é modificado e predo-

minado do ar cavalheresco ou romantico, proprio de um cultor da Gaya-Sciencia. Veja-se no Cancioneiro de Rezende como, ainda no seculo xv, o nosso João Rodrigues de-Sa-e-Menezes traduzia—não tanto do latim para portuguez, quanto do romano para romance, a epistola de Laodamia. Veja-se como o proprio Sa-de-Miranda na egloga iv reconta as classicas aventuras de Cupido e Psychis, — verdadeira fonte tambem da muito romantica e trovada historia da carochinha, *A Bella e a Fera*, que toda a gente sabe — ou soube quando era pequeno.

O fio da minha legenda é muito singelo. Era uma vez a filha de um rei, môça, linda, e unica herdeira do throno. Fugia das diversões e grandezas da côrte para se intregar á meditação na soledade. Adoece mortalmente enquanto el-rei seu pae anda á guerra. Volta elle triumphante e vem-n'a achar na derradeira agonía. O seu mal não o intendem os physicos. Lembra-lhes se será alguma secreta paixão d'amor. Elrei está prompto a tomar para genro seja quem for, comtanto que lhe

viva a filha. Nem assim. Morre a pobre da princeza, e morre de mal d'amores. Mas como não havia de ser, se a sua fatal paixão é por um espirito — um gnomo, um sylpho, um anjo — quem sabe o quê! — talvez outro Bertrand, que se apoderou d'esta Rosalia. — Ao menos, escapámos de segundo Roberto-do-diabo, porque a boa da infanta era de consciencia, e morreu antes d'isso.

E d'ahi, quem sabe? seria anjo bom o que ella amava. Segundo San'Basilio, *de vera virginitate*, não póde ser; segundo Tertuliano e San'Clemente-Alexandrino ja se viu que podia ser.

Campolide, 5 d'Outubro 1842.

Á ILLUSTRÍSSIMA E EXCELLENTÍSSIMA SENHORA

MARQUEZA DE FRONTEIRA

Ésta lenda-romance foi escripta no seu album, Minha-Senhora, para cumprir uma promessa feita ha tanto tempo, e por cujo desimpenho tam retardado V. Ex. ^a teve a bondade de nunca ralhar commigo. Dedico-lh'a agora que sai impressa ; e é a primeira vez na vida que offereço versos ou prosas minhas a pessoa que podesse imaginar devê-lo á sua qualidade e grandeza. Será provavelmente a úl-

tima, enquanto não fizer mais proselytos e imitadores o espirito verdadeiramente nobre e as maneiras verdadeiramente fidalgas que me obrigam a quebrar n'esta occasião o meu proposito tam firme e tam necessario n'esta terra.

De V. Ex.^a

Criado e fiel captivo

ALMEIDA-GARRETT

Campolide, 20 de Outubro 1842.

O ANJO E A PRINCEZA

.. - Waft me hence to thy own sphere,
Thy heaven or — ay, even *that* with thee.

MOORE, LOVES OF THE ANGELS.

Oh que choros vão no paço
Oh que luttos, que tristeza!
Morre, morre a cada instante
A nossa linda princeza.

Os physicos não se intendem,
Vão-se uns e outros véem;
Mas o mal que ella padece
Não lh'o descobre ninguem.

Nos olhos que se lhe inturvam,
Ja treme a luz derradeira.
Resa o officio da agonia
Negro monge á cabeceira.

Se inda chegará a tempo
D'essas guerras d'além-mar
O bom do rei, que inda possa
A sua filha abraçar!

A filha que elle ama tanto,
Unica filha querida,
A menina dos seus olhos,
Bordão da cansada vida!

Pois chegou. Tanto captivo,
Tanto despójo que traz!...
Com victorias o enganava
Fortuna, que acinte o faz.

Pelas portas de palacio
O real cortéjo entrava,
Olha o rei a um lado e outro,
Nem uma voz o acclamava...

Pela filha, que não via,
Não se atreve a perguntar,
Mas ao quarto da princeza
Foi direito sem parar :.

— 'Minha filha, minha filha!
Que tens tu, filha querida?'
E ella abria os olhos turvos
Que ja não teem quasi vida...

'Ametade do meu reino,
Da minha c'roa real,
A quem salvar a princeza,
Quem acertar c'o este mal.'

A éstas palavras do pae
Meneia a pallida frente,
Como quem diz:—'Não o entendem,
Nem cura o meu mal consente.'

—'São pezares... não se sabe...'
Responde o physico-mor,
'Outro mal lhe não descubro...
Só se for o mal d'amor.'

Um rubor desfallecido
Assomou na face lenta
Que já do suor da morte
Se cobria macilenta.

Os olhos, que no pae tinha
Cravados desde que o viu,
Com mostras de péjo e medo
Para a terra os descahiu.

—'Não tenhas, filha, receio,
Levanta os olhos, querida;
Seja quem for, será teu:
Jurei-o por tua vida.

‘Seja elle ou rico ou pobre,
 Seja fidalgo ou peão,
 Desde já por genro o tome,
 E aqui lhe deu tua mão.’

Como quem o último esforço
 De doce mágoa fazia,
 Com ineffavel brandura
 Os olhos ao pae erguia;

Suave, longo suspiro
 D’entre os labios lhe fugiu...
 Era a vida que passava,
 Que sem dor se despediu.

Foram para a amortallar,
 No peito um signal lhe achavam
 De letras que ninguem leu,
 Que estranhas fórmulas tomavam.

Sette sabios são chamados:
 Para haver de as deciphrar:
 Cada-um sette linguas sabe,
 Não n’as podem soletrar.

Só o mais velho dos sette,
 Que andára na Palestina,
 Disse: — ‘Outras letras como éstas
 Eu já vi n’uma ruina,

‘Junto dos cedros do Libano,
Ja meio entre a terra e os ceos,
Do tempo que ás filhas do homem
Fallavam anjos de Deus.

‘Mas le-las não sei nem posso :
Nem que soubesse, o fizera :
Segredos são d’outro mundo
Que, n’este, Deus não tolera.’

No alto d’aquelle monte
Um alto cedro nasceu ;
Ou anjos o semearam,
Ou foram aves do ceo,

Que ali cresceu de repente,
De uma noite para um dia ;
E outro igual em todo o reino
Como aquelle não havia :

Foi a noite que a princeza
Alli veio a sepultar :
Era um sitio seu querido
Donde sohia de estar,

Aonde horas esquecidas,
Sósinha, de quando em quando,
Com as estrellas do ceo
Parecia estar fallando ;

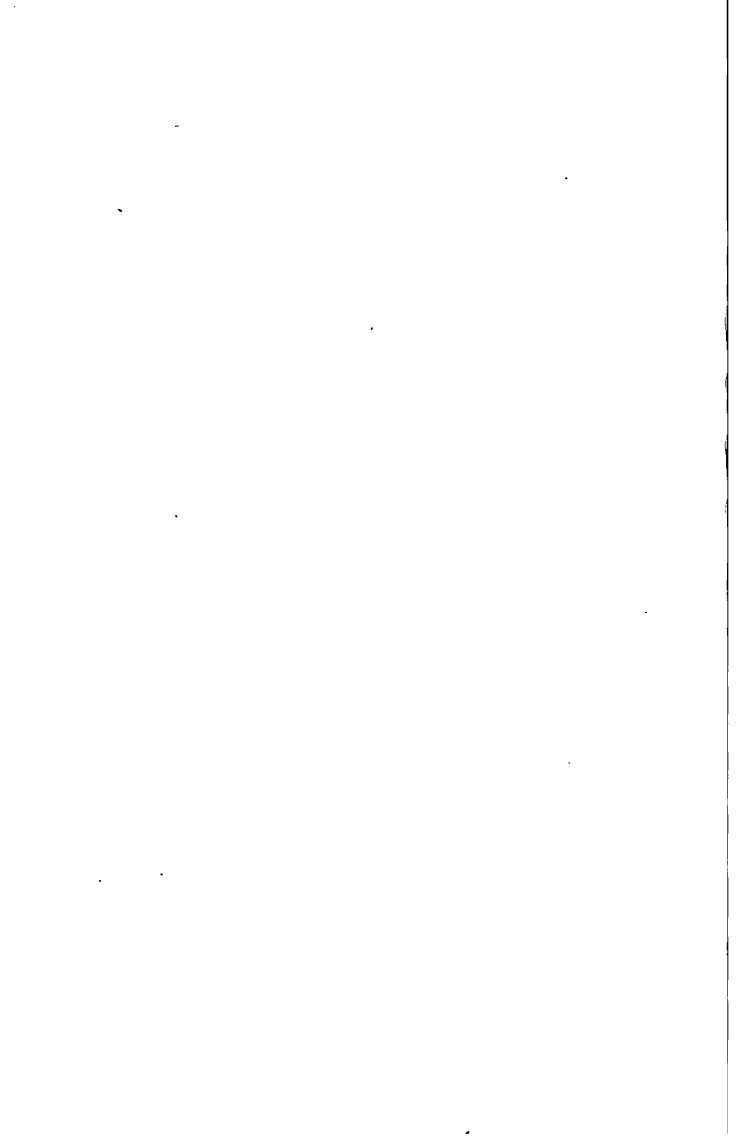
E onde, uma noite sem lua
Que as estrelas mais brilhavam,
Houve quem visse nos ares
Umhas roupas que alvejavam,

E descer a pouco e pouco,
E aopé da infanta parar
Um vulto... visão... ou sombra...
Mas sombra de luz sem par :

E foi desd'aquella noite
Que a não viu mais rir ninguém.
Anjo era o que lhe fallava...
Mas se de Deus... ou de quem?...

V

O CHAPIM D'ELREI OU PARRAS VERDES



Foi verdadeiramente reconstruída esta xá-cara dos fragmentos soltos da composição popular antiga, como hoje se reconstruiria das pedras caídas de uma torre velha, — não exactamente o mesmo edificio, porque o cimento, e algum inchume novo aqui ou alli, seria mister impregar — mas quasi a mesma coisa; na forma e nas materiaes a mesmissima.

Vieram-me de Evora os fragmentos por intervenção do Sr. Rívara, o habil e zeloso bibliothecario d'aquella cidade: são parte em prosa, parte em verso, estado em que alguns d'estes fósseis se desinterram ás vezes. Verifiquei depois que pelas vizinhanças de Lisboa se encontravam na mesma forma e quasi os mesmos.

Deixei-lhe com mais seguridade o titulo de xácara que trazem muitos outros de nossos romances populares, porque effectivamente creio que quadra mais aos d'esta especie de narrativa que é feita dramaticamente pelos dizeres de um e outro dos seus personagens, emquanto o poeta pouco ou nada diz epicamente elle mesmo.

Nós temos, se me não ingano, no genero narrativo popular as tres especies, romance, xácara, soláo: no romance predomina a fórma epica, conta e canta principalmente o poeta; na xácara prevalece a fórma dramatica, diz o poeta pouco, ás vezes nada — fallam os seus personagens muito: o soláo é mais plangente e mais lyrico, lamenta mais do que reconta o facto, tem menos dialogo e mais carpir: ás vezes, como no soláo da Ama em Bernardim-Ribeiro, não ha senão o lamento de uma só pessoa que vai alludindo a certos successos, mas que os não conta.

Apezar do que levo ditto no principio d'estas linhas, como não posso negar que ha bastante do meu cimento no ligar e assentar das

pedras velhas, e ellas eram tam poucas e tam sôltas, escrupulisei de pôr ésta peça no II livro do ROMANCEIRO paraque me não accusassem de macaquear as imposturas de Macpherson ou de Fr. Bernardo de Brito.

A anecdota, que eu deixei religiosamente como a refere o povo, parece dever ter sido algum facto que realmente acontecesse: — como, quando e aonde? Não pude encontrar vestigio. É o que diz o pobre do conde, scismando:

O chapim aqui o tenho,
O chapim bem n'ô topei:

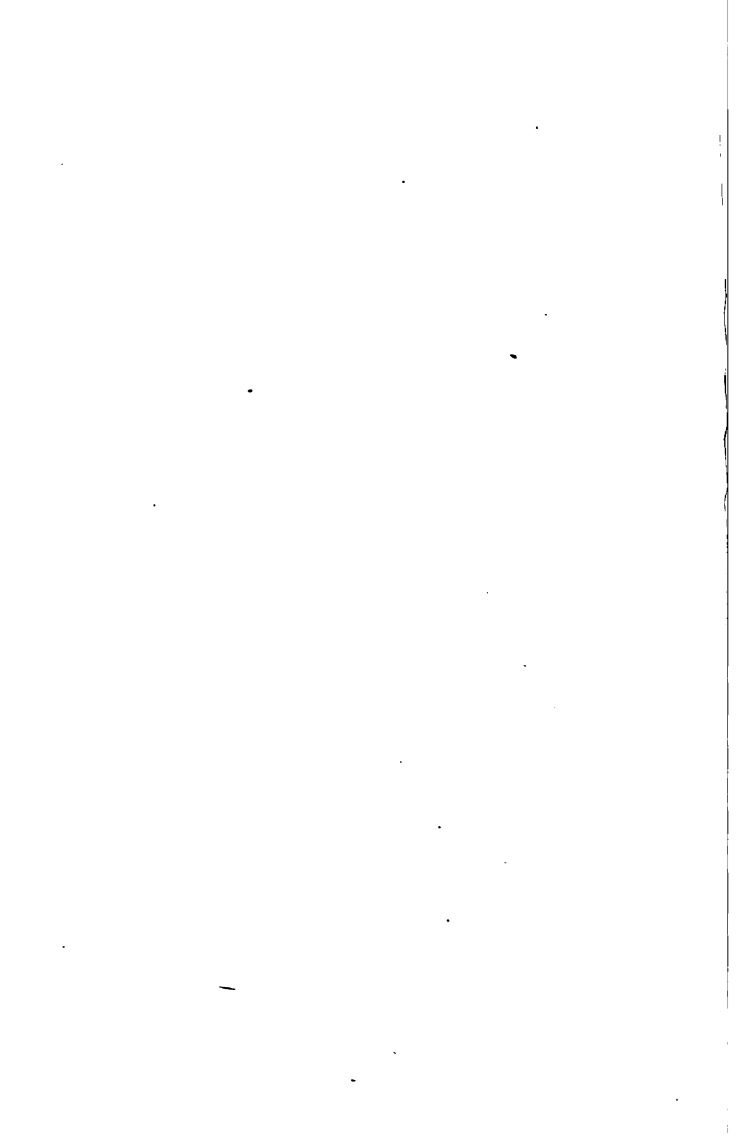
mas cujo é, e a que pé serve, só se voltar do outro mundo o dito rei para no-lo dizer.

Lisboa, 27 de Março de 1843.

No appendice ao II livro do ROMANCEIRO achará o leitor a versão ingleza d'esta xácara, publicada pelo Sr. Adamson na sua LUSITANIA ILLUSTRADA, part. II.

Abril, 17 — 1853.

OS EDITORES.



O CHAPIM DO REI.

OU

PARRAS VERDES

I

Verdes parras tem a vinha,
Ricas uvas n'ella achei,
Tam maduras, tão coradas...
Estão dizendo 'comei!'

—'Quero saber quem n'as guarda;
Ide, mordemo, e sabei:'
Disse o rei ao seu mordomo.
Mas porque o dizia o rei?

Porque viu n'aquelle monte
—E como elle o viu não sei—
Essa donna imparedada,
Não se sabe por que lei,

Que por seu mal é condessa,
 Condessa de Valderey :
 Antes ser pobre e villan,
 Antes pela minha fei !¹

Verdes parras tem a vinha :
 Uvas que lhe víra el-rei
 Tam maduras, tão coradas,
 Estão dizendo 'comei !'

II

Veio o mordomo do monte :
 — 'Boas novas, senhor rei !
 A vinha anda bem guardada,
 Mas eu sempre lá entrei.

'O dono foi-se a outras terras,
 Quando volverá não sei ;
 A porta é velha, e a porteira
 Com chave de ouro a tentei.

'Serve a chave á maravilha,
 Tudo porfim ajustei :
 Ésta noite á meia-noite
 Comvosco á vendima irei.'

¹ Fe, fee, fei. Vid. nota no fim.

—‘Valeis um reino, mordomo,
Grandes mercês vos farei :
Ésta noite á meia-noite
Riccas uvas comerei.’

A vinha tem parras verdes,
Madura a uva lhe achei ;
E tam madura, tam bella,
Que está dizendo ‘comei !’

III

Ao pino da meia-noite
Foi mordomo e foi o rei :
Doblas que deram á velha,
Um conto que nem eu sei.

—‘Mordomo ficae á porta,
Á porta que eu entrarei ;
Não me saltem cães na vinha
Em quanto eu vendimarei.’

A porteira o que lhe importa
É a dá-me que te darei...
No camarim da condessa
Veis agora entrar o rei.

Levava um candil acceso ;
Era de prata, sabeí :
Não ha senão prata e oiro
Na casa de Valderey.

Da vinha as parvas são verdes
As uvas maduras sei,
São tão coradas, tão bellas . . .
D'ellas — quando comerei !

IV

No camarim da condessa
Tudo andava á mesma lei,
Era o ceo d'aquelle anjo :
Que mais vos diga não sei.

Riccas sedas de Millão,
Toalhas de Courteney . . .
Tremia o rei — se era susto,
Se era de gôsto não sei.

Cortinas de seda verde
Vai ergo não erguevei . . .
Tal clarão lhe deu na vista,
Como não cahiu não sei.

Era uma tal formosura...
 Ora que mais vos direi?
 Outro primor como aquelle
 Não vistes nem eu verei.

Verdes parras tem a vinha,
 Riccas uvas lhe avistei,
 Tam formosas, tam maduras,
 Estão dizendo 'comei!'

V

Dormia tam descansada
 Como eu no ceo dormirei
 Quando for tam innocente...
 Jesus! se eu lá chegarei!

De joelhos toda a noite
 Alli fica o bem do rei,
 Pasmado a olhar para ella
 Sem bulir nem mão nem pei¹.

E dizia: — 'Senhor Deus!
 Perdoae-me o que já pequei,
 Mas este anjo de innocencia
 Não sou eu que offenderei.

¹ Pé, pee, pei. Vid. nota no fim.

Tem verdes parras a vinha ;
 Lindas uvas que eu lhe achei,
 Tenho medo que me travem...
 D'ellas, ai! não comerei.

VI

Ja vinha arraiando o dia,
 E elle, como vos contei,
 Ouve apitar o mordomo...
 —‘Jesus, senhor, me valei!’

Era o signal ajustado,
 —Vindo o conde, apitarei—
 Deixou cahir as eortinas
 Dizendo:—‘Não vendimei!’

Lindas parras tem a vinha,
 Bellas uvas n'ella achei;
 Mas doeu-me a consciencia,
 Das uvas não comerei.

VII

Deita a correr com tal pressa
 Que voava o bom do rei:
 —‘Ai que perdi um chapim...’
 —‘Tomae, que um meu vos darei:

‘Mas nem um instante mais,
Que o conde ja avistei
Descendo d’aquella altura;
Se nos colherá não sei...’

Era o medo do mordomo:
Outro era o medo do rei.
Qual d’elles tinha razão
Agora vo-lo direi.

Parras verdes viu na vinha,
Uvas maduras de lei;
Foi travo da consciencia,
Diz:—‘D’ellas não comerei.’

VIII

Chega o conde á sua tôrre,
O conde de Valderey,
Topou n’um chapim bordado...
Como ficou não direi.

Vai-se ao quarto da condessa:
—‘Morrerá, mattá-la-hei.’
Viu-a dormir tão serena:
—‘Jesus! não sei que farei!’

Corre a casa ao derredor:
— 'Deus me tenha em sua lei,
Que ou ésta mulher é bruxa
Ou eu c'o chapim sonhei!

'O chapim aqui o tenho,
O chapim bem n'o topei...
Mas que durma assim tão manso
Quem tal fez, não n'o crerei.'

Entrou a scismar n'aquillo:
— 'Valha-me Deus! que farei?
Por menos fica homem doudo;
E eu como o não ficarei?'

Minha vinha tão guardada!
Uvas que n'ella deixei
Não é fructa que se conte...
Da que me falta não sei.'

IX

Foi-se fechar no mais alto
Da tórre de Valderey:
— 'Não quero comer do pão,
Nem do vinho beberei;

'Minhas barbas e cabellos
Tambem mais os não farei,
Que ésta verdade não saiba
D'aqui me não tirarei.'

Verdes parras d'essa vinha,
Uvas que eu não comerei,
Ficæ-vos séccas embora,
Que eu já'gora — morrerrei.

X

Por tres dias e tres noites
Que se guarda aquella lei;
Clama a triste da condessa:
— 'Ao seu mal que lhe farei!'

De quem foi ella valer-se?
Agora vo-lo direi.
Foi lastimar-se a innocente...
Onde iria? — ao proprio rei.

— 'Ide, condessa, ide embora,
Que eu remedio lhe darei;
O segredo do seu mal
Sei-o eu... Se o saberei?

‘Palavra de cavalleiro
 Em lealdade vos darei,
 Que ou elle hade ser quem era,
 Ou eu, quem sou, não serei.’

As verdes parras da vinha,
 As uvas que eu cubicei,
 Ellas a travar-me n’alma...
 E mais d’ellas não provei!

XI

Fôra d’alli a condessa,
 Não tardou em ir o rei:
 — ‘Quero ouvir o que elles dizem,
 A ésta porta escutarei.’

Ouviu uma voz celeste
 Como tal nunca ouvirei,
 Cantando em doce toada
 Este triste vireley:

— ‘Já fui vinha bem cuidada,
 Bem querida, bem trattada:
 Como eu medrei!
 Ora não sou nem serei:
 O porqué não sei
 Nem n’o saberei!’

Com as lagrimas nos olhos
Foi d'alli o bom do rei :
— 'Oicamos agora o outro,
E o que sabe, saberei!'

— 'Minha vinha tam guardada!
Quando n'ella entrei
Rastos do ladrão achei;
So me elle roubou não sei:
Como o saberei?'

Era o conde a lastimar-se.
Surrindo dizia o rei
(Se era de si ou do conde
Que elle se ria não sei):

— 'Eu fui que na vinha entrei,
Rastos de ladrão deixei,
Parras verdes levantei,
Uvas bellas
N'ellas — vi:
E assim Deus me salve a mi
Como d'ellas
Não comi!'

XII

A porta tinha uma fresta :
Tirou o chapim do pei¹,
Atirou-lh'o para dentro,
Disse-lhe : — 'Vêde e sabe!'

Do mais que alli succedeu
Para que vos contarei ?
O conde soube a verdade,
E o rei soube — ser rei.

Verdes parras tem a vinha,
Riccas uvas lá deixei :
Quem m'a guardou foi o medo...
De Deus e da sua lei.

¹ Vid. nota no fim.)

VI

ROSALINDA



É verdadeiramente sublime, tem toda a frescura viçosa das imagens da poesia primitiva, a com que termina este romance. Tudo o que ha de asqueroso n'uma sepultura desaparece do tumulto em que amor desfolhou os seus goivos: alli não ha corrupção nem vermes: uma bella árvore, um rosal florido reproduzem em '~~novas e mudadas~~ fórmãs' os corpos de dois amantes. A vida não acabou, mudou só; e nem mudou tanto, que a vegetal seiva d'esses ramos não ferva ainda do mesmo ardor que ja animou aquelle sangue. Tendem umas para as outras, as apaixonadas, vergonheiras; cortam-n'as e ellas recrescem, e vão-se abraçar como duas palmeiras namoradas.

Sente-se aqui o BELLO, sente-o, qualquer porque é bello devéras. Assim se popularizou esta imagem e fez a volta da Europa, que a

achámos nos romances e solãos de quantos povos entraram na grande communhão romano-celtica, romano-theutica, ou celto-theutica: — talvez seja o modo mais exacto de dizer, este último.

O romanca *Prence Robert*, publicado por Sir Walter Scott, da tradição oral das raias d'Escocia¹, remata com éstas coplas:

The' tane was buried in Marie's kirk
 The tother in Marie's quair;
 And out o' the tane there spring a birk,
 And out o' the tother a brier.

And thae twa met, and thae twa plat,
 The birk but and the brier;
 And by that ye may very weel ken
 They were twa lovers dear.

Cito éstas coplas escocezas por serem as que mais se parecem com as do nosso romance: ha muitos outros parallelismos, mais ou menos approximados, nos romanceiros e cançoneiros de quasi todas as linguas. Não é possível descobrir hoje onde nasceu a idea original; no portuguez é onde ella está mais lindamente

¹ *Minstrelsy of the Scottish border etc.* by Sir Walter Scott, mihi, ed. de Paris 1838 — 2 vol. pag. 125.

expressada e com mais 'sentimento.' Na famosa historia de Dom Tristam, apontada a este proposito por Sir W. Scott, occorre a mesma imagem.

'Ores veitil que de la tumbé de Tristam yssait une belle ronce verte et feuilleuse, qui aleoit par la chapelle, et descendoit le bout de la ronce sur la tumbé d'Isseult, et entroit dedans.' Tres vezes cortaram a milagrosa planta, mas, continúa o bom do historiador, Rusticien de Puise, *'le lendemain estoit aussi belle comme elle avoit cydevant été, et ce miracle estoit sur Tristam et sur Ysseult à tout jamais advenir.'*

É um ponto luminoso para as indagações philologicas na historia das linguas modernas — ou da sua poesia, que é a mesma coisa. É para mais ainda; porque a historia do homem, por aqui a hade começar a estudar quem verdadeiramente a quizer saber.

Eu fiz este romance de tres fragmentos diversos, tam fragmentos que nenhum d'elles per si se intendia bem. O primeiro appareceu-me inserido no de Eginaldo, Reginaldo

— ou Girinaldo, como diz em muitas partes o povo. O segundo e terceiro involtos com o de Claralinda ou Clara-lindes, que os castelhanos chamam *Clara-niña*, e ao romance o do conde Claros.

No lugar competente do cancionero darei esses romances que hoje tenho restituídos pela collação de outros fragmentos e de melhores cópias que depois me vieram ¹.

Campolide, 8 de Setembro 1843.

Tambem na LUSITANIA ILLUSTRATA vem a traducção ingleza d'este romance que vai copiada no appendice á II parte do LIVRO II do NOSSO ROMANCEIRO:

Aqui damos agora o bello estudo e versão franceza de M. Edouard Fournier sobre a Rosalinda, que se publicou em Paris em 1852:

Abril, 16 - 1853.

OS EDITORES:

¹ Vej. no livro II, part. I, o romance XIII, *Claralinda*, pag. 219 do 2.º vol.; e na part. II, o romance XVIII, *Conde Nillo*, pag. 19 do 3.º vol.; *ibid.* o romance XX a *Peregrina*, pag. 35, etc.

ROSALINDA

Era por manhã de maio,
Quando as aves a piar,
As árvores e as flores,
Tudo se anda a namorar ;

Era por manhã de maio,
Á fresca riba de mar,
Quando a infanta Rosalinda
Alli se estava a tocar.

Trazem das flores vermelhas,
Das brancas para a infeitar ;
Tam lindas flores como ella
Não n'as poderam achar :

Que é Rosalinda mais linda
Que a rosa, que o nenuphar,
Mais pura que a açucena
Que a manhan abre a chorar.

Passava o conde almirante
Na sua galé do mar ;
Tantos remos tem por banda
Que se não podem contar ;

Captivos que a vão remando
A Moirama os foi tomar ;
D'elles são grandes senhores,
D'elles de sangue real :

Que não ha moiro seguro
Entre Ceuta e Gibraltar
Mal sai o conde almirante
Na sua galé do mar.

Oh que tam linda galera,
Que tam certo é seu remar !
Mais lindo capitão leva,
Mais certo no marear.

— ‘Dizei-me, o conde almirante
Da vossa galé do mar,
Se os captivos que tomais
Todos los fazeis remar ?’

— ‘Dizei-me, a bella infanta,
Linda rosa sem igual,
Se os escravos que lá tendes
Todos vos sabem tocar?’

— ‘Cortez sois, Dom Almirante:
Sem responder, perguntar!’

— ‘Responder, responderei,
Mas não vos heisde infadar:

‘Captivos tenho de todos,
Mais bastos que um aduar;
Uns que mareiam as velas,
Outros no banco a remar:

‘As captivas que são lindas
Na poppa vão a dançar,
Tecendo alfombras de flores
Para o senhor se deitar.’

— ‘Respondeis, respondo eu,
Que é boa lei de pagar:
Tenho escravos para tudo,
Que fazem o meu mandar;

‘D’elles para me vestir,
D’elles para me tocar...
Para um só tenho outro imprégo,
Mas está por captivar...’

— ‘Captivo está, tam captivo
Que se não quer resgatar.
Rema, a terra a terra, moiros,
Voga certo, e a varar!’

Ja se foi a Rosalinda
Com o almirante a folgar :
Fazem sombra as lorangeiras,
Goivos lhe dão cabeçal.

Mas fortuna, que não deixa
A nenhum bem sem dezar,
Faz que um monteiro d’elrei
Por alli venha a passar.

— ‘Oh monteiro, do que viste,
Monteiro, não vás contar :
Dou-te tantas bolsas de oiro
Quantas tu possas levar.’

Tudo o que viu o monteiro
A elrei o foi contar,
A casa da estudaria
Onde elrei stava a estudar.

— ‘Se á puridade o disseras,
Tença te havia de dar :
Quem taes novas dá tam alto,
Alto hade ir... a inforçar.

'Arma, arma, meus archeiros
Sem charamellas tocar!
Cavalleiros e piões,
Tudo á tapada a cercar.'

Inda não é meio dia,
Começa a campa a dobrar;
Inda não é meia noite,
Vão ambos a degollar.

Ao toque de ave-marias
Foram ambos a interrar:
A infanta no altar mor,
Elle á porta principal.

Na cova da Rosalinda
Nasce uma árvore real,
E na cova do almirante
Nasceu um lindo rosal.

Elrei, assim que tal soube,
Mandou-os logo cortar,
E que os fizessem em lenha
Para no lume queimar.

Cortados e recortados,
Tornavam a rebentar:
E o vento que os incostava,
E elles iam-se abraçar.

Elrei, quando tal ouviu,
Nunca mais pôde fallar;
A rainha, que tal soube,
Cahia logo mortal.

— 'Não me chamem mais rainha,
Rainha de Portugal...
Apartei dous innocentes
Que Deus queria juntar!'

ÉTUDES SUR LA ROSALINDA

Les rapports entre la littérature française et la littérature portugaise, au moyen-âge, furent plus grands et plus directs que l'éloignement des deux pays ne le donnerait à penser. M. Raynouard a été des premiers à le remarquer; il ne s'est même pas borné à une simple constatation du fait, il l'a appuyé de toutes sortes de preuves. Afin même de montrer complètement combien la langue portugaise se rapprochait de la langue romane, il a été jusqu'à traduire dans la langue des troubadours, une petite pièce du Camoëns¹. Épreuve triomphante! car à quelques syllabes près, les deux pièces, l'original et la traduction, se sont trouvés les mêmes. Il n'y a pas plus complète identité contre les Noëi en patois bourguignon et la très facile traduction française que tout le monde peut en faire. Qu'on en juge par la seconde des deux strophes :

PORTUGAIS

Melhor deve ser
N'este aventurar
Ver e não guardar
Que guardar e ver.
Ver e defender
Muito bom seria,
Mas quem poderia ?

LANGUE DES TROUBADOURS

Melhor deu esser
En est aventurar
Vezer e no guardar
Que guardar e vezer.
Vezer e defender
Molt bon seria,
Mas qui poiria ?

¹ *Poësie des Troubadours*, tom. vi, pag. 385.

Dans tout cela, je le répète, il n'y a pas une syllabe qui ne soit sœur de celle qui la traduit.

Les mots qui servaient à désigner les diverses sortes de pièces de poésie étaient les mêmes pour les poètes portugais et pour les poètes de la langue romane. Ceux-ci, par exemple, avaient le *lai* qui correspondait directement au *leod* allemand et au *laoi* des Irlandais; ceux-là, Portugais et Espagnols, avaient le *loa*. La même chose sous le même mot. Une autre espèce de poème s'appelait *dict* chez les trouvères, et les Portugais le connaissaient aussi sous un nom presque pareil. Dans la *Carta del marquès de Santillana*¹, se lit cette phrase par laquelle se trouvent indiqués ces *dicts* en langue portugaise: 'Cantigas serranas, e *dicires* Portugueses e Gallegos.' Pour exprimer la rime dans toute sa primitivité native, mais mélodieuse, nous avons le mot *assonnance* qui est resté, et le verbe *assonner* qui n'a malheureusement pas eu le même sort. Les Espagnols et les Portugais avaient de même le verbe *asonar* qu'ils étendaient jusqu'au sens de l'expression 'mettre en musique'.¹ Enfin, il n'est pas jusqu'au mot *troubadour* qui ne se retrouve à peine modifié dans la langue portugaise. Tantôt c'est *trobar*, tantôt c'est *trobador*. Le premier de ces mots se trouve dans ce vers des *Fragmentos de hum Cancioneiro inedito*²:

Et por que m'ora quitey de trobar,

et le second, aux fol. 91 et 101 du même recueil.

¹ Ap. Sanchez, tom I, pag. LVIII.

² Le manuscrit du *Cancioneiro* date du XIII^e siècle et les pièces qu'il contient semblent plus anciennes. Il a été publié à Paris en

Ces similitudes ne se retrouvent pas seulement dans les idiomes, mais encore dans le génie des deux nations. On voit par les œuvres qu'ont laissées leurs poètes que toutes deux puisent aux mêmes sources et se renvoient mutuellement l'inspiration. Mais elle vient surtout des troubadours, il faut bien le dire ; et quand nous avons appris que le roi de Portugal Diniz prit pour maître en l'art des vers le troubadour de Cahors, Aymeric d'Ebrard, qui lui apprit à faire même des vers provençaux, et qui reçut en récompense l'archevêché de Lisbonne où il fonda la fameuse université transportée en 1308 à Coïmbre ; nous n'avons pas été surpris. À cette époque déjà, tous les bons maîtres venaient de France.

Pour preuve de la communauté d'inspiration des poètes portugais et des troubadours, nous citerons deux exemples. Une chanson portugaise que nous lisons au fol. 78 du recueil rarissime cité tout-à-l'heure sera le premier. On la trouva ainsi traduite dans les *Prolégomènes de l'Histoire de la Poésie scandinave*, par M. Edelestand Du Ménil¹.

'Par Dieu ! ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

'Vous me semblez si belle, ô dame, que jamais je n'en vis d'aussi belle et je vous dis une grande vérité, telle que je n'en sais pas de plus vraie. Par Dieu,

1823 par Sir Ch. Stuart of Rothsay et tiré seulement à 25 exemplaires, dont aucun n'a été mis dans le commerce. Vid. a nova ed. do Sr. Varnhagen, Madrid 1851.

¹ Pag. 339, note 4.

ROSALINDA

BALLADE PORTUGAISE

La rime n'est pas riche et le style en est vieux ¹

MOLIÈRE, *Misanthrope*.

C'était un matin de mai,
Quand l'oiseau dans la nuée,
L'arbre au bois, la fleur au pré,
Chantent l'amour réveillée.

C'était un matin de mai,
Quand Rosalinda l'infante
Sur le rivage embaumé
Peignait sa tête charmante.

Blanches fleurs on lui portait,
Rouges fleurs avec leur branche :
Mais en grâce elle passait
Et la fleur rouge et la blanche.

Mieux que celle des épis,
Mieux que la rose nouvelle,
Le nénuphar et le lis
La belle infante était belle.

Le comte amiral passait
Avec sa galère sombre
Mainte rame s'y pressait
Tant, qu'on n'en sait pas le nombre.

¹ Note pour la traduction

Les captifs ses noirs rameurs
Il les prit au pays More.
Tous, ils sont de grands seigneurs,
Ou du sang royal encore.

Depuis Ceuta, pas un port
Qui ne redoute la guerre
Quand le comte amiral sort
Avec sa noire galère.

Voyez, comme elle fend l'eau,
Comme on y rame em mesure !
Que son capitaine est beau,
Que sa main est forte et sûre !

— 'Dites moi, comte amiral,
Pour ces captifs, votre prise,
Le labeur, est-il égal ?
Rament-ils tous, sous la brise ?

— 'Vous que je vois se mirer,
Belle infante, fleur d'élite,
Savent-ils, tous vous parer
Ces esclaves, votre suite ?

— 'L'amiral est peu galant,
Pour réponse une demande !
Qu'il parle, il se peut pourtant
Que sa réponse on lui rende.'

— 'Ainsi qu'un chef d'Adouar,
J'ai bien des captifs, madame,
Du travail tous ont leur part,
L'un manœuvre et l'autre rame.

'Les captives au beau front
 Dansent, effeuillant la rose,
 Et de fleurs jonchent le pont,
 Pour que leur maître y repose.

— ' Vous répondez, je vous dois
 Comte, égale politesse :
 J'ai, dociles à ma voix,
 Esclaves de toute espèce.

' L'un est là pour m'atourner
 Et cet autre me fait brave (bellè).
 Un emploi reste à donner,
 Où manque encor un esclave . . .

— ' Cet esclave il est trouvé,
 Il défend qu'on le libère ;
 Il ne veut qu'être arrivé ;
 Ramez vite, allons à terre !

Et Rosalinda partit :
 Et le comte est avec elle,
 Les fleurs leur prêtent un lit,
 L'oranger sa verte ombelle.

Mais le sort, — c'est là sa loi —
 Ne veut qu'un bien sans mal vicieux :
 Là, passe un veneur du roi . . .
 C'est ce destin qui l'amène.

— ' De tout ce qui tu vis là,
 Ne conte rien à personne,
 Veneur, on te donnera
 De l'or à payer un trône.'

Mais ce que le veneur sait,
Près du roi vite il s'en vante,
Qui dans son palais était,
Et qui pensait à l'infante.

— 'En honneur dis chaque mot
Tu recevras récompense
Mais qui dit haut, ira haut,
C'est-à-dire à la potence.'

'Vite, archers, vite clairons,
Sonnez, comme pour combattre,
Nobles, cavaliers, piétons
Vite, allons la forêt battre.'

Midi n'était pas frappé
Que sonne un glas mortuaire,
Minuit n'avait pas tinté
Que leur tête était par terre.

Quand l'Angelus vint après
Dans leur fosse on les emporte,
Elle au maître-autel, lui près
Des marches de la grand' porte.

Voilà qu'au premier tombeau
Nait un noble et puissant arbre,
Quand un rosier grand et beau
Pousse auprès du second marbre.

— 'Ça qu'on les lie en fagot
Pour en faire de la cendre,'
Cria le vieux roi, sitôt
Que la chose il put apprendre.

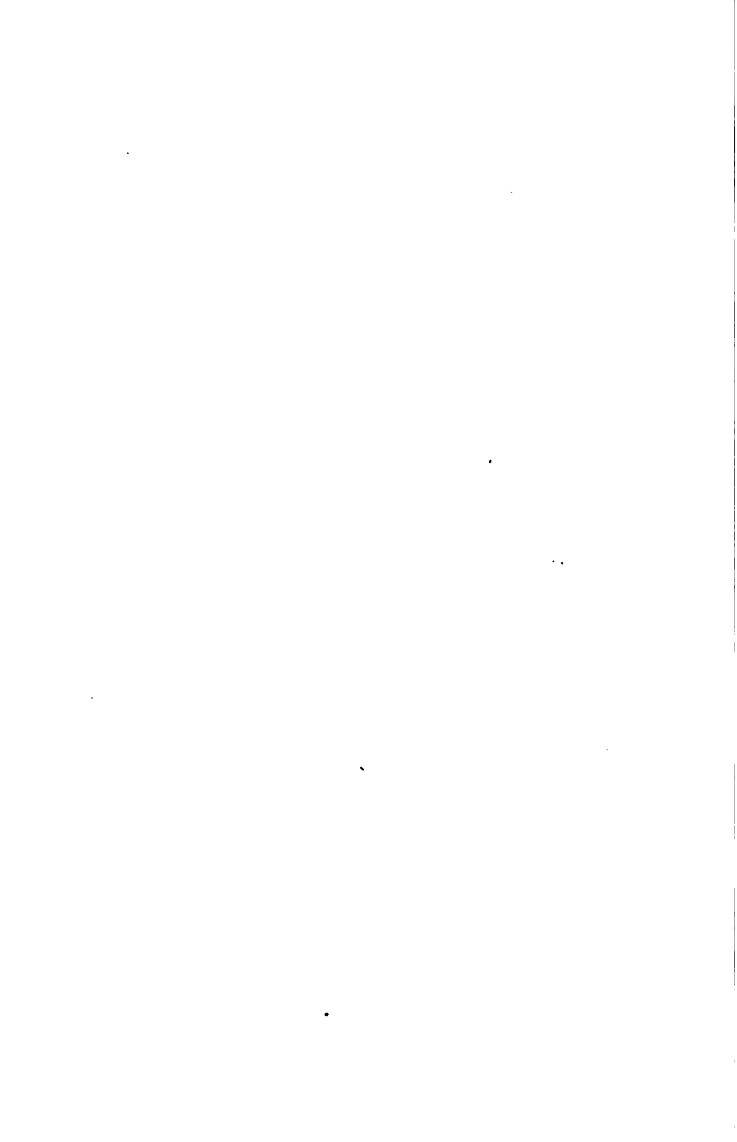
Mais on eut beau les raser,
Chacun à l'envi repousse;
Même, ils semblent se baiser
Sous la bise qui les pousse.

Au roi l'on a révélé
Cette aventure inouïe.
Depuis, il n'a plus parlé;
La reine est évanoui.

D'elle on a pu retenir
Ces mots : 'Je ne suis plus reine!
Dieu voulait les réunir,
Nous avons rompu leur chaîne!'

VII

MIRAGAIA



É a terceira vez que se imprime o romance MIRAGAIA; só agora porém vai restituído ao seu devido lugar n'este primeiro livro do ROMANCEIRO. Publicou-se primeiramente no 'Jornal das Bellas-artes',¹ foi logo vertido em loguez não sei por quem, e não me lembra em que publicação appareceu, nem o achô.

Traduziu-o em Francez um curioso²; e não me metto a apreciar a que elle modestamente chama 'imitação' do meu romance; dou-a em appendice.

Tambem sei que existe uma versão castelhana pelo Sr. Isidoro Gil, o mesmo que n'esse idioma traduzira o BERNAL-FRANCEZ. Creio que se publicou em um jornal de Madrid, mas não a vi nunca.

¹ Jornal das Bellas-artes, Lisboa 1845, vol. 1.

² Mr. Zanole que foi depois, em 1848-1849, addido á legação franceza na China.

Eu, quando dei esta bagatella aos Srs. editores do 'Jornal das Bellas-artes' para encherem algum vão que lhes sobrasse n'aquella sua linda e elegante publicação, escrevi, a um canto do proprio rascunho original que não tive paciencia de copiar, as seguintes palavras:

'Este romance é a verdadeira reconstrucção de um monumento antigo. Algumas coplas são textualmente conservadas da tradição popular, e se cantam no meio da historia 'rezada' ainda hoje repettida por velhas e barbeiros do logar. O conde D. Pedro e os chronistas velhos tambem fabulam cada um a seu modo sôbre a legenda. O auctor, ou, mais exactamente, o recopilador, seguiu muito pontualmente a narrativa oral do povo, e sôbre tudo quiz ser fiel ao stylo, modos e tom de contar e cantar d'elle; sem o quê, é sua íntima persuasão que se não póde restituir a perdida nacionalidade á nossa litteratura.'

O postscriptum, servindo de nota ao commento, sahiu impresso no referido jornal, e foi ampliado com algumas observações por

entremo lisongeiros dos Srs. editores, a quem muito desejei auxiliar como elles mereciam por sua gentil imprêza; que era a mais bella e das mais uteis que se teem commettido em Portugal.

Devo ao seu favor, não só o terem adornado a minha MIRAGALIA com as lindas gravuras em madeira que todos admiraram, mas o permittirem que se fizesse com ellas a pequena edição em separado com que quiz brindar alguns amigos, apaixonados, como eu, de nossas antigualhas populares.

Era uma folha avulsa do meu ROMANCEIRO, e n'elle vai reposta agora que se offerece tempo e lugar conveniente.

Foi das primeiras coisas d'este genero em que trabalhei: e é a mais antiga reminiscencia de poesia popular que me ficou da infancia, porque eu abri os olhos á primeira luz da razão nos proprios sitios em que se passam as principais scenas d'este romance. Dos cinco aos dez annos de idade vivi com meus paes n'uma pequena quinta, chamada 'O Castello' que tinhamos áquem Doiro, e que se diz tirar esse

nome das ruínas que alli jazem do castello mourisco.

Na ermida da quinta se venerava uma imagem antiquissima de Nossa-Senhora com a mesma invocação 'do Castello,' e com a sua legenda popular tambem, segundo o costume.

Com os olhos tapados eu iria ainda hoje achar todos esses sitios marcados pela tradição. Muita vez brinquei na fonte do rei Ramiro, cuja agua é deliciosa comefeito; e tenho idea de me ter custado caro, outra vez, o imitar, com uma gaita da feira de San'Miguel, os toques da bozina de S. M. Leoneza, impoleirando-me, como elle, n'um resto de muralha velha do castello d'elrei Alboazar: o que meu pae desapprovou com tam significante energia, que ainda hoje me lembra tambem.

Assim ólho para ésta pobre MIRAGALA como para um brinco meu de criança que me apparecesse agora; e quero-lhe — que mal ha n'isso? — quero-lhe como a tal. Não a julguem tambem por mais, que o não vale.

Lisboa, 24 de Janeiro 1847.

MIRAGAIA

CANTIGA PRIMEIRA

Noite escura tam formosa,
Linda noite sem luar,
As tuas estrelas de oiro
Quem n'as poderá contar!

Quantas folhas ha no bosque,
Areias quantas no mar?...
Em tantas lettras se escreve
O que Deus mandou guardar.

Mas guai do homem que se fia
N'essas lettras deciphrar!
Que a ler no livro de Deus
Nem anjo póde atinar.

Bem ledo está Dom Ramiro
 Com sua dama a folgar;
 Um perro bruxo judio
 Foi causa de elle a roubar.

Disse-lhe que pelos astros
 Bem lhe podia affirmar
 Que Zahara, a flor da belleza,
 Lhe devia de tocar.

E o rei veio de cilada
 D'além do Doiro passar,
 E furtou a linda moira,
 A irman d'Alboazar.

A Milhor, que é terra sua
 E está na beira do mar,
 Se acolheu com sua dama...
 Do mais não sabe cuidar.

Chora a triste da rainha,
 Não se póde consolar;
 Deixá-la por essa moira,
 Deixá-la com tal dezar!

E a noite é escura cerrada,
 Noite negra sem luar...
 Ella sósinha ao balcão
 Assim se estava a queixar:

— 'Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pezar,
Em que te errei d'alma ou corpo,
Que fiz para tal penar ?

'Diz que é formosa essa moira,
Que te soube infeitiçar...
Mas tu dizias-me d'antes
Que eu era bella sem par.

'Que é môça, na flor da vida...
Eu, se ainda bem sei contar,
Ha tres que tinha vinte annos,
Fi-los depois de casar.

'Diz que tem os olhos pretos,
D'estes que sabem mandar...
Os meus são azues, coitados !
Não sabem senão chorar.

'Zahara, que é flor, lhe chamam,
A mim, Gaia... Que acertar !
Eu fiquei sem alegria,
Ella a 'flor' não torna a achar.

'Oh ! quem podéra ser homem,
Vestir armas, cavalgar,
Que eu me fôra ja direita
A esse moiro Alboazar...'

Palavras não eram dittas,
Os olhos foi a abaixar,
Muitos vultos acercados
Ao palacio viu estar ;

—‘Peronella, Peronella,
Criada do meu mandar,
Que vultos serão aquelles
Que por alli vejo andar ?’

Peronella não responde ;
Que havia de ella fallar ?
Ricas peitas de oiro e joias
A tinham feito callar.

• A rainha que se erguia
Por sua gente a bradar,
Sette moiros cavalleiros
A foram logo cercar ;

Soltam prégas de um turbante,
A bôcca lhe vão tapar :
Tres a tomaram nos braços...
Nem mais um ai pôde dar.

Criados da sua casa
Nenhum veio a seu chamar ;
Ou peitados ou captivos
Não n’a podem resgatar.

São sette os moiros que entraram
Sette os estão a aguardar;
Não fallam nem uns nem outros...
E prestes a cavalgar!

Só um, que de arção a toma,
Parece aos outros mandar...
Junctos junctos, certos certos,
Galopa a bom galopar!

Toda a noite, toda a noite
Vão correndo sem cessar,
Pelos montes trote largo,
Por valles a desfilar.

Nos ribeiros — peito n'agua,
Chape, chape, a vadear!
Nas defesas dos vallados
Up! salto — e a galgar!

Vai o dia alvorocendo,
Estão á beira do mar,
Que rio é este tam fundo
Que n'elle vem desaguar?

A bôcca ja tinha livre,
Mas não acerta a fallar
A pasmada da rainha...
Cuida ainda de sonhar!

— 'Rio Doiro, rio Doiro,
Rio de mau navegar,
Dize-me, essas tuas'aguas
Adonde as foste buscar;

'Dir-te-hei a perola fina
Aonde et' a fui roubar.
Ribeiras correm' ao rio
O rio corre a la' mar;

'Quem me roubou minha joia,
Sua joia lhe fui roubar!..'
O moiro que assim cantava,
Gaia que o estava a mirar!..

Quanto o mais mirares, Gaia,
Mais formoso o hasde achar!
— 'Que de barcos que alli' veem!' —
— 'Barcos que nos veem' buscar.'
— 'Que lindo castello aquelle!'
— 'É o do moiro Alboazar!'

CANTIGA SEGUNDA

Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pensar,
Ruins fadas te fadaram,
Má sina te feram dar.

Do que tens não faze' conta,
O que não tens cubigar!..
Zahara, a flor dos teus cuidados,
Ja te não dá que pensar.

A rainha, que era tua,
Que não soubeste guardar,
Agora morto de zelos
Do morto a queres cobrar.

Oh! que barcos são aquelles
Doiro acima a navegar?
A noite escura cerrada,
E elles maninho a remar!

Cozeram-se com a terra,
Lá se foram incostar;
Entre os ramos dos salgueiros
Mal se podem divisar.

Um homem saltou na praia:
Onde irá n'aquelle andar?
Leva bordão e esclavina,
Nas contas vai a rezar.

Inda a névoa tolda o rio,
O sol ja vem a rasgar,
Pela incosta do castello
Vai um romeiro a cantar:

— 'Sanctiago de Galliza,
Longe fica o vosso altar:
Peregrino que lá chegue
Não sabe se ha de voltar.'

Na incosta do castello
Uma fonte está a manar;
Donzella que está na fonte
Pôs-se o romeiro a escutar.

A donzella está na fonte,
A jarra cheia a deitar:
— 'Bemditto sejais, romeiro,
E o vosso doce cantar!

‘Por éstas terras de moiros
É maravilha de azar,
Ouvir cantigas tam sanctas,
Cantigas do meu criar.

‘Sette padres as cantavam
Á roda de um bento altar;
Outros sette respondiam
No côro do salmear,

‘Entre véspera e completas,
E os sinos a repicar.
Ai triste da minha vida
Que os não oiço já tocar!

‘E as rezas d’estes moiros
Ao démo as quizera eu dar.’
Ouvireis ora o romeiro
Resposta que lhe foi dar :

—‘Deus vos mantenha, donzella,
E o vosso cortex fallar :
Por éstas terras de moiros
Quem tal soubera de achar!

‘Por vossa tenção, donzella,
Uma reza heide rezar
Aqui aopé d’esta fonte,
Que não posso mais andar.

Oh! que fresca está a fonte,
 Oh! que sede de mattar!
 Que Deus vos salve, donzella,
 Se aqui me deixais sentar.'

— 'Sente-se o bom do romeiro,
 Assente-se a descansar:
 Fresca é a fonte, doce a agua,
 Tem virtude singular.'

D'outra não bebe a rainha
 Que aqui m'a munda buscar
 Por manhazinha bem cedo,
 Antes do o sol aquentar.'

— 'Doce agua deve de ser,
 De virtude singular:
 Dae-me vós uma vez d'ella,
 Que me quero consolar.'

— 'Beba o peregrino, beba
 Por ésta fonte real,
 Cântara de prata virgem,
 Tem mais valor que oiro tal.'

— 'Dona Gaia que diria,
 Que faria Alboazar
 Se visse o pobre romeiro
 Beber da fonte real?.'

— ‘Inda era noite fechada
 Meu senhor foi a caçar :
 Maus javardos o detenham,
 Que é bem ruim de aturar !

‘Minha senhora, coitada,
 Essa não tem que fallar :
 Quem ja teve fontes de oiro
 Prata não sabe zelar.’

— ‘Pois um recado, donzella,
 Agora lhe heis de levar ;
 Que o romeiro christão.
 Lhe deseja de fallar.

‘Da parte de um que é ja morto,
 Que morreu por seu pezar,
 Que á hora de sua morte.
 Este anel lhe quiz mandar.’

Tirou o anel do dedo
 E na jarra o foi deitar :
 — ‘Quando ella beber da agua
 No anel hade attentar.’

Foi-se d’alli a donzella,
 Ia morta por fallar...
 — ‘Anda ca, ó Peronella,
 Criada de mau mandar.

‘Tua ama morrendo á sêde
E tu na fonte a folgar?’
— ‘Folgar não folguei, senhora,
Mas deixei-me adormentar,

‘Que a moira vida que eu levo
Ja não n’a posso aturar.
Ai terra da minha terra,
Ai Melhor da beira-mar!

‘Aquella sim que era vida,
Aquillo que era folgar!
E em sancto temor de Deus:
Não aqui n’esto peccar!’

— ‘Cal-te, cal-te, Peronella,
Não me queiras attentar;
Que eu a viver entre moiros
Me não vim por meu gostar.

‘Mas ja tenho perdoado
A quem lá me foi roubar;
Que antes escrava contente,
Do que rainha a chorar.

‘Forte christandade aquella,
Bom era aquelle reinar!
Viver só, desamparada,
Ver a moira em meu logar!..’

Lembrava-lhe a sua offensa,
Está-lhe o sangue a queimar:
Na agua fria da fonte
A séde quiz apagar.

A fonte de prata virgem,
Á bôcca foi a levar,
As ricas pedras do annel
No fundo viu a brilhar.

— ‘Jesus seja co’a minha alma!
Feitiços me querem dar...
O fogo a arder dentro n’agua,
E ella fria de nevar!’

— ‘Senhora, co’esses feitiços
Me tomára eu imbruxar!
Foi um bemditoromeiro
Que á fonte fui encontrar,

‘Que ahi deitou esse annel
Para prova singular
De um recado que vos trouxe,
Com que muito heisde folgar.’

— ‘Venha ja esse romeiro
Que lhe quero ja fallar:
Embaixador deve ser
Quem traz presente real.’

CANTIGA TERCEIRA

— ‘Por Deus vos digo, romeiro
 Que vos queirais levantar;
 Minhas mãos não são reliquias,
 Basta de tanto bejar!’

O romeiro não se erguia,
 As mãos não lhe quer largar:
 Os bejos uns sobre os outros,
 Que era um nunca acabar.

Ia a infadar-se a rainha,
 Viu que entrava a soluçar,
 E as lagrymas, quatro e quatro,
 Nas mãos sentia rollar:

— ‘Que tem o bom do romeiro,
 Que lhe dá tanto pezar?
 Diga-me las suas penas
 Se lh’as posso alliviar.’

— ‘Minhas penas não são minhas,
Que aos mortos morre o penar;
Mas a vida que eu perdi
Em vós podia encontrar.

‘Minhas penas não são minhas,
Senão vossas, mal pezar!
Que uma rainha christan
Feita moira vim achar...’

— ‘Romeiro, não tomeis cuita
Por quem se não quer cuitar:
Do que fui ja me não lembro,
O que sou não me é dezar.

‘Deus terá dó da minha alma,
Que meu não foi o peccar;
E a esse traidor Ramiro
As contas lhe hade tomar.’

— ‘Pois não espereis, senhora,
Por Deus, que póde tardar:
Dom Ramiro aqui o tendes,
Mandae-o ja castigar.’

Em pé está Dom Ramiro,
Ja não ha que disfarçar:
Aquellas barbas tam brancas
Cahiram de um impuxar.

O bordão e a esclavina
A terra foram parar ;
Não ha ver mais gentilezas
De meneio e de trajar.

Quem viu olhos como aquelles
Com que o ella está a mirar!
Quem passou ja transes d'alma:
Como ella está a passar ?

Um tremor que não é medo,
Um sorriso de inflar,
Vergonha que não é pejo,
Faces que ardem sem corar....

Tudo isso tem no semblante,
Tudo lhe está a assomar
Como ondas que vão e vêm
Na travessia do mar.

A vingança é o prazer do homem,
Da mulher é o seu manjar :
Assim perdoa elle e vive,
Ella não — que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro
E o derradeiro pensar
Que entre tantos pensamentos,
Em Gaia estão a pulhar :

Logo depois a vaidade,
O gôsto de triumphar
N'um coração que foi seu,
Que seu lhe torna a voltar.

E o rei moiro estava longe
C'os seus no monte a caçar,
Ella só n'aquella torre...
Prudencia e dissimular!

Abre a bôcca a um sorriso
Doce e triste—de mattar!
Tempéra a chamma dos olhos,
Abafa-a por mais queimar.

Pôs na voz aquelle incanto
Que, ou minta ou não, é fatal;
E com o inferno no seio,
Falla o ceo no seu fallar.

Ja os amargos queixumes
Se imbrandecem no chorar,
E em sua propria justiça
Com arte finge affrouxar.

Protesta a bôcca a verdade:
—'Que não hade perdoar...'
Mas a verdade dos labios
Os olhos querem negar.

De joelhos Dom Ramiro
Alli se estava a humilhar,
Supplica, roga, promette...
Ella parece hesitar.

Senão quando, uma bozina
Se ouviu ao longe tocar...
A rainha mal podia
O seu prazer disfarçar :

— ‘Escondei-vos, Dom Ramiro,
Que é chegado Alboazar,
Depressa n'este aposento...
Ou ja me vereis mattar.’

Mal a chave deu tres voltas,
Na manga a foi resguardar;
Mal tirou a mão da cotta,
Que o rei moiro vinha a entrar :

— ‘Tristes novas, minha Gaia,
Novas de muito pezar!
Primeira vez em tres annos
Que me succede este azar!...

‘Toquei a minha bozina
Ás portas, antes de entrar,
E não correste ás ameias
Para me ver e saudar!

‘Muito mal fizeste, amiga,
Em tam mal me costumar;
Não sei agora o que fazes
Em me querer emendar...’

No coração da rainha
Batalha se estão a dar
Os mais estranhos affectos
Que nunca se hãode encontrar:

O que foi, o que é agora...
E a ambição de reinar...
O amor que tem ao moiro,
E o gôsto de se vingar...

Venceu amor e vingança:
Deviam de triumphar,
Que era em peito de mulher
Que a batalha se foi dar.

‘Novas tenho e grandes novas,
Amigo para vos dar:
Tomae ésta chave e abride,
Vereis se são de pezar.’

Com que ância elle abriu a porta,
Vista que foi encontrar!..
Palavras que alli disseram,
Não n’as saberei contar:

Que foi um bramir de ventos,
 Um bater d'aguas no mar,
 Um confundir ceo e terra,
 Querer-se o mundo acabar.

Vereis porfim o rei moiro
 Que sentença veio a dar :
 — 'Perdeste a honra, christão ;
 Vida, quero-t'a deixar.

'De uma vez, que me roubaste,
 Muito bem me fiz pagar :
 D'esta basta-me a vergonha
 Para de ti me vingar.'

Sentia-se elrei Ramiro
 Do despeito devorar ;
 Com ar constricto e affligido
 Assim lhe foi a fallar :

— 'Grandes foram meus peccados,
 Poderoso Alboazar ;
 E taes que a mercê da vida
 De ti não posso aceitar :

'Eu não vim a teu castello
 Senão só por me intregar,
 Para receber a morte
 Que tu me quizeres dar :

‘Que assim me foi ordenado
Para minha alma salvar
Por um sancto confessor
A quem me fui confessar.

‘E mais me disse e mandou,
E assim t’o quero rogar,
Que, pois foi publica a offensa,
Público seja o penar :

‘Que ahi n’essa praça d’armas
Tua gente faças junctar ;
Ahi deante de todos
A vida quero acabar

‘Tangendo n’esta bozina,
Tangendo até rebentar ;
Que digam todos que isto virem,
E lhes fique de alembrar :

« Grande foi o seu peccado,
No mundo andou a soar ;
Mas a sua penitencia
Mais alto som veio a dar. »

·Quizera-lhe o bom do moiro
Por força alli perdoar ;
Mas se a pérra da rainha
Jurou de á morte o levar! ...

Veis na praça do castello,
Toda a moirama a 'ajunetar;
Em pé no meio da turba
Ramiro se foi alçar.

Tange que lhe tangerás,
Toca rijo a bom tocar;
Por muitas leguas á roda
Reboava o bozinar.

Se o ouvirão nas galés
Que deixou a beira-mar?
Decerto ouviram, que um grito
Tremendo se ouve soar...

CANTIGA QUARTA

—‘Sanctiago!.. Cerra, cerra!
Sanctiago, e a mattar!’
Abertas estão as portas
Da tórre de par em par.

Nem atalaias nos muros,
Nem roldas para as velar...
Os moiros despercebidos
Sentem-se logo apertar

De um tropel de leonezes
Ja portas a dentro a entrar.
Deixa a bozina Ramiro,
Mão á espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,
Sem mais pôr nem mais tirar,
Parte a cabeça até aos peitos
Ao rei moiro Alboazar...

Ja tudo é morto ou captivo,
 Ja o castello está a queimar;
 Às galés com seu despôjo
 Se foram logo a imbarcar.

—Voga, rema! d'além Doiro
 Á pressa, á pressa a passar,
 Que ja oiço alli na praia
 Cavallos a relinchar.

'Bandeiras são de Leão
 Que lá vejo tremular.
 Voga, voga, que além Doiro
 É terra nossa!... A remar!

'D'aqui é moirama cerrada
 Até Coimbra e Thomar.
 Voga, rema, e d'além Doiro!
 D'aquem não ha que fiar.'

Á poppa vai Dom Ramiro
 De sua galé real, . . .
 Leva a rainha á direita,
 Como quem a quer honrar:

Ella, muda, os olhos baixos!
 Leva n'agua... sem olhar,
 E como quem de outras vistas
 Se quer só desaffrontar.

Ou Dom Ramiro fingia
Ou não vem n'isso a attentar;
Ja vão a meia corrente,
Sem um para o outro fallar.

Ainda arde, inda fumega
O alcaçar de Alboazar;
Gaia alevantou os olhos,
Triste se pôs a mirar;

As lagrymas, uma e uma,
Lhe estavam a desfiar,
Ao longo, longo das faces
Correm... sem ella as chorar.

Olhou elrei para Gaia,
Não se pôde mais callar;
Cuidava o bom do marido
Que era remorso e pezar

Do mau termo atraídoado
Que com elle fôra usar
Quando o intregou ao moiro
Tam só para se vingar.

Com a voz internecida
Assim lhe foi a fallar
— 'Que tens, Gaia... minha Gaia?
Ora pois! não mais chorar,

‘Que o feito é feito...’—‘E bem feito!’
Tornou-lhe ella a soluçar,
Rompendo agora n’uns prantos
Que parecia estalar;

‘E bem feito, rei Ramiro!
Valente acção de pasmar!
Á lei de bom cavalleiro,
Para de um rei se contar!

‘Á falsa fé o mattaste...
Quem a vida te quiz dar!
Á traição... que d’outro modo,
Não es homem para tal.

‘Mattaste o mais bello moiro,
Mais gentil, mais para amar
Que entre moiros e christãos
Nunca mais não terá par.

Perguntas-me porque choro!..
Traidor rei, que heide eu chorar?
Que o não tenho nos meus braços,
Que a teu poder vim parar.

‘Perguntas-me o que miro!
Traidor rei, que heide eu mirar?
As tórres d’aquelle alcaçar,
Que ainda estão a fumegar.

'Se eu fui alli tam ditosa,
Se alli soube o que era amar,
Se alli me fica alma e vida...
Traidor rei, que heide eu mirar!'

— 'Pois *mira, Gaia!*' E, dizendo,
Da espada foi arrancar:
'*Mira, Gaia,* que esses olhos
Não terão mais que mirar.'

Foi-lhe a cabeça de um talho;
E com o pé, sem olhar,
Borda fóra impuxa o corpo...
O Doiro que os leve ao mar.

Do estranho caso inda agora
Memoria está a durar:
Gaia é o nome do castello
Que alli *Gaia* fez queimar;

E d'além Doiro, essa praia
Onde o barco ia a aproar
Quando bradou — '*Mira, Gaia!*'
O rei que a vai degollar,

Ainda hoje está dizendo
Na tradição popular,
Que o nome tem — MIRAGAIA
D'aquelle fatal mirar.

VERSÃO FRANCEZA

I

Nuit sombre, mais si belle encor !
Belle nuit, à travers ton ombre,
Oh ! qui de tes étoiles d'or
Pourra jamais compter le nombre ?

Compte-t'on les feuilles du bois ?
Ou de la mer les grains des sables ?
De l'Éternel telle est la voix
Écrite en lettres innombrables.

Hélas ! dans ce livre divin
Nul ne peut espérer de lire !
Un ange l'essaierait en vain ;
Son savoir n'y pourrait suffire.

Dom Ramire, dans son palais
Vivait heureux avec la reine,
Un juif maudit troubla leur paix
Et brisa leur tant douce chaîne.

Il prédit au roi, trop flatté
Du beau destin qu'on lui dévoile,
Que Zahara, fleur de beauté
Serait à lui ! . . . c'est son étoile !

Le roi, que l'amour tient au cœur,
Va, plein du feu qui le dévore,
D'Alboazar ravir la sœur
Et fuit avec la belle Maure.

À Milhor, lieu rempli d'attraits,
Dont la mer baigne les rivages,
Tous deux sans soucis, sans regrets
Passaient leurs jours exempts d'orages.

La reine de ce coup affreux
Gémit et pleure et pleure encore :
Trahir ainsi ses chastes feux !
La délaisser pour une Maure !

Triste et rêveuse, à son balcon,
Seule, durant la nuit obscure,
Victime d'un lâche abandon
Elle succombe à sa blessure :

— 'Roi Ramire ! perfide roi,
Pourquoi me causer cette peine ?
Mon cœur a-t'il trahi sa foi ?
Je t'aimais tant ! . . . pourquoi ta haine ?

'On dit qu'elle a quelques attraits
Cette Maure, cette infidèle ;
Tu m'as pourtant, quand tu m'aimais,
Dit cent fois que j'étais plus belle.

'On dit qu'elle a mille agréments,
Qu'elle est jeune, à la fleur de l'âge.
Moi, j'ai compté vingt trois printemps
Après mon triste mariage.

'Ses yeux sont noirs ! ce sont des yeux
Si beaux, si fiers, si pleins de charmes !
Hélas ! les miens ne sont que bleus . . .
Et puis toujours remplis de larmes !

'On nomme Zahara la *Fleur*. . .
Gaia c'est le nom qu'on me donne !
Gaia j'étais dans mon bonheur ;
 Plus ne le suis — l'on m'abandonne !

' Oh ! que ne suis-je un homme, hélas !
 Dans le transport qui me dévore,
 J'irais moi-même de ce pas
 Trouver Alboazar le more.'

Elle achevait ces mots : soudain
 Tournant ses regards vers la terre
 Elle aperçoit dans le lointain
 Des chevaux, des hommes de guerre.

— ' Peronelle, vois-tu là-bas
 Ces armes qui brillent dans l'ombre ?
 Regarde. . . ce sont des soldats ;
 D'où viennent-ils ? quel est leur nombre ?

La suivante, d'un air surpris
 Paraît écouter ce langage ;
 Des joyaux, des bijoux de prix
 De son silence étaient le gage.

Où sont ses autres serviteurs ?
 En vain la reine les appelle
 Sept cavaliers, malgré ses pleurs,
 Bientôt se sont emparés d'elle.

De leurs turbans les plis soyeux
 Randent ses yeux, ferment sa bouche ;
 Et trois dans leurs bras vigoureux
 La soulèvent d'un air farouche.

Ils sont entrés sept au palais ;
 Sept autres en sentinelle.
 Pas un mot . . . tous semblent muets . . .
 Et vite en selle ! . . . ils sont en selle !

Un seul parait les commander :
 Sur son coursier il tient la reine . . .
 — 'Allons !' dit-il 'il faut marcher !'
 Tous au galop fendent la plaine.

Point de répit, point de repos,
 Chacun stimule sa monture.
 Ils courent par monts et par vaux,
 Ils courent tant que la nuit dure.

Dans les torrents, poitrail dans l'eau
 — 'A gué, marchons ! que l'on avance !
 Ailleurs, sur les flancs d'un côteau :
 — Houp ! en avant ! que l'on s'élançe !

Le jour se lève radieux,
 Ils sont près de la mer profonde,
 Quel est ce fleuve sinueux ?
 Qui vient s'engouffrer dans son onde ?

La reine ouvre ces yeux enfin,
 Sa bouche est libre, elle respire :
 Las ! elle songe à son destin
 Et tout bas tristement soupire.

— 'Douro, fleuve aux perfides eaux,
 Qui de dangers sèmes ta course,
 Ne veux-tu donc pas de tes flots,
 Me révéler quelle est la source ?

' Je te dirai par quel moyen
 Cette perle est en ma puissance :
 À qui m'a dérobé mon bien
 J'ai dérobé son espérance.

' C'est le sort qui le veut ainsi ;
 Tout suit cette pente secrète.
 Par les eaux du torrent grossi,
 Le fleuve dans la mer se jette.

Ainsi chantait le ravisseur,
 Et Gaia l'écoutait sans haine.
 Bientôt de ton heureux vainqueur,
 Gaia, tu porteras la chaîne.

— ' Mais que font ces barques sur l'eau ?'
 — ' Elles viennent chercher la reine.'
 — ' Quel est ce superbe château ?'
 — ' D'Alboazar c'est le domaine.'

II

Roi Ramire, roi malheureux,
 À ta naissance un noir génie,
 T'a jetté quelque sort fâcheux
 Qui devait tourmenter ta vie.

Peu satisfait de ce qu'il a,
 À d'autres biens ton cœur aspire.
 Ta fleur de beauté, Zahara,
 Sur toi n'exerce plus d'empire,

La reine qu'on t'a vu chérir
Et qui par toi fut délassée . . .
Tu veux au more la ravir ;
C'est là maintenant ta pensée.

Quelle est cette barque qui fuit,
Et du Douro va fendant l'onde ?
Le bruit des rames, de la nuit
Trouble à peine la paix profonde.

Elle glisse sur les roseaux,
Elle est déjà près du rivage ;
Les saules penchés sur les eaux
La cachent sous leur vert feuillage.

Un homme s'élançe soudain ;
D'un bond il a touché la terre.
Il tient un bourdon d'une main,
Et de l'autre porte un rosaire.

Bientôt le soleil du matin
Répand sa clarté sur la rive.
Près du castel un pèlerin
Fait entendre sa voix plaintive.

— 'Saint de Galice, qu'à genoux
Le pauvre pèlerin imploie,
Pour arriver au rendez-vous.
Que ton autel est loin encore !

Au pied de la tour du palais
Coule une source claire et vive :
Une jeune fille est auprès,
Elle est là, debout et pensive.

Elle écoutait d'un air rêveur
L'eau tombant de sa coupe pleine ;
— ' Oh ! votre voix, bon voyageur,
M'a causé la plus douce peine.

' Sur cette terre de maudits,
C'est pour moi bien grande merveille
D'entendre ces chants du pays,
Qui jadis frappaient mon oreille.

' Sept prêtres, autour de l'autel,
Chantaient alors cette prière,
Sept autres au chant solennel
Répondaient d'une voix austère.

' Le chœur entier psalmodiait,
Tous priaient d'une âme fervente ;
Et la cloche retentissait
Portant au ciel sa voix bruyante.

' Ce son qui vibrait dans les airs,
Que ne puis-je l'entendre encore ?
Que ne puis-je au fond des enfers
Étouffer tous les chants du more !

— ' Que le bon Dieu veille sur vous !
Qu'il vous bénisse, jouvencelle !
Une telle langage semble doux
Où règne en maître l'infidèle,

' Je veux prier pour vous, hélas !
Je souffre et me soutiens à peine,
Il faut que s'arrêtent mes pas
Près de cette claire fontaine.

'Ah ! qu'on est bien ! quelle fraîcheur !
Comme cette eau me semble belle !
Laissez asseoir le voyageur ;
Dieu vous le rendra, jeune et belle.'

— 'Asseyez-vous, bon pèlerin,
— 'Asseyez-vous sur cette pierre ;
L'eau qui coule dans ce bassin
Est douce et fraîche, et désaltère.

'La reine en boit à son réveil ;
J'en viens chercher avant l'aurore ;
Je viens, avant que le soleil
Ne l'ait pu réchauffer encore.'

— 'Cette eau si pure doit avoir
Une vertu particulière.
Ah ! pour juger de son pouvoir,
Donnez m'en, je vous prie, un verre.'

— 'Buvez, buvez, bon pèlerin,
À la fontaine du roi mere.
Tenez ; ce vase d'argent fin
Vaut de l'or . . . il vaut mieux encore.'

— 'Mais que dirait votre seigneur ?
Que dirait Gaia, votre reine ;
S'ils voyaient l'humble voyageur
Boire à la royale fontaine ?'

— 'Alboazar, avant le jour,
A quitté ce lieu solitaire.
Il est dans les bois d'alentour,
Aux sangliers faisant la guerre.

‘Ma maîtresse de ce trésor
Ne peut se montrer soucieuse :
Pour qui posséda vases d’or,
Cette coupe est peu précieuse.’

— ‘De grace ! Encore une faveur !
Dites-lui, bonne jeune fille,
Qu’un pauvre chrétien voyageur
Désire être conduit près d’elle.’

‘Dites-lui bien qu’un malheureux,
Mort de chagrin et de misère,
L’a de cet anneau précieux
Fait pour elle, dépositaire.’

Il tire de son doigt l’anneau,
Dans le fond du vase il le jette :
— ‘Quand elle boira de cette eau
Sa surprise sera complète !’

Mais la jeune fille a bientôt,
En courant, quitté la fontaine.
— ‘Pourquoi ne pas venir plus tôt ?’
Dit, d’un ton sévère, la reine,

‘Joyeusement tu folâtrais,
Quand de soif mourrait ta maîtresse ?
— ‘Oh ! non, tristement je songeais,
Car je songeais à ma jeunesse.’

‘Que mon destin me semble amer !
Ici, pour moi quelle existence !
Ó Milhor que baigne la mer,
Milhor, pays de mon enfance !

‘ Là, chaque jour est un plaisir,
Gaiement se passe le bel âge ;
C'est là qu'à Dieu l'on peut offrir
D'un saint amour le pur hommage !

— ‘ Tais-toi, Peronelle, tais-toi,
Ne réveille pas ma souffrance :
Tu sais bien que ce n'est pas moi
Qui désirais cette existence.

‘ Mais à mon ravisseur enfin
J'ai pardonné, rendu les armes.
Esclave, je vis sans chagrin ;
Reine, je vivais dans les larmes.

‘ Ce vain titre était peu pour moi,
Trop peu pour tromper ma disgrâce.
Voir, auprès d'un époux sans foi,
Une more occuper ma place !’

À ce souvenir, de rougeur
Soudain son beau front se colore
Puisse cette eau, par sa fraîcheur,
Calmer la soif que la dévore !

Elle prend le vase d'argent,
Le porte à ses lèvres brûlantes,
Et voit luire au même moment
De l'anneau les pierres brillantes.

— ‘ C'est un sort, Jésus, mon sauveur !
Que l'on veut jeter sur mon âme :
Cette eau glace par sa fraîcheur,
Et dans le fond c'est de la flamme.’

— 'Voilà ce charme merveilleux
 Qui me tenait loin de la reine.
 C'est au pèlerin malheureux
 Que j'ai vu près de la fontaine ;

'C'est lui que dans le fond de l'eau
 A voulu déposer ce gage :
 De ses souhaits ce riche anneau
 Devait servir de témoignage.'

— 'Oh qu'il vienne ce voyageur,
 Qu'il vienne ici ! que je l'entende !
 Car je veux voir l'ambassadeur
 Qui m'apporte une telle offrande.'

III

— 'Ne baisez point ainsi ma main ;
 De grâce, je vous en conjure :
 Cessez, cessez, bon pèlerin,
 Et quittez cette humble posture.'

Mais le pèlerin à ses vœux
 Résiste . . . il devient téméraire,
 Et ses baisers vont, deux à deux,
 Tomber sur cette main qu'il serre.

La reine a pâlit cette fois,
 Dans son cœur le courroux fermente.
 Soudain, elle sent sur ces doigts
 Couler une larme brûlante . . .

— 'Qui peut causer, bon pèlerin,
La douleur que je vois paraître ?
Là, contez-moi votre chagrin ;
Je puis vous soulager peut-être.'

— 'Oh ! non, ce n'est pas mon chagrin ;
La mort fait cesser la souffrance :
Mais en vous j'espérais enfin
Retrouver ma douce existence.'

'Oh ! non ; ce n'est pas mon destin,
C'est la vôtre que je déplore :
La compagne d'un roi chrétien
Devenir celle d'un roi more !'

— 'Ah ! ne me parlez pas ainsi !
La pitié peut être indiscreète.
Du présent je n'ai nul souci,
Et du passé rien me regrette.'

'Dieu m'accordera son pardon ;
Ce n'est pas moi qui fus coupable.
De cette lâche trahison
Ramire doit être comptable.'

— 'Le ciel, jusqu'ici trop clément,
Doit en effet punir ce traître.
Ordonnez donc son châtiment,
Ramire à vos yeux va paraître.'

Ramire se lève soudain,
Et laissant là toute imposture,
De sa barbe de pèlerin
Il a dépouillé sa figure.

Le bourdon qu'il tient dans sa main
Près de là va rouler à terre ;
Et d'un geste plein de dédain,
Il jette à ses pieds son rosaira.

Qui pourrait dire de quels yeux
Le regardait la noble dame,
Quels sentiments impétueux
Troublaient en ce moment son âme ?

Elle tremble, mais non de peur ;
Sans gaieté, sa bouche est riante :
Elle est honteuse, sans pudeur ;
Elle pâlit . . . elle est brûlante.

On voit ces sentiments divers
Se succéder sur son visage,
Comme les flots, au sein des mers,
Se heurter dans un jour d'orage.

À l'homme la vengeance plait ;
Pour la femme c'est un délice ;
L'un pardonne, il est satisfait ;
L'autre veut qu'elle s'accomplisse.

Sous le poids de ce souvenir,
Dont la reine a l'âme oppressée,
Ce fut là son premier désir,
Ce fut sa dernière pensée.

Et puis, pour elle quel honneur !
Combien elle doit être vaine,
De pouvoir triompher d'un cœur
Qui revient reprendre sa chaîne !

Mais dans les forêts d'alentour
Chasse en ce moment le roi more,
Elle est seule dans cette tour . . .
Il faut se taire et feindre encore.

Elle sourit, mais tristement,
De ce sourire qui fend l'âme,
Et voile son regard charmant
Pour mieux en tempérer la flamme.

De sa voix le son enchanteur
Séduit par son pouvoir funeste ;
Et si l'enfer est dans son cœur,
Sa parole est toute céleste.

Elle paraît près de fléchir,
Ses pleurs ont calmé sa colère ;
Son âme feint de s'attendrir
Et sa douleur est moins amère.

Elle répète, en sanglotant :
— ' Pour pardonner, je suis trop fière.'
Mais ses yeux, dans le même instant,
Semble dire tout le contraire.

Dom Ramire est à ses genoux ;
D'une voix émue, il l'implore ;
Il veut désarmer son courroux ;
Il supplie . . . elle hésite encore.

Soudain, on entend retentir
Le bruit du cor, là dans la plaine ;
La reine se sent tressaillir
Bien plus de plaisir que de peine.

— 'C'est Alboazar, c'est le roi !'
 Dit-elle : 'cachez-vous, Ramire :
 S'il vous voit, c'en est fait de moi ;
 Fuyez, ou, sous vos yeux, j'expire.'

A peine elle a, d'un air troublé,
 Fermé la porte, et par prudence,
 Dans son sein déposé la clé,
 Que vers elle le roi s'avance.

— 'Tristes nouvelles, je le vois,
 Nouvelles de mauvais augure !
 C'est du moins, la première fois
 Que m'arrive cette aventure.

'Avant d'entrer dans cette cour,
 J'ai sonné du cor dans la plaine,
 Et sur les créneaux de la tour
 Je n'ai pas vu venir la reine.

'C'est mal à vous, ma chère enfant,
 D'avoir manqué d'exactitude.
 Me faudra-t-il donc maintenant
 Renoncer à cette habitude ?'

Une horrible perplexité
 A troublé l'esprit de la reine ;
 Son triste cœur flotte agité
 Entre l'indulgence et la haine.

Le souvenir de ses beaux jours,
 De l'ambition l'influence,
 Ici, de nouvelles amours,
 Là, le désir de la vengeance . . .

Bientôt la vengeance et l'amour
L'auront emporté dans son âme.
Ne devaient-ils pas, sans retour,
Triompher dans un cœur de femme ?

— ' J'ai des nouvelles, en effet,
Et d'étranges à vous apprendre.
Entrez là, dans ce cabinet ;
Vous verrez de quoi vous surprendre. '

Alboazar ouvre en tremblant,
Et recule, en voyant Ramire.
Ce qui se dit dans cet instant,
Point ne saurais vous le redire.

Ce fut comme un vent orageux,
Comme une tempête sur l'onde,
Comme si la terre et les cieux
Luttaient pour abîmer le monde.

À la raison enfin rendu,
Le roi prononce la sentence :
— ' Chrétien, ton honneur est perdu ;
Je veux te laisser l'existence.

' J'ai pu me payer largement
Du mal dont tu m'as fait victime ;
Ta honte suffit maintenant
Pour expier ton nouveau crime. '

Dom Ramire sentait son cœur
Gonflé de dépit et de rage ;
D'un air contrit, plein de candeur,
Il fait entendre ce langage !

— ‘ Bien grand, hélas ! fut mon forfait !
 Envers toi je fus trop coupable ;
 Je ne veux pas d'un tel bienfait ;
 La mort me semble préférable.

‘ C'est pour me mettre à ta merci,
 Pour me livrer à ta vengeance
 Que je suis venu seul ici ;
 Non pour implorer ta clémence.

‘ C'est pour racheter mon erreur,
 Sauver mon âme de l'abîme :
 C'est l'ordre d'un saint confesseur
 À qui j'ai confessé mon crime.

‘ Il faut, m'a-t-il dit justement,
 Et c'est mon vœu, je te le jure,
 Que public soit le châtement,
 Puisque publique fut l'injure.

‘ Ordonne ici de tes soldats
 Que la troupe se réunisse,
 Et que sous leurs yeux, mon trépas
 Satisfasse enfin ta justice.

‘ Vite ! qu'ils entendent au loin
 Le son du cor qui les appelle ;
 Que chacun, de ma mort témoin,
 En garde un souvenir fidèle.

‘ Qu'on dise, en me voyant mourir :
 — « Quelque bruit qu'ait fait son offense,
 « Un bruit plus fort va retentir,
 « Et c'est celui de la vengeance ! »

Le roi touché de son remords,
Lui veut conserver l'existence ;
Mais la reine a juré sa mort ;
Elle s'oppose à la clémence.

On voit les soldats accourir ;
Le château prend un air de fête ;
Ramire debout, sans pâlir,
Regarde la morte qui s'apprête.

— 'Sonnez, trompettes et clairons,
Et qu'au loin ce bruit retentisse !'
Et l'écho, répétant ces sons,
Annonçait l'heure du supplice :

On entendit près de la mer
Ce bruit, d'un sinistre présage ;
Et soudain s'éleva dans l'air
Un long cri, parti du rivage.

IV

— 'De par tous les saints, en avant !
En avant, allons, du courage !
Et bientôt la porte, en tombant,
Aux assaillants ouvre passage.

Sur les créneaux point de soldats,
Près des murs point de sentinelles ;
Rien ne peut arrêter leurs pas,
Ils sont maîtres des infidèles.

Sur eux ils s'élancent soudain,
Comme des lions, pleins de rage.
Ramire prend un glaive en main,
Et par ses cris, les encourage.

D'un seul coup, d'un coup sûr et prompt,
Que rend terrible sa colère,
Du More il coupe en deux le front,
Et le jette sur la poussière.

Déjà tous sont morts ou captifs ;
Du fen terrible est le ravage ;
Et les vainqueurs sur les esquifs
Ont abandonné le rivage.

— 'Alerte ! il faut quitter ces bords !
Allons, rameurs, plus de courage !
Alerte ! et redoublez d'efforts ;
J'entends des chevaux sur la plage.

'Ce drapeau, qui flotte là-bas,
De Léon c'est bien la bannière ;
Allons rameurs, force de bras ;
Voguons, voguons vers notre terre !

'Ce pays au More est soumis ;
Jusqu'à Coimbre il règne en maître.
Loin du Douro voguons, amis ;
Je dois craindre ici quelques traître.

On voit Ramire s'avancer
Vers la poupe où se tient la reine,
À sa droite il la fait placer,
Comme marque d'honneur certaine

Sans même détourner les yeux
D'un air pensif elle se lève,
Son front est resté soucieux,
Elle semble sortir d'un rêve.

Ramire parut n'en rien voir :
C'était peut-être par prudence.
À ses côtés il va s'asseoir,
Et tous deux gardent le silence.

Du malheureux Alboazar
Le château brûle et fume encore.
Gaia jette un dernier regard
Et voit le feu qui le dévore.

À ce spectacle douloureux
Son cœur est brisé de souffrance.
Des larmes coulent de ses yeux ;
Elle pleure, mais en silence,

Ramire, d'un air attendri,
La contemple et ne peut se taire ;
Il croyait, le pauvre mari,
Que son remords était sincère.

Que c'était le seul souvenir
De sa honteuse perfidie ;
Qu'elle pleurait de repentir
D'avoir au roi livré sa vie.

D'une voix pleine de douceur,
Où se peint sa vive tendresse,
Il dit : — 'Gaia, pourquoi ton cœur
Garde-t-il encor sa tristesse ?

‘ Calme, ma fièvre, ta douleur ;
Notre vengeance est satisfaite,
Mais elle, redoublant ses pleurs :
— ‘ Oh ! oui la vengeance est parfaite.

‘ De ce grand coup applaudit-toi ;
Il mérite bien qu'on l'admire,
Il est vraiment digne d'un roi,
D'un cavalier tel que Romice,

‘ Tu viens de frapper un rival,
Qui t'avait offert l'existence :
N'est-ce pas un trait bien loyal,
Une noble et belle vengeance ?

‘ Ta main a frappé, sans regret,
Le More le mieux fait pour plaire,
Des cavaliers le plus parfait
Que jamais ait porté la terre.

‘ Tu demandes, perfide roi,
D'où me vient ma vive souffrance ?
Oh ! que n'est-il auprès de moi
Pour me soustraire à ta puissance !

‘ Tu veux savoir où mes regards
Cherchent à s'arrêter encore ?
Contemple d'ici ces ramparts,
Vois la flamme qui les dévore.

‘ Là tout entière à mon honneur,
De l'amour j'ai connu l'empire ;
C'est là que j'ai laissé mon cœur . . .
Comprends-tu bien ce que je murmure ?

— ' Contente donc alors tes yeux ;
Mire, Gaia, *mire*, infidèle.
Et soudain d'un bras furieux,
Il lève son glaive sur elle.

Cédant à d'horribles transports,
D'un seul coup, il tranche sa tête,
Et du pied repousse le corps. . .
Dans la mer le Douro le jette.

De cet événement cruel
Le souvenir se garde encore :
Gaia, c'est le nom du castel
Qui fut l'asile du roi more.

À ce cri que jette bien haut
Le batelier sur cette plage,
Mirà Gaia ! tout aussitôt
Se dresse une sanglante image.

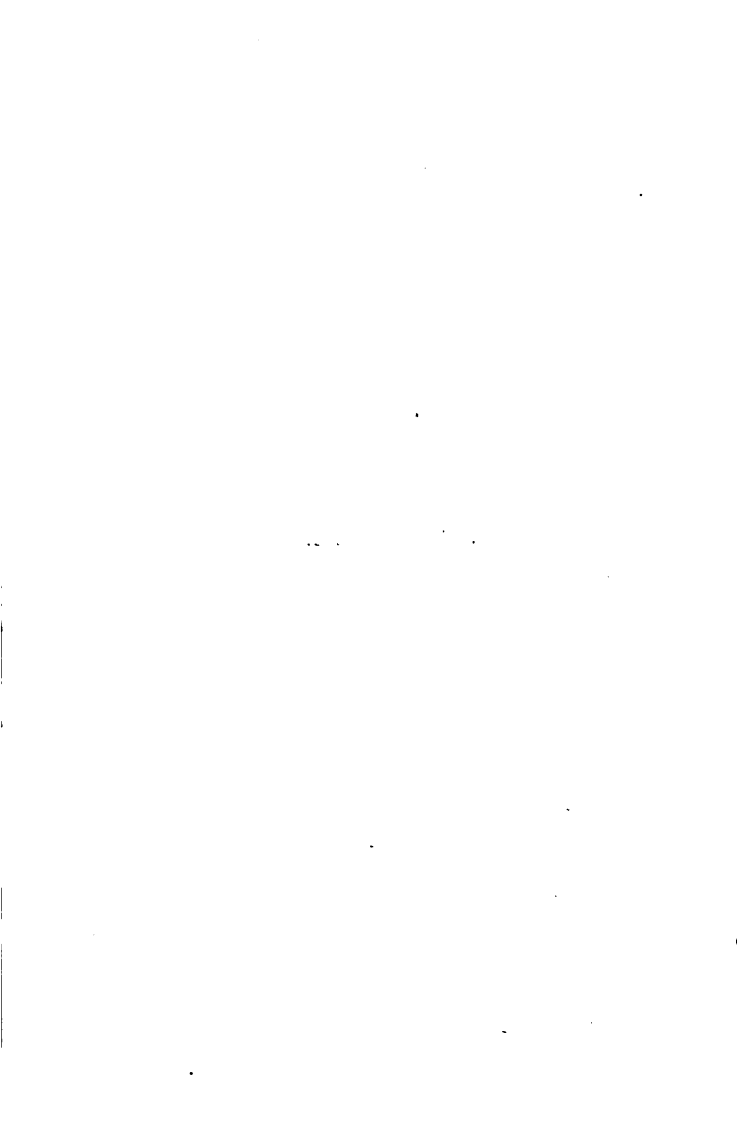
Le peuple, dit-on, conserva
De ce fait la trace fidèle ;
Et la place où Gaia *mira*
MIRA-GAIA depuis s'appelle.



VIII

POR BEM

AS PÉGAS DE CINTRA



Dou aqui logar a esta composição que, moderna, como é, e minha, toda é feita de coisas populares e antigas. A anedota devêra ter sido celebrada pelos menestres do tempo: não o foi, e eu procurei supprir o seu descuido. Não apparece pois em meu nome, senão no d'elles, embora de longe os rastreie.

Quando a primeira vez sahio de minha carteira a presente ballada foi para se imprimir na *ILLUSTRAÇÃO*¹, jornal que se publicava em Lisboa em 1845-46. Reimprimirei com ella aqui tambem a carta que então escrevi ao redactor d'aquelle jornal, porque devêras conter a historia de sua composição.

¹ *ILLUSTRAÇÃO*, vol. II, n.º 5, 1 de Agosto 1846.

Eis aqui a carta:

‘—Queria escrever-lhe um artigo, meu caro redactor, para a sua **ILLUSTRAÇÃO**, que realmente faz milagres no meio d’esta escacez de tudo, e d’estes impedimentos para tudo que caracterizam a nossa boa terra. É promessa velha e que eu devia ter cumprido ha muito. Mas como, mas quando? E que hade um homem escrever que se leia — que se leia por damas bellas e elegantes cavalheiros — quando lhe anda intallado nos bicos da penna o fatal fio da politica, que a faz espirrar e esgravatear em tudo o mais?’

‘Com as leis das eleições, e as questões da fazenda, e as organizações ministeriaes, e não sei que mais coisas taes, foi-se-me detodo a derradeira reminiscencia litteraria que ainda por cá havia. Tenho saudade d’ella, mas foi-se, ‘morreu pela patria!’

‘Não sei se morreu bem ou mal, se fez bem ou mal em morrer; mas é certo que morreu.

‘Eu porém nunca prometti, que faltasse, a homem nenhum — nem a mulher, que mais é! O ponto está que me acceitem em pagamento

aquillo que eu posso dar. Que, ás vezes, o máu pagador não é máu senão pelas absurdas e excessivas exigencias do crédor. Axioma de eterna verdade, especialmente quando applicado a tudo o que passa entre os representantes de nosso pae Adão e as representantas de nossa mãe Eva. . .

‘Passemos adeante. Quer, senhor redactor, acceitar-me, em pagamento da lettra de minha promessa, este papel que achei embrulhado entre mil rabiscos de projectos de lei, tenções de autos, notas ao orçamento e outras coisas galantes do mesmo genero?’

‘Se quer aqui o tem, e disponha d’elle.

‘Deixe-me só dizer-lhe o que é, e como foi feito.

‘Estava eu em Cintra, foi em. . . Que importa lá quando foi? Basta saber que não era n’essa estação *fashionavel* em que a elegancia de Lisboa se vai infastiar classicamente para o mais romantico sitio da terra. Era na primavera; passeavamos dois sós, ou quasi sós, n’aquelle Eden delicioso. Fomos ver o palacio; chegámos á sala das pégas. Pégas são

chocalheiras e linguarudas: eu detesto o bicho. . . e n'este tempo, estava-lhe com zanga de morte. . .

'Abominavel bicho! Isto ja lá vai ha muito tempo, meu caro redactor, e ainda me faz ferver o sangue. . .

'Passemos adeante!

'Perguntaram-me a explicação d'aquellas pégas da sala. Contei a historia popular que é tam sabida. Acharam-lhe graça, pediram-me que a possesse em verso: fiz isto.

'E isto que é? Não sei. É romance ou é apologo? É fabula ou é cantiga? Nunca fui grande classificador d'essas coisas; que fará agora!

'O que lhe sei dizer é que no seculo XVI a XVII, segundo consta do 'Fidalgo aprendiz' do nosso Francisco Manuel de Mello, se cantava em Portugal uma cantiga que começava assim como ésta:

«Gavião, gavião branco,
Vai ferido e vai voando.»

'Nunca pude encontrar o resto, nem procurei muito por elle; mas ingrabei com este

princípio, e servi-me d'elle aqui. Acha mal feito? Eu não.

‘Se soubesse, meu caro senhor, todas as circumstancias d’esta composição! Se soubesse de certa pêga ou pegas que me perseguiram com seu malditto palrear, e me queriam, ainda em cima, assacar, a mim gavião, ellas pêgas, as manhas que só ellas têm!

‘Mas ficou lograda a pêga e . . .

‘Adeus, meu amigo, outra vez, adeante! O gavião, e sobretudo o gavião branco — note — é animal nobre, de especie, genero e até de familia differente da pêga.

‘Passe muito bem. Aqui estão os versos; eu vou salvar a patria.’

‘Julho, 22 — 1846.’

POR BEM

AS PÉGAS DE CINTRA

Gavião, gavião braneo
Vai ferido e vai voando;
Mas não diz quem n'ó feriu,
Gavião, gavião branco!

O gavião é callado,
Vai ferido e vai voando;
Assim fôra a negra péga
Que hade sempre andar palrando.

A péga é negra e palreira,
O que sabe vai contando...
Muito palra, palra a péga
Que sempre hade estar palrando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
 Guardem ás vezes, fallando,
 O segredo dos sisudos
 Que elles não guardam callando.

Era uma péga no paço
 Que el-rei tomára caçando;
 Trazem-n'a as damas mimosa
 Com a estar sempre afagando.

Nos paços era de Cintra
 Onde estava el-rei poisando :
 A rainha e as suas damas
 No jardim andam folgando,

Entre assucenas e rosas,
 Entre os goivos trebellhando ;
 Umás regavam as flores,
 Outras as vão apanhando ;

E a minha péga com ellas
 Sempre, sempre palreando.
 Vinha el-rei atraz de todos
 Com Dona Mécia fallando.

Era a mais formosa dama
 Que andava n'aquelle bando :
 No hombro de Dona Mécia,
 A péga vinha poisando,

E zelosa parecia

Que os andava espreitando...

Colhêra el-rei uma rosa,

A Dona Mécia a ia dando,

Com um requêbro nos olhos

Tam namorado e tam brando...

Inda bem, minha rainha,

Que adiante te vais andando!

Pegou na rosa a danzella,

Disfarçada e está cheirando...

Senão quando a negra péga

Que lh'a tira e vai voando.

Deu um grito Dona Mécia...

E a rainha, voltando,

Deu com os olhos em ambos...

Ambos se estão delatando.

— 'Foi por bem!' lhe disse o rei,

Seu accôrde recobrando:

— 'Foi por bem!' — 'Por bem' repete

A péga em tôrno voando.

— 'Por bem, por bem!' grasna a tonta,

De má malícia cuidando

Co'a chocalheira da lingua

Andar o caso inredando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem ás vezes fallando
O segredo dos sisudos
Que elles não guardam callando

Riu-se a rainha da péga,
E ficou acreditando
Que a innocencia do caso
N'ella se estava provando.

Da péga mexeriqueira,
Do bem que fez, mal pensando,
Nos reaes paços de Cintra
A memoria está durando.

E eis-aqui, senhora, a historia
Da péga que ahí ves parlando,
Da rosa que tem no bico,
Da lettra que a está cercando.

A péga é negra e palreira,
O que sabe vai contando :
Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem segredo fallando.

O gavião, esse é outro ;
Vai ferido e vai voando :
Mas não diz quem n'ó feriu . . .
Gavião, gavião branco !

NOTAS

NOTAS



A ADOZINDA

NOTA A

O romance em que lhe fallei n'uma das minhas últimas cartas de Portugal..... pag. 3.

A Adozinda foi começada em Campolide, ao-pé de Lisboa, no verão de 1827, concluida na cadeia do Limoeiro no fim d'esse mesmo anno, e publicada em Londres no outomno de 1828, em 1 vol., 12.º sem nome do auctor, e com a seguinte breve advertencia precedendo a carta ao sr. Duarte Lessa que era o verdadeiro prefacio :

‘ADVERTENCIA.—O auctor d'este romance, animado pelo lisongeiro favor que outras publicações suas teem merecido ao público portuguez e a distinctos litteratos estrangeiros, imprehende ésta nova publicação, cujo assumpto é tirado da antiquissima tradição popular e se refere aos mais remotos tempos e costumes de nossas epochas heroicas e maravilhosas. Espera elle que não desagradará aos amantes de um ge-

pero que fez a colossal reputação de Sir Walter Scott, e restituiu á antiga Escocia — na republica das lettras — o nome e independencia que ha tanto perdêra na ordem politica.

‘Aindaque em pouco habeis mãos, a lingua portugueza sahirá mais uma vez a próva singular de bisarria com as mais cultas e gabadas linguas da Europa: e será culpa do cavalleiro, não sua, se o premio da belleza e valentia ~~he não~~ for adjudicado por todo o juiz imparcial.’ (*Nota da segunda edição.*)

NOTA B

Resummo da historia da lingua e da poesia portugueza, que vem no I vol. do PARNASO-LUSITANO pag. 4.

Foi o meu primeiro ensaio de critica litteraria, e muito ha que devo ao público reimprimi-lo emendando-o e additando-o, como tanto precisa. É trabalho que demanda porêem o vagar de outros cuidados e uma serenidade de espirito que não tenho tido. Heide fazê-lo e breve. (*Nota da terceira edição.*)

NOTA C

Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos. pag. 4.

A expressão é inexacta: os Toscanos houveram os metros hendecasyllabos dos mesmos de quem nós

os houvemos, dos trovadores. Vej. o Cancioneiro do Collegio dos Nobres. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA D

A lingua provençal, primeira culta da Europa, pag. 6.

Generalizaram esta opinião no mundo os eruditos trabalhos de Mr. Raynouard: eu duvido hoje muito d'ella, isto é, formulada d'este modo. Estou inclinado a crer que houve uma lingua romance, que teve por base o Romano-rustico fallado, e que geralmente predominou nos paizes de dominação wisigothica desde a extrema Aquitania até o que hoje é Algarve; e que esta lingua quasi-latina é o commum tronco do Provençal que morreu á nascença, do Aragonéz que não passou da infancia, do Portuguez e do Castelhana que chegaram a perfeita maturidade, e de outros mais obscuros dialectos cujo desenvolvimento as circumstancias politicas e topographicas annullaram. Nem julgo difficil demonstrá-lo; mas não é aqui o lugar, nem caberia no curto espaço de uma nota. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA E

Logo vieram esses trovadores de Provença... pag. 6.

A simples leitura dos nossos cancioneros mostra que aquella não era a poesia popular: os seus re-

quebros, todos cortezãos e palacianos, desdizem da ruda singeleza e energica originalidade do trovar do povo. E comparados aquelles cantares de saraus com os fragmentos das xácaras e solãos que a tradição oral tem conservado, aindaque pervertidos e viciados como elles andam, ve-se que estes é que são a primitiva e legitima poesia nacional. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA F

As balladas de Bürger, os romances de Sir W. Scott..... pag. 7.

Vej. na collecção intitulada *Minstrelsy of the Scottish border* (cancioneiro das fronteiras da Scocia) a historia da renascença do genero popular na Gran'Bretanha contada pelo mesmo W. Scott. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA G

Cancioneiro do Collegio dos Nobres..... pag. 10.

Ha tempos que se designa com este nome o Cancioneiro do tempo d'elrei D. Diniz que se guarda na livraria do que hoje é Escola Polytechnica, e era então Collegio dos Nobres. Copiou-o quando esteve ministro em Lisboa Sir Charles (depois Lord) Stuart, e em Paris o imprimiu, 25 exemplares creio eu, quando alli foi embaixador.

Descubriram-se, ha poucos annos, na Bibliotheca de

Evora algumas folhas que faltavam no manuscrito de Lisboa, e com este additamento se reimprimiu em Madrid ultimamente pelo zeloso cuidado do Sr. Varnhagem, ministro do Brasil n'aquella côrte. (*Nota da terceira edição.*)

NOTA H

Canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues,
etc. pag. 41.

Éstas e todas as reliquias duvidosas do nosso romance irão todavia no logar e livro competente da actual collecção. (*Nota da terceira edição.*)

NOTA I

Aquelle romancesinho de Gaia e do rei Ramiro..... pag. 42.

É um curioso e rarissimo exemplar, documento notavel da litteratura portugueza do seculo dezesette. Intitula-se Gaia, e é impresso no Porto em um folheto de 4.º, com 15 ou 20 paginas. Tenho hoje grande pena de não ter tirado cópia inteira d'elle antes de o restituir ao meu amigo o Sr. Lessa, em cujo espólio deverá estar: mas não pude obter mais noticias d'elle; e outro exemplar não o vi nem sei de quem o visse. Começa com éstas duas oitavas que agora incontro, incompletas, entre os meus apontamentos. Todo o poema é na mesma rhyma.

I

Cantemos de Ramiro rei d' Hespanha
 E de el-rei Almançor de Berberia,
 Quando por desventura tam estranha,
 No mais de Hespanha então mouros havia,
 Com ânimo cruel, com cruel sanha
 Cadaqual ao outro pretendia
 Privar de sua fama, honra e estado,
 Com todas suas fôrças e cuidado.

II

D'esse Ramiro, digo, o esferçada,
 Que d'este nome tres com elle hão ajdo,
 D'aquelle que com Gaya foi caçado
 Por quem tantos trabalhos ha soffrido. . .

(Nota da segunda edição.)

Possuo hoje um exemplar completo que devo ao obsequioso cuidado do Sr. N. M. de Sousa Moura, distincto e letrado official do nosso exercito, que, talvez por isso, não occupa n'elle o logar que lhe pertence.
(Terceira edição.)

NOTA K

Adeante copio um dos mais curiosos (o do Bernalfrancez)..... pag. 17 e 18

O romance d'este nome na primeira edição da 'Adozinda' em Londres ia inserto na presente carta: por melhor classificação vai agora separado. E o texto original, segundo o conservou a tradição dos povos, irá no logar competente do 'Romanceiro,' mas muito

mais correcto e melhorado agora pela collação das diversas versões que tenho obtido. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA L

Este terreno é sancto: inda estás vendo

Alli aquelles restos mal poupados..... pag. 23 e 24.

Em Campolide e nas alturas que avizinham o célebre aqueducto das *Aguas livres* se encontram muitos restos de fortificações antigas e que parecem de diversas datas. O proprio nome de Campolide, abreviação de campo da-lide, ficou a este sitio da batalha que alli se deu nas guerras da aclamação de D. João I. Vej. *Próvas genealogic.*, Duarte Nun. e quasi todos os nossos historiadores. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA M

... Essas arcadas,

Suberbas, elevadas..... pag. 24.

O aqueducto das *Aguas-livres* é o mais nobre e util monumento de Lisboa: edificou-o D. João V, que nem sempre impregou tam bem os immensos cabedaes dos thesouros do estado, que então regurgitavam com o ouro das minas do Brazil e de outras possessões portuguezas. D. João V todavia anqu, ao menos protegeu, as artes e as lettras; foi culpa não sua mas do seculo, se de tam mau gosto eram as lettras que

protegeu. O crepusculo de nossa reabilitação litteraria luziu em seu reinado. A isto alludem os versos :

Um rei que amou as artes, rei pacifico
 A quem amor fadou
 Que seu fôsse e das musas, etc.

Assim como alludem tambem a seus bem sabidos amores e espirito galanteador. D. João V tinha a ambição de querer imitar Luiz XIV, seu contemporaneo — até nas fraquezas. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA N

Lembra-te aquella historia
 Que ingenuo o povo nos seus trabalhos canta. pag. 29.

É a xácara ou lenda da 'Silvaninha', cujo texto original vai no lugar competente do 'Romanceiro.'
 (*Nota da segunda edição.*)

NOTA O

É singela legenda de uma santa,
 Que por brutal amor sacrificada,
 Desvalida virtude,
 Só de crime escapou no seio á morte. pag. 29.

A tradição popular attribue ésta nefanda aventura a um rei que se namorou da sua propria filha, como a antiga Myrrha se namorára de seu pae. — Prova-

velmente ambas as duas anedotas tem seu fundamento historico na chronica escandalosa das familias de alguns regulos ou senhores das diversas epochas. O observador curioso notará o differente character de duas historias tam semelhantes, e colherá o essencial ponto em que o nosso *maravilhoso* moderno differere da antiga mythologia, não tanto nos nomes de deuses e deusas e outros agentes sôbrenaturaes, mas principalmente no tom, na moral, na sensibilidade, e n'um certo não sei qué de ternura e melancholia que nos mais rudes e imperfeitos ensaios da poesia nacional se acha sempre como principal e dominante côr do quadro. A differença não está em chamar ao sol Apollo, ao amor Cupido, á guerra Marte ; sim na maneira de conceber, de pensar, de pintar, de moralisar as mesmas ideas, as mesmas coisas por differente modo. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA P

Cantiga primeira..... pag. 33.

Na primeira edição chamavam-se cantos as quatro partes d'este romance. Era dar-lhe uma pretensão de epopea que o pobre não tinha. Demais, cantiga é o nome popular verdadeiro, e por isso lh'o mudei para elle. Os antigos menestreis inglezes chamavam *fitts* — como quem diria *accessos* — os francezes *lays* — como quem diz *ramos* — ás diversas secções em que partiam os seus romances mais longos. A partição fa-

zia-se por causa do canto: e *cantiga*, 'o que se pôde cantar de uma vez' parece portanto o mais proprio nome. O Cancioneiro do Collegio-dos-Nobres diz *cantares*. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA Q

Como os picos do Gerez
Quando em Janeiro lhe neva pag. 34.

O Gerez é serra altissima na provincia do Minho, de alpestres alcantis, coberta de plantas alpinas de curiosissima *flora*; as summidades conservam quasi todo o anno resplandcentes massas de géllo. Ha nas faldas da serra as famosas aguas mineraes conhecidas pelo nome de caldas do Gerez. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA R

Mas pede Adozinda bella,
Tal virtude e formosura,
Quem lh'o hade negar a ella?
Não pôde o paes nem ninguem pag. 34 e 35.

É uma occurrencia muito commum nos romances populares, e de sincera belleza homérica, ésta de negar o senhor do castello a poisada ao peregrino, mas ceder depois ás intercessões da filha compadecida, donzella innocente e malfadada, que quasi sempre vem a ser victima de sua propria bondade.

Assim na lenda tam sabida e tam nacional de Sancta Iria :

Pedia poisada,
Meu pae lh'a negava ;
Mas eu tanto fiz
Que porfim entrava.

(Nota da segunda edição.)

NOTA S

E guiaram seu pendão
Para terras de Moirama..... pag. 37.

Moirama, na phrase do povo, quer dizer terra de moiros. N'outro genero de poesia é certo que não ficaria bem o vocabulo, mas n'este quadra. (Nota da primeira edição.)

NOTA T

Que tropel que vai nos paços
De Landim aopé dos rios..... pag. 39.

Em minha imaginação puz a scena d'este romance em um dos sitios mais pittorescos da mais formosa provincia de Portugal, o Minho. Landim (haverá mais terras do mesmo nome; ésta é a que eu conheço) é uma povoação pequena em que houve, outro tempo, uma famosa casa e pingue possessão de Jesuitas : fica perto dos rios Ave e Vizella, que não longe d'ahi se juntam para correr unidos a desimbocar em Villado-Conde e perder-se no mar. (Nota da primeira edição.)

NOTA U

Que ou são sombras de finados,

Ou de negras bruxas más

Alli ha nocturna dança..... pag. 50

Estas bôccas de cavernas, e outros recêssos—assim de bosques, montanhas e que taes, são em todos os paizes, pela imaginação do vulgo, povoados de entes mysteriosos e ás vezes malfazejos. Sombras de finados cantando seus hymnos terriveis, bruxas celebrando os torpes mysterios do seu *sabbado*, são cosmopolitas. A nossa mythologia popular tem mais outra especie de entes sobrenaturaes, que é privativa nossa.—São as *moiras incantadas*, que nem são bruxas, duendes nem fadas, mas lindas e amaveis creaturas que se divertem a incantar, a excitar os desejos dos pobres mortaes—e ás vezes, tam boas são! a satisfazê-los.

Não é d'este logar o exame, que seria bem curioso, da mythologia nacional portugueza. Basta dizer, como o A. de D. Branca, que devemos explorar ésta mina tam ricca, e tam pouco lavrada, de bellezas poeticas originaes e novas que, sem imprestimo nem favor alheio, podêmos haver do nosso e de casa. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA V

Se a ha, não lhe acudiu Deus,

Venceram peccados seus..... pag. 54.

O povo é geralmente fatalista ; e o nosso portuguez o mais fatalista que eu conheço. *Tinha de succeder,*

era coisa que o perseguia, e outras que taes razões, são a explicação de todo o phenomeno estranho que os surprehende.

Aqui a cegueira da ignorancia leva pelo mesmo caminho que os desvarios da sciencia. A coisa é a mesma ao cabo: vaidade e presumpção humana. *(Nota da primeira edição.)*

NOTA X

Mas diz que não ha condão

Peior que o da maldicção pag. 59

A maldicção do pae desacatado, ou do pobre maltrattado, passam entre o povo por ser as mais terribes e inevitaveis. Atéqui a moral de accôrdo com a crença vulgar. Mas a maldicção, hereditaria em seus effeitos, é outra parte d'este dogma popular que em verdade repugna. — É certo porém que se é acaso, o acaso tem servido muito bem os fautores d'aquella crença. *(Nota da primeira edição.)*

NOTA Y

Ah! essa alma corrompida

Mais do que teu corpo estava pag. 67.

O leitor verá n'esta passagem, no conselho de Auzenda á filha, em muitos logares d'esta e da cantiga iv principalmente, quanto fiz por me conservar perto

do romance primitivo, assim no pensamento como até na phrase e stylo, tanto quanto o permittia a de-cencia, e outras vezes a correccção da phrase, e ja tambem a indole do meu romance. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA Z

Sette annos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adozinda cumpriria..... pag. 72.

Sette annos e um dia é o periodo mysterioso de quasi todos os nossos contos de fadas, incantamentos e coisas semelhantes.

No mui galante romance do *Caçador*, que é um dos mais queridos do povo, se diz :

Sette fadas me fadaram
Nos braços de mī madrinha,
Que estivesse aqui sette annos,
Sette annos e mais um dia.

O numero sette é mysterioso em todos os povos, mas esta expressão algebrico-negromantica de $7 + 1$ creio que é só portugueza. (*Nota da primeira edição.*)

É de toda a peninsula. Vej. os romanceros castelhanos. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA AA

Arreda, arreda, infanções,
Cavalleiros, dae logar..... pag. 78

Veja o glossario de S.^{ta} Rosa para ampla explicação do que eram *infanções* entre nós. Para intelli-

gencia d'esta passagem basta saber-se que era uma especie de vassallos mais distinctos. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA BB.

E por senhor reconhecem

Ao ricco-homem de Landim pag. 80

Sobre *ricco-homem*, veja o mesmo glossario. A dignidade de ricco-homem perfeitamente obsoleta em Portugal, ainda a mencionam os fidalgos castelhanos em seus titulos.

Ricco-homem, naturalmente, quer dizer magnata, da primeira aristocracia, *procer*, grande senhor. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA CC

E essa voz diziam todos

Que era a voz de Dom Sisnando pag. 83.

Ésta especie de *vindicta-pública*, com que o povo stigmatiza a memoria dos malvados e grandes criminosos, é muito provavelmente a origem das almas-do-outro-mundo, dos *revenants*, vampiros, etc., etc.

Se se procurar bem a fonte primitiva de todas as fábulas, ver-se-ha que não ha credulidade mythologica que não tenha por base o instincto da moral e da justiça, commum a todos os povos. (*Nota da primeira edição.*)

AO BERNAL-FRANCEZ**NOTA A**

' Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh ! quem 'stá ahi ?' pag. 97.

Por estes versos começa o romance original, tradicionalmente conservado na memoria do povo, e sómente impresso a primeira vez em Londres na primeira edição da Adozinda em 1828. Ja n'outra parte se deram as razões por que irá agora esse texto no logar competente do Romanceiro, no segundo livro e segundo volume d'elle. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA B

For knowest thou not, where softest swell . . pag. 107.

A versão ingleza, quasi sempre litteral, afasta-se aqui do texto sensivelmente, mas sem alterar as proprias ideas, sómente a fórma d'ellas. (*Nota da segunda edição.*)

À NOITE DE SAN'JOÃO**NOTA A**

Tê os moiros na Moirama

Festejam a San'João..... pag. 119.

É uma cantiga popular do Minho ainda hoje cantada por toda essa noite de San'João, que n'aquellas terras ninguem dorme, como é sabido. A superstição da alcachofa é toda do Sul, toda lisboeta, talvez coirman d'aquellas de dia de Maio que o catholico senado municipal votou e prometeu a Nossa Senhora da Escada de acabar para sempre. Mas San'João fez-se um santo de exemplar tolerancia desde que lhe tiraram a cabeça por elle não poder ver, sem ralhar, as desinvoltas pernas da baiadera Herodias.

Não quero folgar com o que é serio: mas é notavel que a devoção quasi universal dos christãos tomasse para patrono e orago de seus mais livres folgares e festanças, e lhe consagrasse a mais risonha e lasciva estação do anno, ao austero percursor do Christo, o jejuador penitente do deserto, o severo censor da sóltura cortezan, o protomartyr da moralidade evangelica.

Seria que a timida singelleza de nossos passados fósse de proposito buscar aquelle austero e invisivel

inspector de seus ainda então innocentes brinquedos ?
(Nota da segunda edição.)

AO CHAPIM D'ELREI

NOTA A

Nós temos, se me não ingano, no genero narrativo popular as tres especies, romance, xacara, soláo, pag. 142.

Esta classificação é em parte conjectural, ou para fallar com mais propriedade, sim ésta é a regra, mas com tantas excepções que chegam a fazer duvidar d'ella. Os que escreviam e compunham n'aquelles tempos primitivos curavam pouco de cingir-se a regras ou classificações. D'ahi veio uma certa anarchia, constituida e fundada no exemplo, ou na falta d'elle, que se prolongou por muitos seculos depois.

A respeito de soláos, por exemplo, temos para abonar a definição que d'elles se dá no logar annotado, a auctoridade immensa de Bernardim Ribeiro na *Menina e Mόça*: ahi cap. 21.

Pondo-se a ama a pençar a menina sua criada como sohia, como pessoa agastada de algua noua dor, se quis tornar ás cantigas, e começou ella entam contra a menina que estaua pençando, a cantar-lhe um cantar á maneira de soláo, que era o que nas coisas tristes se acostumava nestas partes: e dizia assi: etc.

Mas por outra parte, temos o não menos grave pêsso de Sá-de-Miranda na egloga 4 :

Que se os velhos soláos fallam verdade,
Bem sabe ella pqr próva como Amor
Magóa, e averá de mi piedade.

Da primeira citação parece concluir-se que o soláo é, como deixo ditto, um cantar todo lyrico, de tristeza e lamentos: na segunda considera-se como narrativo e usurpando propriamente a provincia do romance. (*Nota da segunda edição.*)

Vej. o que a este respeito se escreve no liv. II do ROMANCEIRO. (*Nota da terceira edição.*)

NOTA B

Antes ser pobre e villan,

Antes, pela minha fei pag. 146.

Nas provincias transtaganas e em muitas das ilhas adjacentes pronunciam-se as palavras *fé, pé* e similiaes — *fei, pei*, etc. Talvez seja devido á antiga orthographia que nas vogaes longas, *a, e*, dobrava as letras em vez de as carregar com assento grave ou agudo. O povo, que sempre foge dos hyatos, preferiu mudar a última letra, fazendo o som mais suave. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA C

Sem bulir nem mão nem pei pag. 149.

Vej. a nota antecedente. (*Idem.*)

À ROSALINDA

NOTA A

Era por manhan de maio

Quando as aves a piar pag. 163.

O mez de maio foi sempre o valido dos poetas populares de todas as nações: um sem-número de cantigas dos trovadores provençaes, dos menestreis normandos e saxonios, dos *minnesingers* allemães começam com éstas alegrias do mez de maio. Citarei dos *minnesingers* de que aqui incontro apontamentos, por serem os menos conhecidos entre nós. Uma bella canção do tyrolez Steinmar começa:

Ich will gruen mit der sat
 Dú so wunneklichen stat;
 Ich wil mit dien bluomen bluen,
 Und mit den voheling singen:
 Ich wil louben so der walt,
 Sam dú heide sin gestalt: etc.

Outra do margrave Othon de Brandeburgo :

Uns kumt aber ein liechter meie
Der machet manig herze fruat, etc.

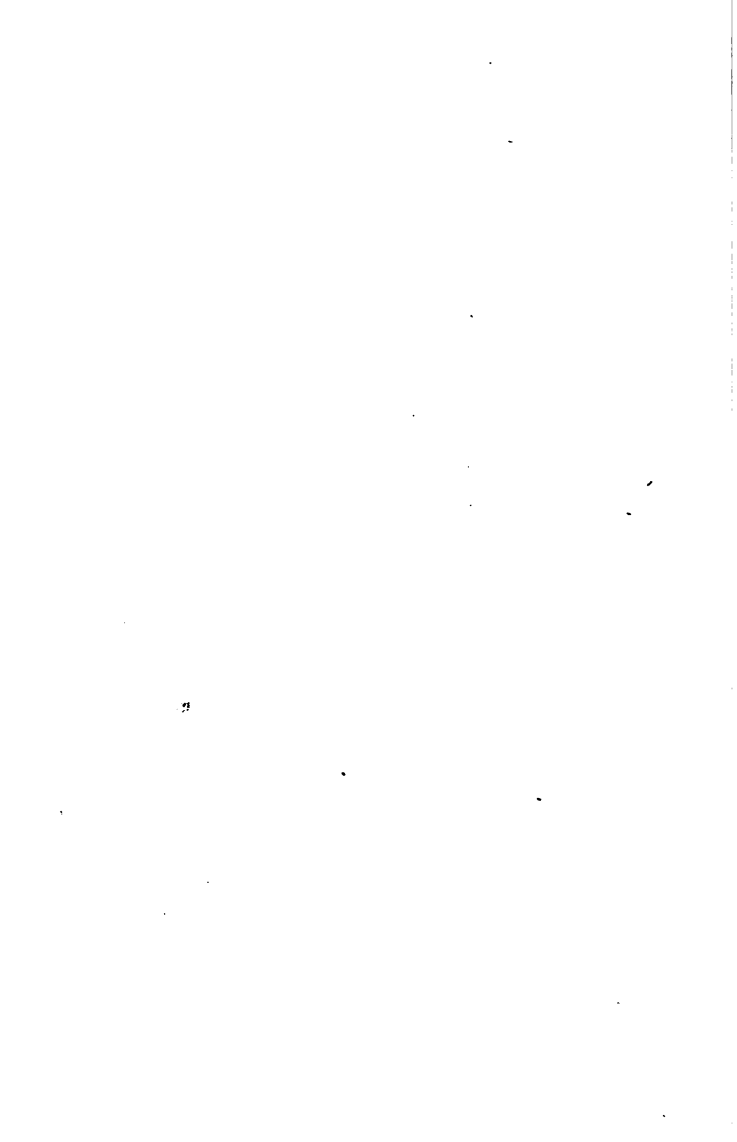
Estoutra do duque de Breslan é uma especie de drama lyrico entre o poeta, Maio, as flores, o bosque e o prado :

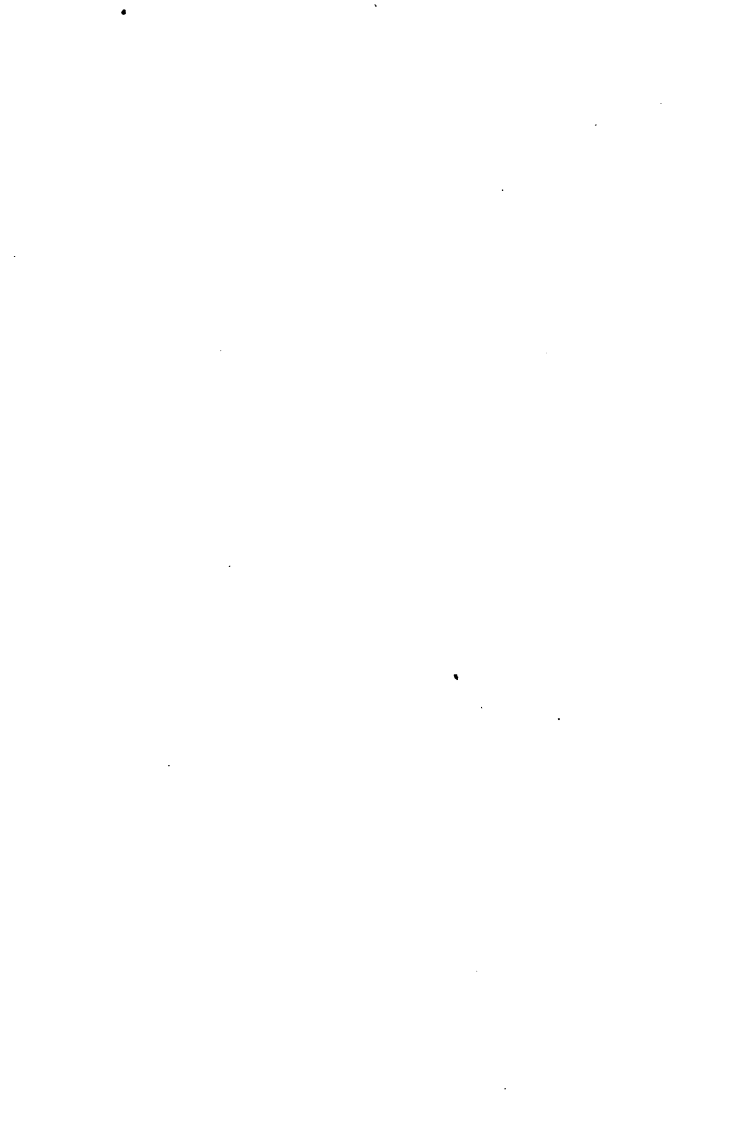
Ich clage dir, meie, ich elage dir, sumer wunne l etc.

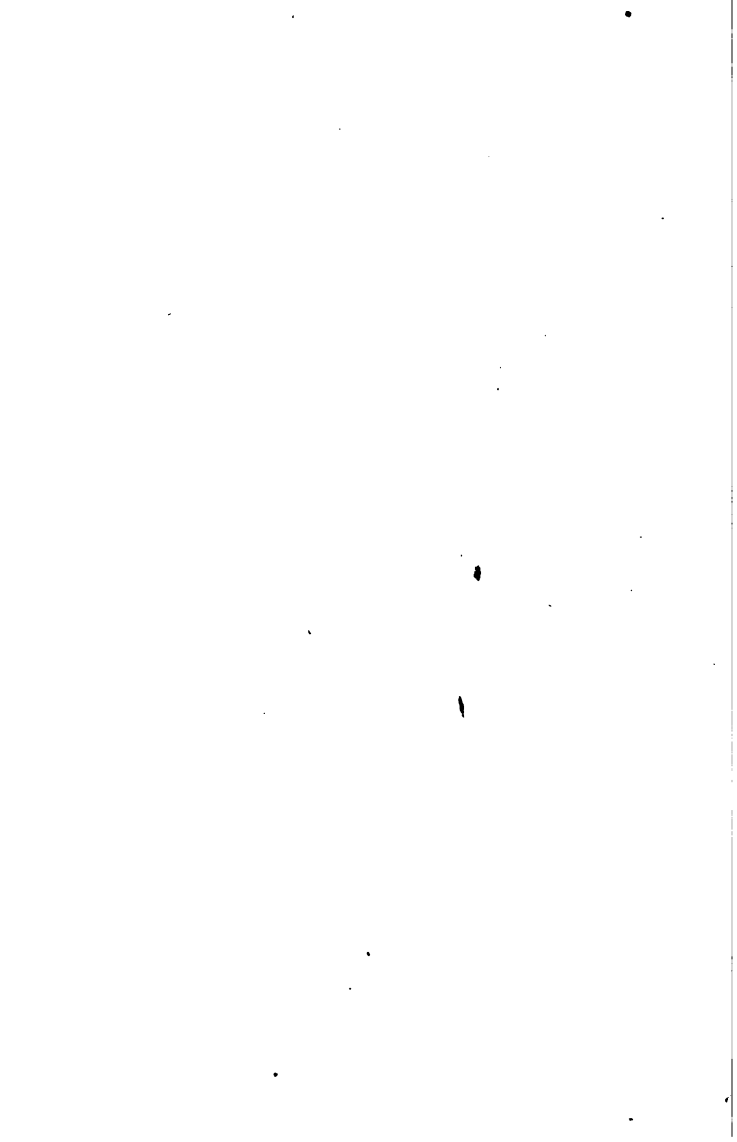
Herzog Heinrich von Pressela, IV do nome, reinou de 1266 a 1299, e foi o objecto dos elogios de todos os poetas do seu tempo. A cantiga citada é uma das mais bellas e extraordinarias composições d'aquelles seculos. (*Nota da segunda edição.*)

INDICE

	Pag.
INTRODUCCÃO dos Editores na terceira edição..	v
do A. na segunda edição	vii
ROMANCEIRO, LIVRO I.....	1
I Adozinda	33
II Bernal-francez	87
III Noite de San'João	115
IV O Anjo e a Princeza	123
V O chapim d'elrei.....	139
VI Rosalinda.....	157
VII Miragaia.....	179
VIII As Pégas de Cintra.....	235
NOTAS	247







3 vols. 7.50

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

DUPLICATE APR 11 '41

